

O MALHO

ANO XLI — NÚMERO 33 — OUTUBRO DE 1942 — PREÇO 3\$000



A MAIOR
Maravilha
deste
ANO!
O mais lindo
livro de histórias
do Mundo!
O mais completo
ALMANAQUE
do Brasil!

Em Dezembro

ALMANAQUE D'O TICO - TICO

Nós lhe recomendamos...



Casa Muniz
CRISTAIS E
PORCELANAS
RUA DO OUVIDOR, 102




Caspa?
Queda do Cabelo?
**PETROLEO
SOBERANA
SÓ**
SOBERANA

Um corte
ou um terno
de
Aurora

"A CASIMIRA PERFEITA"



**Casa
MUNDIAL**
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS - CINTOS - CARTEIRAS
RUA CARIÓCA, 63 - TEL. 22-2948
RIO DE JANEIRO
OS MELHORES ARTIGOS PELOS MELHORES PREÇOS



**CIGARROS DE
ESTRAMONIO
"GONZAGA"**
Ásma bronquite
e moléstias do
aparelho
RESPIRATORIO

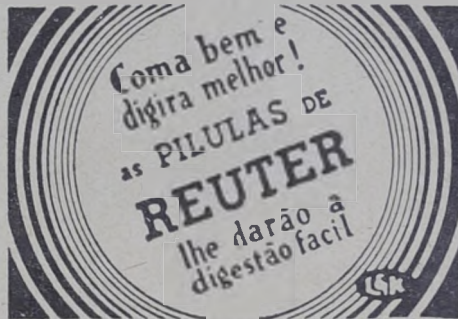
**MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
DR. FRIDEL**
(CHEFE DA "CLINICA
DR WITTRÖCK")
Tratamento dos vômitos, diarréia,
anemia, fastio, tuberculose sífilis e
moléstias da pele.
RAIOS ULTRA - VIOLETA
Rua Miguel Couto 5 — Tel. 22 - 0713



**PROLONGUE
A VIDA DE
SUA CANETA
USANDO**
Tinta Sardinha
A TINTA SUPER FLUIDA



casa e jardim
GALERIA HELBERGER
RUA BUENOS AIRES 79, RIO
RUA BAR DE ITAPEATINGA 41, SÃO PAULO
Os presentes mais lindos e originaes
para todas as ocasiões



Coma bem e
digira melhor!
as **PILULAS DE
REUTER**
Ihe darão a
digestão facil



**BOLSAS
CALÇADOS
CARTEIRAS
CINTOS**
Henry Marcel
Rua
Miguel Couto 45
(Ourives)
Tel. 23-6374
FABRICAS PROPRIAS

DR. RAUL PACHECO
**PARTEIRO E
GINECOLOGISTA**
TELS. 42-6853 - 26-6729
Rua Senador Dantas, 46-1.º andar

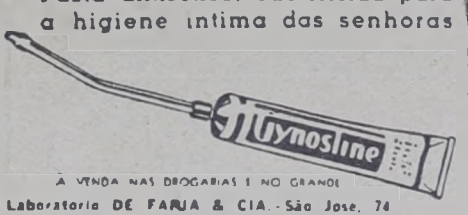


**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SÓ COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN



ÓTICA BRASIL
UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO
BRASILEIRA EM ÓTICA
**ÓTICA-FOTOGRAFIA
CANETAS TINTEIROS**
RUA BUENOS AYRES, 210
Tls. 43-7737 - 43-2315
O RECORTE DESTA ANUNCIO
VALE O DESCONTO DE 10%

PARA A SUA SAUDE E O SEU REPOUSO
QUISISANA HOTEL
POÇOS DE CALDAS
E
IMPERIAL HOTEL
LAMBARY
Informações
Edifício REX 5º and
Sala 504
Tel. 22-8554 Rio

GYNOSTINE
Pasta antiséptica, bactericida para
a higiene íntima das senhoras

A VENDA NAS DROGARIAS E NO GRANDE
Laboratório DE FARIA & CIA - São José, 74

**PRATAS PORTUGUESAS
OBJETOS DE ARTE
MARIO XAVIER**
RUA SENADOR DANTAS 118, D.
TELEF. 42 6606 - RIO



**15 ANOS MENOS EM
15 MINUTOS COM
IMÉDIA**
O RECOLORANTE DO CABELO BRANCO
UMA ESPECIALIDADE
L'ORÉAL PARIS



**CÉRA NATAL
CONCENTRADA**
PARA
SOALHOS,
MOVEIS E COUROS
BRILHO INCOMPARAVEL
NAO INFLAMA



**1
VIDRO DE
MINORATIVAS**
LIVRA-O
DA
PRISÃO DE VENTRE
EM QUALQUER IDADE



SEGURO CONTRA ACIDENTES NA PRÁTICA DE ESPORTE

Os acidentes ocorridos na prática de esportes, alguns dos quais já são por natureza violentos, podem ter suas consequências graves ou leves, devidamente amparadas e seus custos indenizados se o "sportsman" tiver tido o cuidado de fazer um seguro de acidentes pessoais na

Sul America Terrestres, Maritimos e Acidentes

Este seguro cobre além de todos os acidentes comuns os que possam sobrevir durante a prática de esportes, como automobilismo, caça, equitação, velocipedismo, football, tennis, golf, polo, etc.

Sul America Terrestres, Maritimos e Acidentes

29 — RUA BUENOS AIRES — 37

CAIXA POSTAL, 1077 — RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

UM QUADRO DE MURILLO?

EM 1934, se não nos enganamos, um dos nossos colecionadores mais apaixonados, o Sr. Samuel Nahon, arrematou, num leilão na Alfândega, um quadro, que atraiu a cobiça de muitos admiradores das belas artes. Tratava-se de uma tela antiga, datando de 1703, e viera para estas plagas no bojo de um navio procedente de Amsterdam. O quadro, que representava a Sagrada Família, era um óleo admirável, mas ignorava-se quem o pintara. O Sr. Nahon propoz-se a descobrir o nome do artista anônimo e, para isso, procurou pessoas de renome no nosso meio artístico, entre as quais o pranteado arquiteto Morales de los Rios e o pintor Fiuza Guimarães. O arquiteto opinou que a tela tinha todos os característicos da escola espanhola, e o pintor foi de parecer que o trabalho era de Paulo Veronese. Não satisfeito com as hipóteses desses abalizados mestres, o Sr. Nahon ouviu ainda outras figuras de relêvo nos círculos culturais de nossa capital: o pintor Manuel Santiago, o restaurador da Escola de Belas Artes, o erudito Frei Sinzig, e o Sr. Carlos Frederico da Silva, zelador do Muséu de Arte Retrospectiva. O restaurador da Escola de Belas Artes afirmou que a tela fôra pintada mesmo em 1703, mas havia sido retocada. Manuel Santiago disse que a pintura se devia sem dúvida alguma a um discípulo da escola de Murillo. O ilustre franciscano viu na obra a produção de um artista emérito. Enfim, o zelador do Muséu de Arte Retrospectiva atribuiu a tela a Murillo e a Zurbarán.

PORQUE NÃO PÓDE O SENHOR TOMAR PARTE NO BANQUETE DA VIDA ?
Porque soffre do Estomago ?
NÃO CONHECE, ENTÃO, AS FAMOSAS Pastilhas do D' Richards ?
Tomeas, e podera' comer com satisfação tudo o que lhe apeteçer



Senhoritas Ilda Pereira Serrano e Aurora Antas, no Prado do Jockey-Club.

LEIAM
ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

CASEMIRA



“ O PANO QUE NÃO ACABA ”

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 33

OUTUBRO — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

| | |
|-----------------------|---------|
| Um ano | 35\$000 |
| Seis meses | 18\$000 |
| Número avulso | 3\$000 |
| Número atrasado | 4\$000 |

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração

TRAVESSA DO OUVIDOR, 26

Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453

Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 78 PÁGINAS

O 40.º ANIVERSARIO D'O MALHO

“O Malho” completou na semana passada o seu 40.º aniversário. São quatro décadas de boa luta, de uma luta sem descanso e cujo premio maior é o prestígio que se funda no seu poder de penetração, na sua tradição e na lealdade para com seus leitores.

A cada ano que passa, mais nos esforçamos por desenvolver e aprimorar essas virtudes. Por isso, este aniversário nos encontra na mesma barricada erguida por Luis Bartholomeu de Souza e Silva, há 40 anos, quando lançou o primeiro número “d'O Malho”.



Dr. Orlando Cardoso, médico e presidente da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

RESUMO DO RELATÓRIO APRESENTADO EM ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA, EM 19 DE SETEMBRO PROXIMO FINDO, PELA DIRETORIA

O patrimônio da Caixa atingiu no último exercício 89.111 contos de réis.

As aplicações rendáveis totalizaram 73.474 contos de réis, registrando-se um aumento de 4.198 contos de réis em confronto com o exercício anterior.

A taxa média de aplicação desse patrimônio é de 6,7%.

O balanço geral da Caixa encerrou as contas de Reservas com o total de 89.111 contos de réis, contra 75.113, do balanço anterior, o que corresponde a um aumento de 13.998 contos de réis.

A receita do exercício atingiu 16.636 contos de réis, importância que se majorou de 1.152 contos. A Carteira de Empréstimos concorreu para esse resultado com um lucro líquido de 2.098 contos de réis, ou sejam 168 contos mais do que o exercício de 1941. A arrecadação de contribuições foi de 11.038 contos de réis, ou seja um aumento de 406 contos. Os juros da aplicação do patrimônio atingiram 5.432 contos, sendo 2.507, provenientes da renda de títulos, 2.314 de empréstimos hipotecários e 611 de nossa conta no Banco do Brasil. A renda patrimonial se elevou, assim, de 912 contos de réis. As demais receitas somaram 165 contos de réis.

Attingiram as nossas despesas, no exercício, a 2.460 contos de réis, sendo 1.793 (73% da despesa), destinados ao pagamento de pensões e aposentadorias. As despesas administrativas somaram 381 contos de réis para pagamento do pessoal e 266 contos para outras despesas, inclusive depreciação de moveis e utensílios.

A despesa de administração representa 4% da arrecadação.

Transferimos para as contas de reserva a importância de 14.175 contos de réis, "superavit" verificado no balanço geral. Em comparação com o exercício de 1941, verificou-se um aumento de 783 contos.

Foram concedidas, durante o exercício, 19 pensões, num total de Rs. 12:808\$500, mensais.

O número atual de pensões é de 242, num total de Rs. 94:314\$000 mensais, sendo 129, no valor de Rs. 31:563\$500, da antiga Caixa de Mon-

tepio e 43, no valor de Rs. 62:750\$500, da atual Caixa de Previdência. A responsabilidade anual é de Rs. 1.131:768\$000; total que foi majorado de Rs. 141:013\$000. Foram extintas 2 aposentadorias por invalidez, no total de Rs. 1:382\$800. A responsabilidade anual é de Rs. 898:524\$000, tendo havido um acréscimo de 111 contos de réis sobre o exercício anterior.

Encontra-se em suspenso 1 aposentadoria compulsoria, no valor de Rs. 4:692\$200, por determinação do Banco do Brasil.

A Carteira de Empréstimos vem operando nas 16 seguintes cidades: Aracajú, Baía, Belo Horizonte, Campinas, Campos, Fortaleza, Juiz de Fora, João Pessoa, Natal, Niterói, Petrópolis, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo.

Em face da dificuldade na aquisição de materiais e elevação do seu custo, tem havido certo retraimento por parte dos construtores e consequentemente diminuição no volume das novas obras.

O total de empréstimos sob garantia hipotecária, realizado no exercício, foi de Rs. 3.898:760\$.

O total de negócios em andamento se eleva a Rs. 8.784:507\$100. O valor da arrecadação em 31-7-942 (Capital a juros) foi de Rs. 284:300\$200. Cumpre-nos mencionar ainda:

Valor dos empréstimos pagos até esta data Rs. 41.676:196\$000

Empréstimos a conceder (inscrições a chamar) Rs. 20.208:143\$300

Foram resgatadas 105 hipotecas no valor total de Rs. 5.109:439\$400.

Foram atendidos, no exercício, 210 associados.

Tendo a Diretoria da Caixa resolvido tomar a iniciativa de incorporações de edifícios de apartamentos a favor dos seus sócios,

foi contratada a construção de um edifício, que tomou o nome de "Paquequer", à Avenida Copacabana, 1228 a 1238, de 93 apartamentos, com a Empresa de Construções Gerais Ltda., que nos apresentou o preço mais baixo em concorrência aberta por esta Caixa.

O valor do contrato é de Rs. 6.674:726\$000.

No momento acha-se em andamento na Prefeitura do Distrito Federal, aguardando aprovação, o projeto relativo ao novo edifício que será construído no bairro Jardim Laranjeiras, com 48 apartamentos.

Apezar de todas as dificuldades da época atual, esperamos levar avante a construção referida.

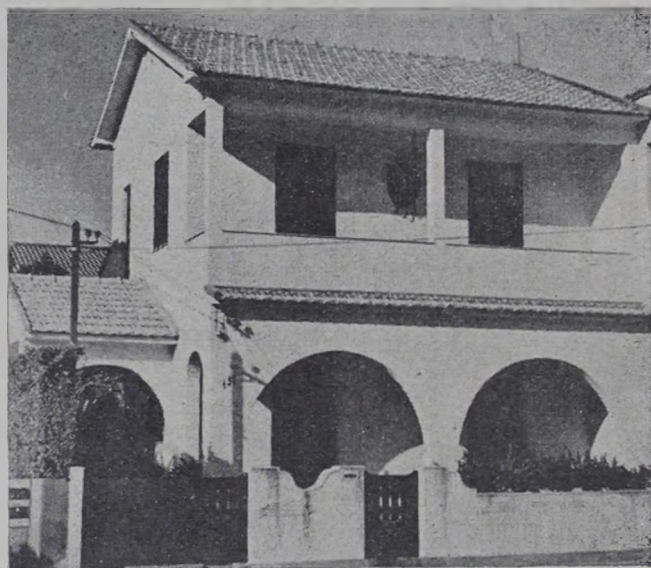
O saldo do Fundo de Garantia da Carteira de Empréstimos, é de Rs. 942:230\$700.

Até esta data foram dadas quitações de hipotecas, a débito deste Fundo, às famílias de 3 mutuários, no total de Rs. 162:235\$700.

A arrecadação atual é, em média, de Rs. 50:000\$000, mensais.

Os empréstimos resgatados por antecipação deixaram, a favor do Fundo, um saldo de Rs. 114:771\$000.

Residência à R. Mearim n.º 138 construída pela Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.



Cazendeiros e industriais

PROCURAI

Maquinas de qualidade garantida na

SOCIEDADE

IMPORTADORA

SUISSA LTDA

ENGENHEIROS

RUA S. PEDRO N.º 14

END. TELEGR. "SISLA"



IMPORTADORES

CAIXA POSTAL, 1404

RIO DE JANEIRO

CARAMANCHA O DA MINHA INFÂNCIA

Ai, ai, ela embarcou não sei para onde
Só sei que nunca mais brinquei Jujú de esconde
Nos dois caramanchões daquela casa velha...

Depois, eu fiquei homem,

Depois caiu a casa.

E os dois caramanchões fizeram tanta sombra, depois,

Que sob a espessa sobrançelha vegetal das trepadeiras

Aquelas sombras tristes, de tão tristes,

Parecem hoje duas olheiras fundas

Que o quintal criou com saudades de nós dois...

ALDO DE MORAIS

(Amazonas)

Galeria ¹⁸⁸³ Carioca
DE MODAS

De acordo com a nossa

ORIENTAÇÃO DE VENDAS

oferecemos todos os nossos novos

VESTIDOS

COSTUMES

BLUSAS

TECIDOS

BOLSAS

LUVAS

GOLAS

LENÇOS

Artigos para Cavalheiros e Confeções para Crianças

POR PREÇOS AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

GALERIA CARIOCA DE MODAS S. A.

OUIDOR — esqu. — GONÇALVES DIAS

Banco Hipotecário "LAR BRASILEIRO"

S. A. DE CRÉDITO REAL

Rua do Ouvidor, 90

Telefone: 23-1825

CARTEIRA HIPOTECARIA — Concede empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais, com o mínimo de 1% sobre o valor do empréstimo.

SEÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO — Encarrega-se de administração de imóveis e faz adiantamentos sobre alugueis a receber, mediante comissão módica e juros baixos.

CARTEIRA COMERCIAL — Faz descontos de efeitos comerciais, a concede empréstimos com garantia de títulos da vida pública e de empresas comerciais, a juros módicos.

DEPÓSITOS — Recebe depósitos em conta corrente à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: CONTA CORRENTE À VISTA, 3% ao ano; CONTA CORRENTE LIMITADA, 5% ao ano; CONTA CORRENTE PARTICULAR, 6% ao ano; PRAZO INDEFINIDO: Retiradas com aviso prévio de 60 dias, 4% ao ano e de 90 dias, 5% ao ano; RENDA MENSAL: 1 ano, 6% ao ano; 2 anos, 7% ao ano.

SEÇÃO DE VENDAS DE IMÓVEIS — Residências, Lojas e Escritórios modernos, a partir de Rs. 55:000\$000. Ótimas construções no Flamengo, Avenida Atlântica, Esplanada do Castelo, etc. Venda a longo prazo com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

ENCARREGA-SE DA VENDA DE IMÓVEIS



**SOFRE
DE
SURDEZ?**

O APARELHO "PHONOPHOR" LHE RESTITUIRÁ A AUDIÇÃO

PEÇA, SEM COMPROMISSO
PROSPETOS OU DEMONSTRAÇÕES
NA

**CASA LOHNER
S. A. MEDICO-TECNICA**

São Paulo
Rua São Bento, 216

Rio de Janeiro
Av. Rio Branco, 133

PEÇO ENVIAR-ME PROSPETOS "PHONOPHOR"

Nome

Rua

Cidade

Estado

O. M.

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de beleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da
RUA MEXICO, 98-3.º and.
Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1
Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos.

Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

CERVEJA PINGUIM

A Companhia Antartica Paulista acaba de lançar à venda com grande sucesso uma nova marca de cerveja.

Trata-se da "Pinguim", novo tipo de cerveja escura extra-fina, altamente vitamínica e do mais alto valor nutritivo.

Fabricada com cevada selecionada e lupulo da melhor qualidade, a "Pinguim", certamente, está fadada a alcançar a aceitação que o público de todo Brasil dispensa aos produtos da poderosa organização industrial.

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com sucesso nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tonicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro 2\$500, pelo Correio 3\$000

Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

Dr. Telles de Menezes CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc.

Rua Gonçalves Dias, 84, 5.º s. 504-5

Das 15 ás 18 horas. — Tels: Consultório 23 - 3147. Res. 42-1948



SALÃO DE INVERNO DA A. A. B. — Encerramento do 1.º Salão de Inverno da A. dos Artistas Brasileiros e entrega dos diplomas de sócios benfeitores.



ENFERMEIRAS SAMARITANAS — Missa em ação de graças pela terminação do curso de enfermeiras Samaritanas, organização da Secretaria de Saúde e Assistência da Prefeitura



INSTITUIÇÃO CARLOS CHAGAS — Aspécto colhido na séde do Instituto de Serviços Preventivos da Instituição Carlos Chagas, por ocasião da abertura da "Campanha da Saúde", no uno de 1942, onde aparecem creanças do ambulatório D. Bosco, roentgenfotografadas naquêle dia.

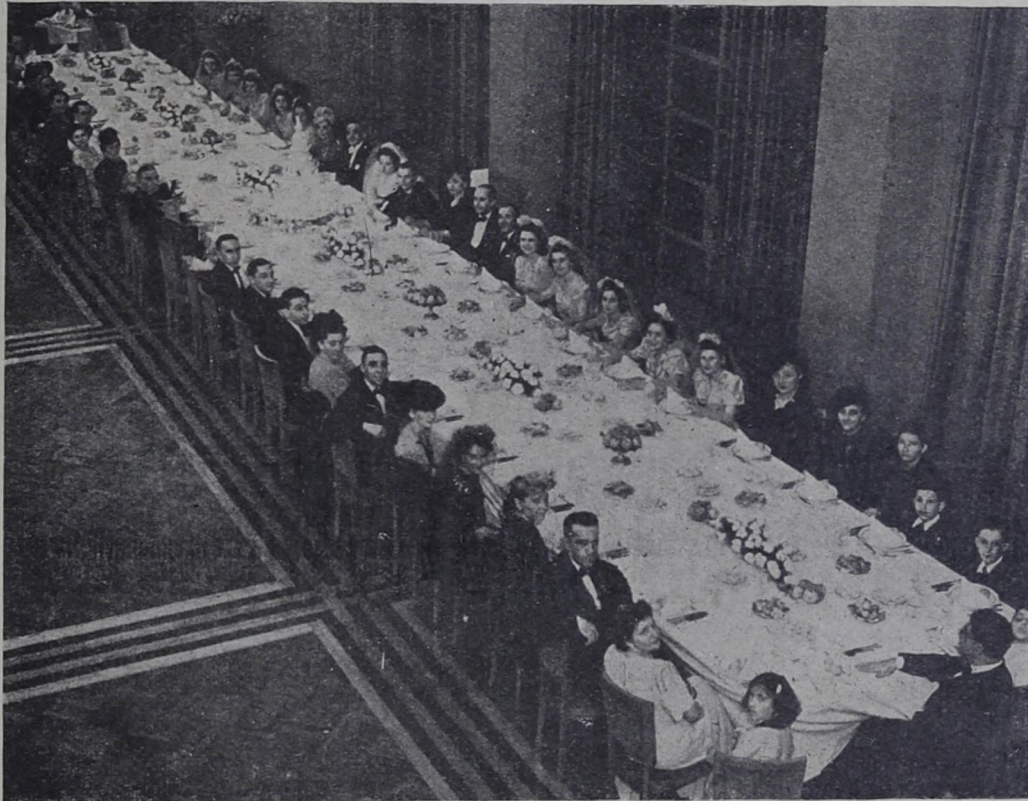
EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE

"CASELLA LONDON"

HORS CONCOURS



PRIMEIRA COMUNHÃO — Alunos e alunas do Instituto La-Fayette, quando fizeram a primeira comunhão, na Basílica de São Francisco Xavier, em pôse especial para "O Malho"



Aspecto do banquete realizado após o enlace da Senhorita Ivonne Alaluf com o Sr. Mario Esperança, no salão nobre do Clube Ginástico Português.



CENTRO MUTUALISTA DOS ESCRITORES — Comemorando o seu 8.º aniversário, o C. M. E. se reuniu no salão do Conselho da A. B. I., falando o seu presidente Prof. José Romano, que abordou o tema "A missão da América no mundo de após guerra". Discursaram ainda o Prof. Cursino Raposo e Dr. José Marcelino de Castro Marçal.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 35000.

Galeria Santo Antonio

Rua da Quitanda, 25

Especialista em restaurações de quadros a óleo

LLOYD ATLANTICO

SOCIEDADE ANÔNIMA DE SEGUROS

Capital integralizado 1.000:000\$000

Reservas Diversas 1.358:700\$000

Depósito no Tesouro 200:000\$000

FUNDADA EM SETEMBRO DE 1923

Sinistros pagos até 31 de

Dezembro de 1940 10.000:000\$000

Seguros TERRESTRES

MARÍTIMOS

E FERROVIARIOS

Tem agentes e representantes em todos os Estados

Sede: EDIFÍCIO "UNIDOS"

AVENIDA RIO BRANCO, 26 - 5.º and.

Telefones: 23-3128 e 23-0088

CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas
em bilhetes e apolices vendidos
em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUIDOR, 9



MATERNIDADE ARNALDO DE MORAES

PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS

TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem modernísimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a parto por 1:200\$000, com inscrição prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Eliot-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABAMA

UM FATOR PODEROSO DAS NOSSAS RIQUEZAS



A hora que o mundo atravessa, de modo geral e em particular o papel que cabe ao Brasil como fator de alta transcendência na guerra que nos foi imposta pelos países do Eixo, não podemos deixar de volver as nossas atenções para a Companhia Docas de Santos por ser um dos mais poderosos atributos da riqueza nacional.

A sua missão é sempre de responsabilidades sem limites. Testemunho vivo do nosso desenvolvimeto, pois, é pelas docas da grande cidade de Santos que se escôa uma grande parte daquilo que a terra produz e tambem por ser o desembarcadouro de uma boa porção do que importamos, justo é que para os serviços das Docas de Santos tenhamos sempre inclinados os nossos cuidados, no justo anseio de que não lhe atinjam em cheio os efeitos que a calamidade mundial possa determinar.

Verdade que à sua frente se apontam braços e cérebros capazes de todas as realizações; o que significa uma afirmação positiva não já do seu pleno triunfo durante o período da guerra como tambem na obra de patriotismo que dentro da tormenta a empresa sabe realizar.

Muito embora o ano de 1941 já fosse ano de guerra, o que poderia determinar certo arrefecimento na densidade do movimento das Docas, ao contrário, o coeficiente de tráfego aumentou em 3,57% em relação a 1940.

Esse fato por si só exprime um dos maiores êxitos a que pode alcançar uma empresa e para nós não deve ter paridade o júbilo e o orgulho, pois, trata-se de uma empresa brasileira e dirigida por brasileiros.

E neste instante em que os nossos corações palpitam de anseios e que nossos anélos são pelos seguros e indiscutíveis triunfos do auri-verde pendão, devemos tambem ter a certeza de que na obra gigantesca que nos cabe realizar as Docas de Santos terão a sua missão singularmente desempenhada.

BANCO BOA VISTA

**Depositos
Descontos
Cauções**

RUA 1.º DE MARÇO, 47
AVE. RIO BRANCO, 137
RUA MEXICO, 158
AVENIDA PASSOS, 40
R. SIQUEIRA CAMPOS, 23
RIO DE JANEIRO

O guia

PARA AS FUTURAS MÃES

SÃ MATERNIDADE



Um livro útil, mesmo
necessário a tôdas as
senhoras que vão ser
mães

PREÇO

12\$000

Obra do notavel ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

Pedidos com as importâncias ou pelo Serviço de Reembolso Postal, à S. A. "O Malho" - C. Postal, 880

RIO DE JANEIRO

PAPELARIA
Alexandre Ribeiro Ltda.

(CASA FUNDADA EM 1884)

**ENDEREÇO TELEGRAFICO ALEXIS
CODIGO RIBEIRO — CAIXA POSTAL N.º 94
164 — RUA DO OUVIDOR — 164
TELS. 43-6331 E 43-6358 — RIO DE JANEIRO**

Artigos para escritório — Livros para contabilidade — *Papeis assetinados para impressão, apergaminhado, couché e fantasia para encadernação* — *Cartolinas brancas e de cores para capas e papéis para embrulhos.* — (Oficinas próprias).
Tipografia, Encadernação e Pautação — Especialidade em impressão em alto relevo.

Depositos e Oficinas

**Rua do Livramento 106, 113
(Edifício Proprio) — Telefone 43-5307**

**Secção de Canetas - Tinteiro dos melhores fabricantes
e artigos para presentes — Rua do Ouvidor, 164
Secção de concertos e peças**

O LINHO BRASILEIRO

Pero Vaz Caminha disse que no Brasil tudo dá. E' uma frase, que se vem confirmando, a cada sol, enchendo os nossos corações de um entusiasmo sadio. Agora é o linho que, sob outra denominação, a de *caroá*, emerge do solo pátrio, nas regiões adustas. A planta, que fornece a rica fibra, é o *Caroatá*, designado em latim por *Bromelia variegata*. Planta herbácea, de folhas ensiformes, medindo de um a dois metros de comprimento. Produz uma baga oval de 27½ milímetros. Os nordestinos chamam ao *Caroatá* "gravatá", de que existe infinita abundância na zona compreendida entre o vale do São Francisco e o Estado do Ceará. Em outros logares é conhecido sob a denominação de *Caroatá-assú*.

A primeira descrição sobre tão útil vegetal nos é dada por Brandonio, nos "Diálogos das grandezas do Brasil", no século XVII. Em 1702, o Desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco exibiu em Lisboa uma amostra das fibras de caroá. A idéia do Desembargador despertou no rei de Portugal o desejo de fazer explorar o nosso linho e outras fibras têxteis aqui abundantes, encarregando a D. Rodrigo da Costa, que se achava entre nós, de mandar à sua Majestade amplos detalhes a respeito.



**Também
para V.S.**

SERÁ PROVEITOSO ENVIAR
SUAS REMESSAS URGENTES
PELO CAMINHO AEREO

VIA CONDOR

CONDOR oferece:

SEGURANÇA ABSOLUTA

RAPIDEZ INSUPERAVEL

TRATAMENTO CUIDADOSO

A TARIFAS VANTAJOSAS

O MEU SEGREDO!

O uso das PASTILHAS MINORATIVAS restituiu-me a alegria e bem estar. Esse produto é um laxativo suave para todas as idades. Siga o meu conselho e tome

Pastilhas
MINORATIVAS
CONTRA A PRISÃO DE VENTRE

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /**

**DÓRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

LIVROS E AUTORES

"ORIENTAÇÕES DO PENSAMENTO BRASILEIRO".

É uma série de ensaios literários com que Nelson Werneck Sodré giza as linhas mestras do moderno panorama intelectual do Brasil.

Obra de latejante atualidade, preñe de agudos conceitos engastados em páginas de sóbria elegância, dá-nos uma visão geral da nossa vida literária.

Com poucos traços o autor bosqueja a fisionomia intelectual de cada um dos escritores que se lhe figuraram mais representativos das letras pátrias, quais sejam: Azevedo Amaral, Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Fernando de Azevedo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Lúcio Cardoso.

Merecem aguda análise por parte do autor as obras das personalidades estudadas, por fôrma que tem o leitor, a par da visão fisionômica, uma visão interior, profunda, verdadeiro perfil psicológico dos expoentes do hodierno pensamento brasileiro.

É esta mais uma excelente obra com que a Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, brinda os seus leitores.

"O DILÚVIO".

Poucos países tem sido tão maltratados quanto a Polónia. Nação rica e fraca, colocada entre potências fortes e imperialistas, foi sempre alvo de invasões estrangeiras. Uma destas ocorreu em 1655, sob o reinado de D. João Casimiro. À frente dos suecos, Carlos Gustavo tentou incorporar a Polónia aos seus domínios, não o conseguindo, porém, graças à oposição indígena, que, embora inferior em número e aparelhamento, suplantou o inimigo em coragem e bravura.

É este o cenário aproveitado por Sienkiewicz, para o desenvolver da ação do seu romance "O Dilúvio", óra reeditado pela Editora-Pan-Americana S. A., em elegante volume.

"NEM TUDO ESTÁ PERDIDO".

"É um novo talento que nos vem do sul. E entrará em Atenas coroado de louros", afirmava, em "Dom Casmurro", o crítico Joaquim Ribeiro, referindo-se à personalidade e ao talento do Sr. Zedra Perfeito da Silva, que estréia, na literatura nacional, com o livro de contos "Nem tudo está perdido", lançado pela Editora "Século XX".

"Nem tudo está perdido" é um interessante livro de contos que ao se chegar à última linha do último conto pôde-se afirmar: — "é... "Nem tudo está perdido"...

A Editora "Século XX" lançando "Nem tudo está perdido" continúa na vanguarda das boas e escolhidas edições.

"O TESOURO DE CANANÉA".

Editado pela casa de São Paulo, Anchieta Limitada, recebemos mais um livro do consagrado poeta e romancista patricio, Afonso Schmidt: "O Tesouro de Cananéa", obra do estilo primoroso do autor de "Mocidade".

Diálogos vivos de verdade, cenas, narrativas de história local, psicologia urbana, biografia de tipos existentes, tudo páginas e páginas de grande "humour", amenizando os instantes de comoção, que domina o autor; eis o que é este volume de pensamento puro e sinceridade intelectual, obra que não poderá deixar de figurar em todas as estantes dos apaixonados das letras.

"A CONVERSAÇÃO INGLESA".

O editor Zelio Valverde acaba de dar a lume um livro do maior interesse didático: "A Conversação Inglesa", de autoria de Charles W. Armstrong, conceituado professor e diretor do Ginásio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Contém as cem palavras de maior uso da lingua inglesa, frases a decorar, com a pronúncia figurada, exemplos de regras gramaticais e ainda um útil dicionário.

Sendo esta a 6.ª edição da obra, e vindo consideravelmente aumentada e melhorada, é de crêr seja grande a sua procura.

JUDIA

Eu não tenho comigo o preconceito
Nacional ou de raças e de crenças . . .
Amo-te e basta ; és meu amor eleito,
Que outra força jámais sôbre mim vença !

Estrangeira sem Pátria, no meu peito
Tens o que te negaram : — a terra imensa,
O sol, os amplos céus, e o vale estreito
Desta ternura, como recompensa .

A minha Pátria é tua ou, — disse um poeta,
Seja o trêcho da terra que projeta
A tua sombra de mulher amada . . .

A minha e a tua raça seja, pois,
O que há-de-vir do sangue de nós dois
Como expressão de amor, humanizada !

L. DE PAULA LOPES

Sabonete
Curativo
de

Barry

MEDICINAL
TOILET

SÓ SINHO
É
OPTIMO,
COMPARADO
É
O MELHOR.

A EQUITATIVA

FUNDADA EM 1896

Os filhos devem ser protegidos até que
possam assumir pessoalmente as suas
responsabilidades.

Se o pai viver fornecerá o necessário.

Mas, se vier a faltar?

Faça-o na EQUITATIVA.

O SEGURO DE VIDA RESOLVE ÊSTE
PROBLEMA

Garantias absolutas — Prêmios módicos.
Genuinamente nacional — Inteiramente
mutua

A "EQUITATIVA" é a ÚNICA Sociedade
de Seguros de Vida em todo o território
nacional, que opera em SORTEIOS, com
prêmios pagos em dinheiro à vista. A
"EQUITATIVA", em todo o Brasil, é a
única companhia MÚTUA de Seguros de
Vida. A "EQUITATIVA" pertence aos
seus assegurados.

Apólices liberais — Apólices com sorteios
sem dinheiro à vista — Apólices de dotação
de crianças — Apólices garantia de em-
préstimos hipotecários — Seguro comer-
cial. — Seguro em grupo.

Séde: AVENIDA RIO BRANCO, 125

— RIO. —

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)



A S. A. "O MALHO" NA SEMANA DA PÁTRIA — Grupo dos funcionários da S. A. "O Malho" que tomarão parte no desfile trabalhista em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas, na Semana da Pátria.

SANTA TEREZINHA ENTRE OS SOLDADOS

OS episódios que vamos narrar passaram-se durante a Guerra de 1914-1918. E' seu protagonista um cabo do Exército francês, o Sr. M. L. Por ocasião da batalha da Champagne, em Setembro de 1915, fazia parte do Corpo de Maqueiros, cuja missão é recolher os feridos, conduzindo-os para o posto regimental, na retaguarda.

O que o cabo M. L. conta foi divulgado, logo após a guerra, nos jornais de maior tiragem de Paris.

"Nos dias 25 e 26 de Setembro — começa ele — não me saía da lembrança o nome de Santa Terezinha. No dia 27, pelas 5 horas, após um combate furioso, dirigia-me para a primeira linha, afim de desempenhar-me da minha tarefa, quando, atingindo uma elevação do terreno, para a qual convergiam os canhões inimigos, sem cessar, me senti desfalecer. Então, ouvi uma voz muito clara dizer-me: — "Vamos, amigo, para a frente; há almas a salvar lá em baixo; eles te esperam?"—Virei-me,

surpreso, e vi a querida Santinha, linda e resplendente, que me tomou as mãos e me levou consigo. Pensei tratar-se de uma alucinação; mas não era. Ouvi, de novo, o apêlo misterioso, desta vez mais enérgico. Puz-me, então, a caminho, guiado pela mão divina, e não me atrevia a fixar a visão luminosa, tão forte era meu deslumbramento. A partir desse instante, até acabar a minha missão, os inimigos, que me viam perfeitamente, cessaram fogo, e eu me arremeti à colheita de feridos.

No ano seguinte, no dia 25 de Julho, por morte de meu sargento, fui designado para substituí-lo junto ao médico-mór, num posto extremamente perigoso. À tardinha, fomos notificados, eu e meus companheiros, de que, muito próximo das linhas alemãs, havia muitos soldados caídos, e que parecia impossível ir apanhá-los ou socorrê-los. À noite, partimos, em companhia do médico, para o lugar convencionado. Os feridos foram pensados e imediatamente transportados para o posto na retaguarda. A fuzilaria era terrível a esse tempo, e alguns dos nossos pereceram a meio caminho. Eu me vi atrapalhado, não sabendo que direção tomar. "Para onde ir?" — perguntava-me a mim mesmo. — Os alemães estão em toda parte. À roda de mim, não via senão cadáveres... Peguei no meu crucifixo, apertei-o contra o coração, e, assim, julguei-me preparado para a morte. Nesse momento de angustia, invoquei a Santinha de Lisieux, rogando-lhe que me ensinasse o caminho. E eis que Ela vem em meu auxílio, guiando, outra vez, meus passos. Sem temor, pude, assim protegido, transpor, de corrida, a zona perigosa e chegar, cheio de jubilo, ao posto central, situado a um quilômetro do front. Em torno de mim senti um suave perfume de rosas. Era Santa Terezinha que me abençoava..."

SERRARIA ITAPAGIPE

ARTUR DONATO & C.

Fabricantes dos mais perfeitos Soalhos em mosaicos, de madeiras brasileiras "PARQUET DONATO" --- Premiados na Exposição Ibero-Americana de Sevilha --- 1929-1930.

Distribuidores de toda a produção da Companhia Industrial de Madeiras da Barra de São Matheus, com grandes florestas e serraria no Norte do E. do Espirito Santo.

End. Telegr. "Donato" --- Codigos: Ribeiro e Particular --- Telefones:
Escritório: 28-4641 --- Serraria: 28-3844.

Oficinas, Depósitos e Escritórios:

Rua Barão de Itapagipe n. 71

RIO DE JANEIRO --- BRASIL

A VIDA DE SÃO ROQUE

CONTADA NUMA OBRA PRIMA DESCONHECIDA

Existe na sacristia de um templo de Lisboa, pertencente à Irmandade de São Roque, um políptico, que data da metade do século XVI, e é obra de pintores lusitanos. Representa a passagem da vida de São Roque: o seu nascimento, seus milagres, a sua expulsão de Placência e sua prisão em Montpellier, seu berço natal. Os entendidos são de opinião que esse lavor precioso lembra, pela técnica, pelo caracter, colorido e estilo os trabalhos do autor do retábulo de São Bento, Gregório Lopes.

Segundo J. da Costa Lima, os detalhes que mais ressaltam nêsse políptico são: a figuração do Senhor de Montpellier que acolhe o Santo, acompanhado de sua côrte, e que se assemelha a uma personalidade histórica da Lusitânia, e a personagem que despede o taumaturgo, no hospital de Placência. A pintura mantém-se bem conservada, notando-se apenas ligeiros danos na táboa que revive o nascimento de São Roque, causados pela oxidação dos vernizes.

O políptico em questão ilustrava as paredes de uma ermida que, em 1553, se erigira, na metropole lisbonense, ao milagroso Santo.

Atualmente, vão submeter as quatro táboas maravilhosas à radiografia, afim de que sejam revelados os segredos que, porventura, possam elas ocultar, como já tem acontecido com outras obras de arte notáveis.

Um dos episódios mais tocantes da vida de São Roque em Placência diz respeito à conversão de um rico senhor feudal, Gotardo.

Conta-se que o fidalgo tinha um galgo que, diariamente, entrava na copa do castelo, onde roubava um pão, saindo depois a correr em demanda da floresta.

Gotardo, certa feita, acompanhou o animal. Depois de muito andar, parou em frente a uma choupana, onde o galgo se havia introduzido. Espiando pelos buracos que se viam nas paredes da choupana, descobriu que o cão deixava cair aos pés de São Roque o pão que furtara, havia pouco, e, a seguir, punha-se a lamber as mãos do pobre. Gotardo ficou emocionado e, penetrando na choupana, ajoelhou-se aos pés do venerando franciscano.

— Abençoe-me, também, como acaba de abençoar o meu galgo — pediu Gotardo. — E quem quer que seja, o considero, desde hoje, hospede sagrado dos meus domínios.

— Sou Roque, um pobre.

— Pois benvido sejas, meu amigo!

Gotardo, dias mais tarde, abandonou o castelo, tornando-se frade.

LEI DE NEWTON

E' tão sublime a ventura
Que sinto nos braços teus,
Que rendo graças a Deus
Ser humana criatura.
Porque os astros também têm
O mesmo dom de atrair-se,
Mas lhes falta a graça, Dirce,
De se abraçarem também.

Pedro de ARATANHA



LIMPA internamente TAMBÉM!

De formato curto para atingir tôdas as curvas internas dos dentes, «TEK» — a moderna escova de dentes — limpa externa e internamente com a mesma eficiência. Use «TEK» e limpe tôdas as zonas perigosas — que geralmente nunca são atingidas pelas escovas comuns.

Visite o seu DENTISTA duas vezes ao ano!
Use «TEK» duas vezes ao dia!

Tek

PRODUTO DE JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL

CASA SPANDER

RUA BUENOS AIRES N. 120

Tel. 23-5403 — Rio

Artigos para todos os sports

Football, Basketball, Volleyball, Atletismo, Tennis e Ginástica
Sandows de elástico e Alteres. Encordoamos Rackets para Tennis.

Peçam Catálogos gratis

COMO UM RELOGIO...



... DEVE FUNCIONAR
O APPARELHO
DIGESTIVO PARA
QUE O ORGANISMO
SE CONSERVE EM
PERFEITAS
CONDIÇÕES
DE SAUDE

AS PILULAS DE BARRY
S.A. LAMEIRO
DE ACCÃO SUAVE E EFFICAZ, REGULARISAM
AS FUNÇÕES DIGESTIVAS



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

XAROPE

TOSS

AJUDA A COMBATER A
TOSSE E RESFRIADOS

TOSS, SÓ PODE FAZER BEM

INFANTINA
O ALIMENTO
COMPLETO

PARA
CRIANÇAS,
VELHOS E
CONVALESCENTES



T. TARQUINO

NEM TODOS SABEM QUE...

Nas costas da ilha de Ceilão, no Oceano Índico, encontram-se peixes músicos. Seu canto não se compõe de uma nota sustentada, como nos pássaros, mas uma multidão de sons, suaves, doces, distintos, parecidos com o som que produz uma taça tocada com os dedos. Perto de Bombaim há também uns peixes, que emitem sons semelhantes aos da harpa.

Chama-se *oceano* a imensa extensão de água salgada que cobre o globo terrestre. A superfície do globo terrestre é de 5.100.000 miriâmetros quadrados, a do oceano é de 3.700.000, e a dos continentes é 1.400.000. Segue-se que a superfície dos mares é quase três vezes maior que a das terras. Os mares estão muito desigualmente repartidos sobre o globo. No hemisfério austral a superfície dos mares é maior que no boreal, na razão de 13 para 9.

A miragem é um fenômeno atmosférico, que nos faz vêr na atmosfera, ou por baixo da terra, a imagem invertida dos objetos nela situados, como se fossem refletidos sobre um espelho plano, ou sobre um lençol de água. A miragem é uma ilusão ótica e produz-se no ar sereno. Observa-se frequentemente na Arábia, no Egito e, sobretudo, nos vastos plainos arenosos, fortemente aquecidos pelos raios solares.

Na atmosfera existe sempre eletricidade, ainda mesmo que esteja pura e sem núvens. Estas também estão sempre eletrizadas e atuam por influência sobre os corpos colocados dentro da esfera da sua ação. Os fenômenos, que então se produzem, têm a denominação genérica de *meteóros elétricos*. Os meteóros elétricos são, pois, o *relâmpago*, o *trovão* e o *raio*. Reconhece-se a eletricidade na atmosfera com o auxílio de diferentes aparelhos, tais como os electrômetros de bolas de sabugueiro, ou de folhas de ouro, ou de Saussure, pelos balões cativos e pelos papagaios de papel, terminados em ponta. A eletricidade atmosférica é sensível um metro acima do solo.

Jubilêu, assim se chamava a solenidade, que os Israelitas celebravam, cada cinquenta anos. Durante a sua comemoração simbólica, perdoavam todas as dívidas, libertavam os escravos e as propriedades, bem como as terras vendidas ou penhoradas.

A previsão do tempo, tão necessária como útil, principalmente à navegação e à agricultura, depende do conhecimento de certos *sinais*, chamados *prognósticos do tempo*, como a força e direção do vento a diferentes altitudes, a altura barométrica, a temperatura do ar, o seu estado higrométrico, o estado do céu e, finalmente, os movimentos da agulha magnetizada. Estes sinais, observados simultaneamente sobre uma grande extensão de terra, dão resultados que merecem a maxima confiança.



*Impossível
dormir!*

Qual a causa dessa terrível insônia que a aflige? Preocupações morais? Motivos de ordem física? Sejam quais forem as causas da insônia, esta encontrará remédio seguro em um ou dois comprimidos de ADALINA de Bayer.

ADALINA é um calmante inofensivo, de ação suave sobre o sistema nervoso; combate a insônia, permitindo um sono tranquilo e reparador, bem como um despertar natural.

ADALINA
BAYER
CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

S. Pedro disse...



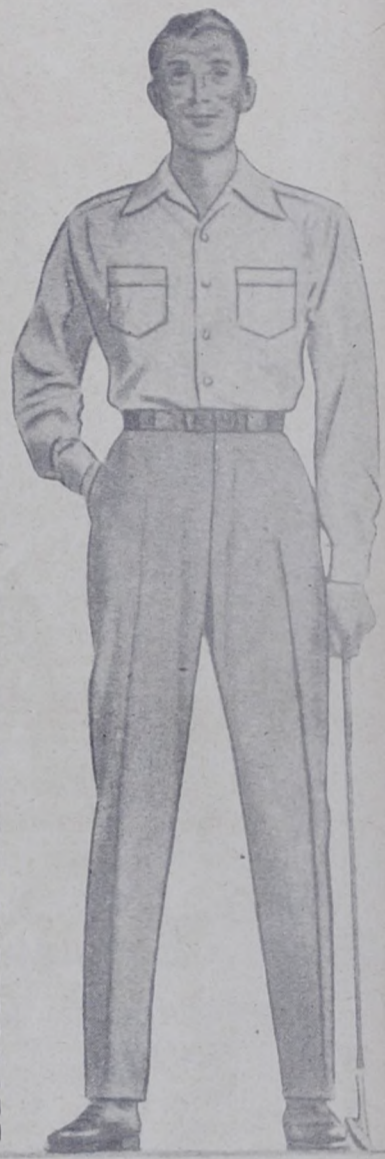
CHAVES
YALE
e para automoveis - fazem-se em 5 minutos
Outros tipos em 60 minutos.
Concertam-se fechaduras, abrem-se cofres.

RUA DA CARIOCA N.º 1
(Cafe da Ordem)
RUA 1.º DE MARÇO N.º 41
(Esquina de Rosario)
PRAÇA OLAVO BILAC, 16
(Frente ao Mercado das Flores)
RUA SÃO PEDRO, 178-180
(Atendemos a domicilio)
— Telefone 43-5206 —

A TORRE EIFFEL

CONFECÇÕES LTDA.

UMA MARAVILHOSA
CAMISA "ARROW" DUPLA



Artigos finos
para cavalheiros
de bom gosto

ANTES

No escritório,
uma camisa dis-
tinta com cola-
rinho flexível.

DEPOIS

Tire a gravata,
desabote o cola-
rinho, uma linda
camisa esportiva.



Sempre as ultimas novidades
em artigos para sport

QUALIDADE — ELEGANCIA — DISTINÇÃO

RUA DO OUVIDOR, 97/99

NÃO ESCONDA

A GRAÇA NATURAL DA SUA PELE

As imperfeições da sua cutis — consequência, talvez, do rigor do Sol... Vento... Frio e intempéries — merecem maiores cuidados. Os artificios — que a Sra. usa para encobri-las — escondem e desmerecem a sua graça natural.



CORRIJA

AGORA, AS MANCHAS DO SEU ROSTO!

Prolongue a juventude da sua formosura, usando diariamente o Leite de Colônia. Leite de Colônia elimina manchas, sardas, cravos e espinhas. Aplique-o pela manhã e à noite. E o seu rosto ganhará um fascinante assetinado. Leite de Colônia é a fórmula de beleza do Dr. Studart, consagrada pelas mais formosas mulheres brasileiras. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. Insista sempre em Leite de Colônia para conservar o seu rosto jovem e sedutor



Leite de Colônia,



STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

A GRANDE HORA DO BRASIL

O povo brasileiro está dando um belo exemplo de compreensão das tremendas responsabilidades determinadas pela guerra, apresentando-se em toda parte onde esteja aberto um voluntariado, aceitando de animo alegre as restrições que lhe tem sido impostas pela conflagração, mostrando-se disciplinado e vigilante onde quer que se lhe exijam vigilância e disciplina.

Os cursos de samaritanas, socorristas, enfermeiras de emergência floresceu por todos os lados com uma surpreendente concorrência. Onde quer que se abra um centro de preparação da mulher para os duros trabalhos da guerra, aí ela comparece, preenchendo em poucas horas os chamados da inscrição.

Basta observar um pouco para compreender que a mesma disposição para a luta e para o sacrifício, a mesma aceitação do serviço da Pátria e das responsabilidades da hora, o mesmo espírito de renúncia e a mesma bravura espontânea e sem alarde dominam os dois sexos.

Os que conheciam o gênio folgazão e comodista da nossa gente jamais supuseram que ela se portasse com tanta propriedade neste momento. Embora jamais houvessem dado mostras de covardia em qualquer circunstância ou momento de nossa história, os pessimistas encarasse com nervosismo as perspectivas do sacrifício ou, pelo menos peravam que o povo recalcitrasse diante do primeiro ou, pelo menos de esplendido sangue frio animado de um vigoroso entusiasmo. Nada de excessos, nem de histerismos, nada de indiferença ou moleza, nada de contemporização ante os deveres da hora turva que estamos vivendo.

Como um só homem, os brasileiros levantaram-se para a luta, como se houvessem sido cuidadosamente preparados para essas contingências, e o Governo não tem mais do que tomar entre as mãos essa formidável massa plástica e modelar a forma da resistência e insuflar-lhe o espírito da vitória.

Não foi necessária a preparação, porque bastou a beleza, a fascinação, a grandeza da causa. Vamos bater-nos pelo direito à liberdade, por tudo quanto a humanidade conseguiu criar de mais belo no curso dos séculos. Estamos sofrendo pela conservação da quilo que custou rios de sangue e sacrifícios sem nome a milhões de homens e mulheres que viveram e morreram antes de nós.

Não pôde haver, pois, indecisão, tibiêsa nem temor. Todo o Brasil marcha, confiante e seguro para a luta, ao encontro do Destino.



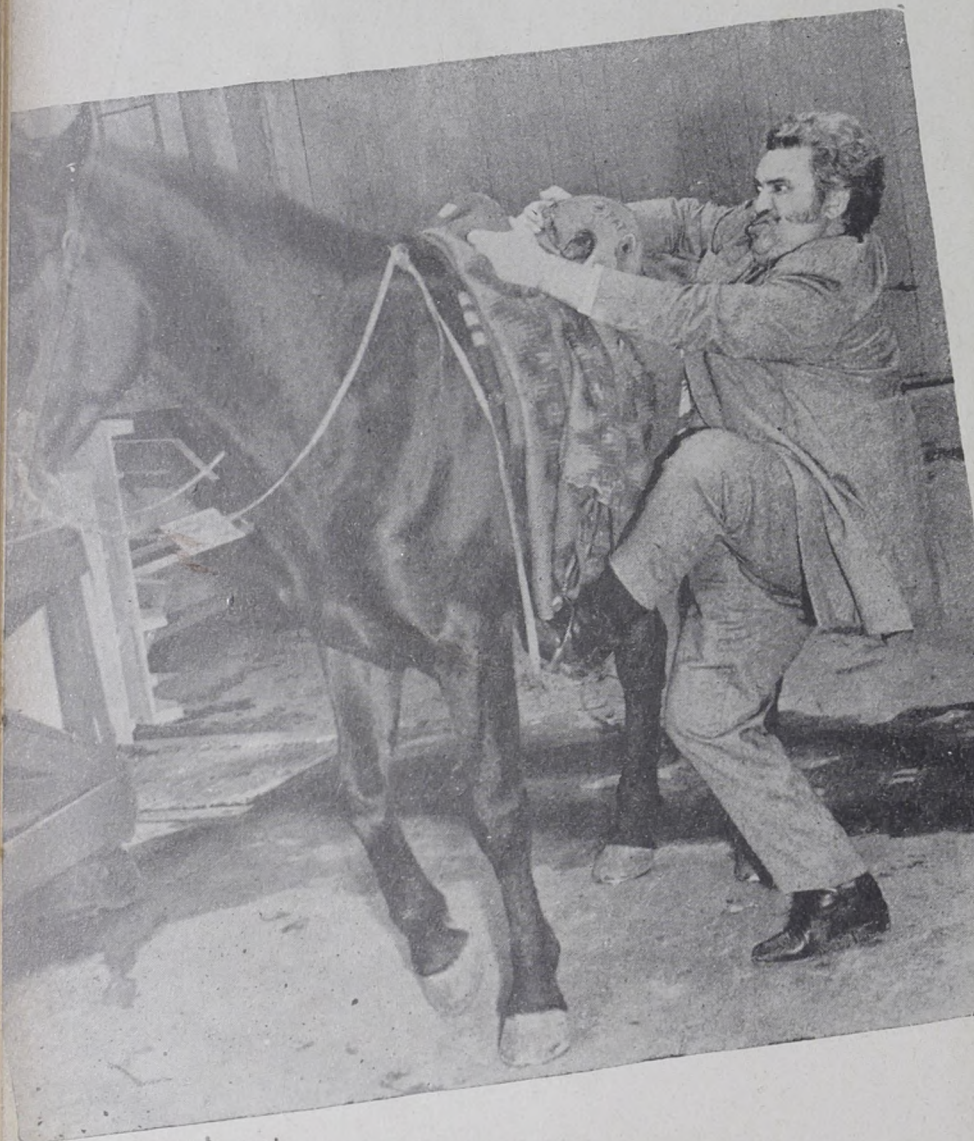


— Vou te cavalgar, pingo camarada !



Fica quietinho... Quietinho...

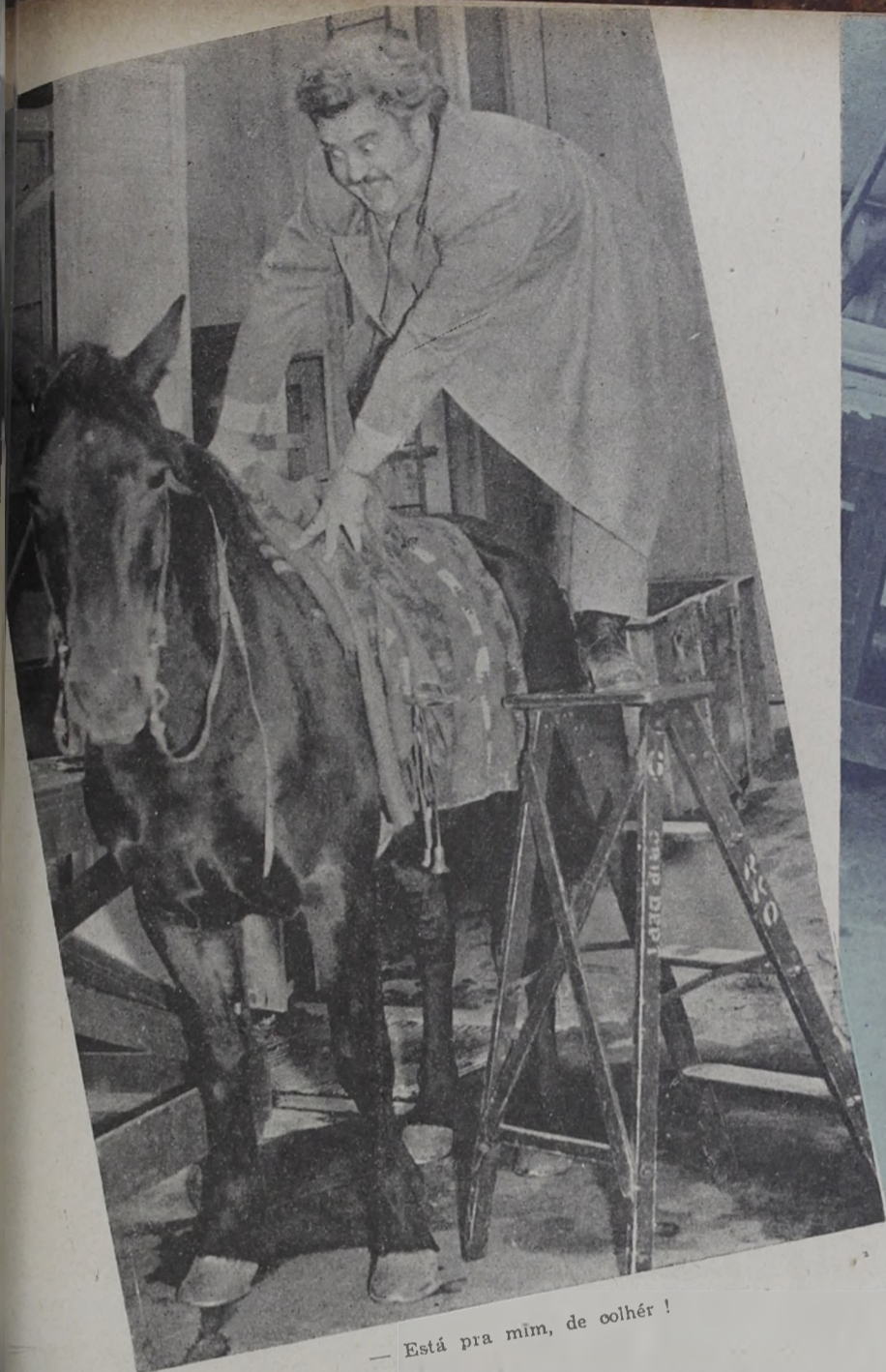
AFINAL... MONTOU!



— Não está sopa, não !



— Vamos, vamos bichinho... Não se afaste...



— Está pra mim, de colher !



— Ora ! Você se afastou da escada !



MONTAR em um cavalo não é coisa tão fácil como se pensa. Toda uma série de conhecimentos científicos é necessária para isso. Os gaúchos montam à bessa, até sem usar arreios. Mas isso não é vantagem. Billy Gilbert — cara assás conhecida de todos nós, do cinema — dá aqui uma lição de equitação aos nossos leitores.



— Ah ! Viram como é fácil ?

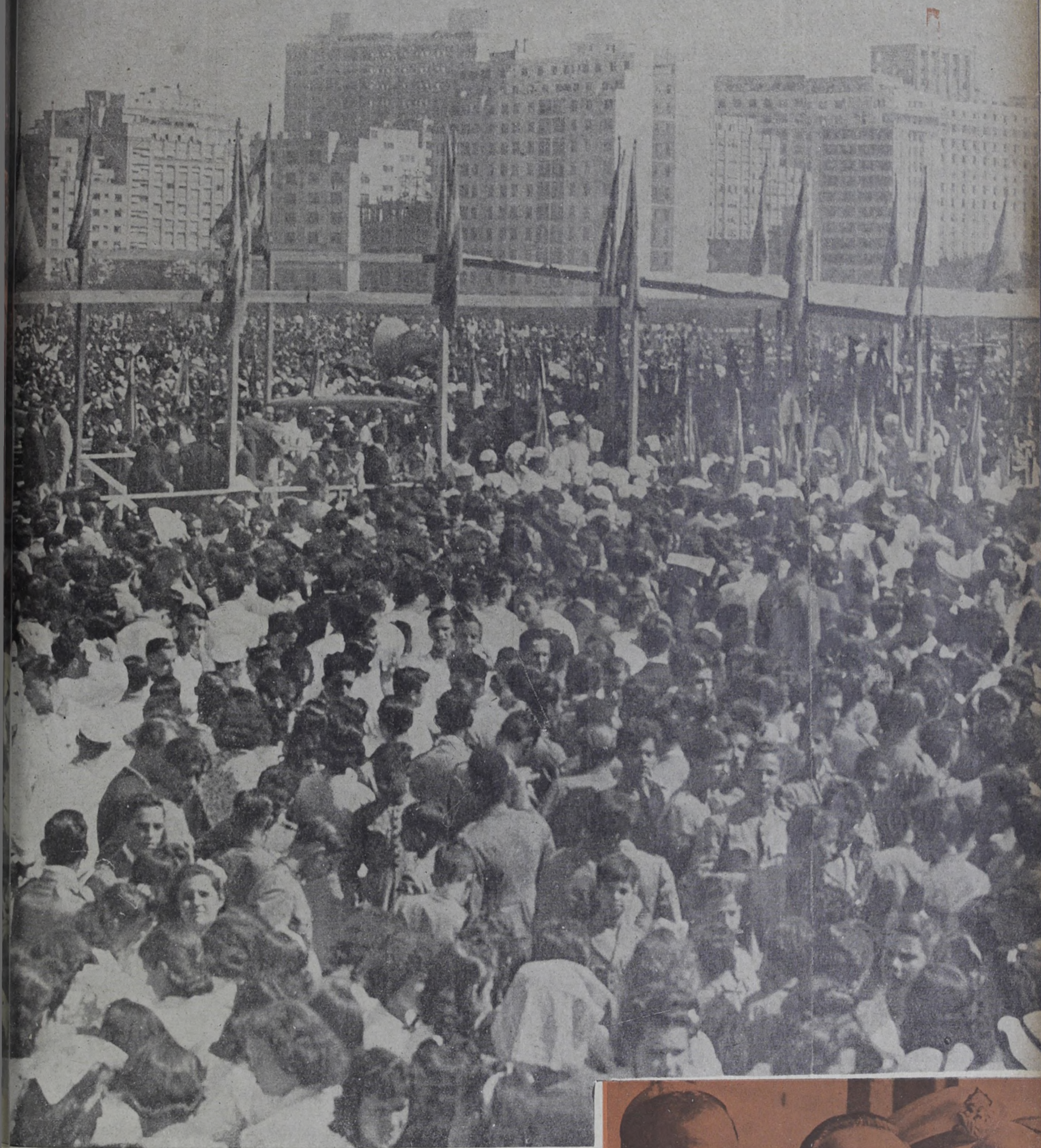
— Fique paradinho, por favor...



O DIA DA PÁTRIA

TEVEM grande imponência o desfile das forças de terra, mar e ar, em continência ao Chefe do Estado, no dia 7 de Setembro, consagrado o Dia da Pátria.

O Presidente da República, Ministros de Estado, Corpo Diplomático e demais autoridades assistiram o desfile da sacada do Palácio da Guerra e são dessa imponente cerimônia os aspectos que aqui reproduzimos.



FÊ E PATRIOTISMO

AS comemorações da "Semana da Pátria" que este ano tiveram brilho inextinguível e despertaram o mais alto entusiasmo nacional, foram iniciadas nesta capital, com uma solene missa campal celebrada no Aeroporto Santos Dumont, em ação gratulatória pelo restabelecimento do Presidente Vargas, que aqui se vê entre altas autoridades eclesiásticas, e um aspecto do local.



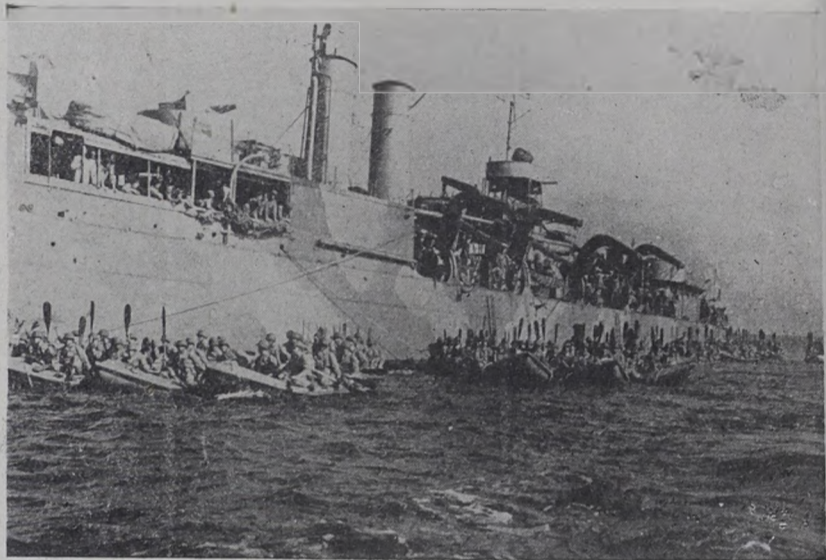


Desembarque do navio transporte para uma invasão.

AQUI está o celebre Corpo de Fuzileiros Navais Americanos, organização esta de ação mais ou menos semelhante aos comandos ingleses, que desde a sua fundação (1776) vem tomando parte em todas as lutas norte-americanas. Estes fuzileiros, conhecidos em todo mundo como "Marines", cognominados nos Estados Unidos "Pescoços de Couro" eram chamados pelos alemães na primeira Grande Guerra, de "Cachorros do Diabo", dado a ferocidade de seus ataques. Para atestar a sua eficiência, basta dizer que são eles treinados em todas as armas, aprendem desde o jiu-jitsu até ao paraquedismo. Teem os "Marines Corps" adestramento próprio que lhes permite lutar quer no mar, na terra, como no ar. Agora mesmo inflingiram tremendas derrotas aos japoneses, invadindo por mar e pelos ares as ilhas de Salomão. Na Inglaterra estão também tomando parte com grande relevo nas constantes incursões ao continente. Aqui damos algumas fotos dos Fuzileiros Navais em ação, usando velozes barcos de borracha, barcaços transportadores de tanques e tropas paraquedistas.



OS "MARINES" NORTE-AMERICANO



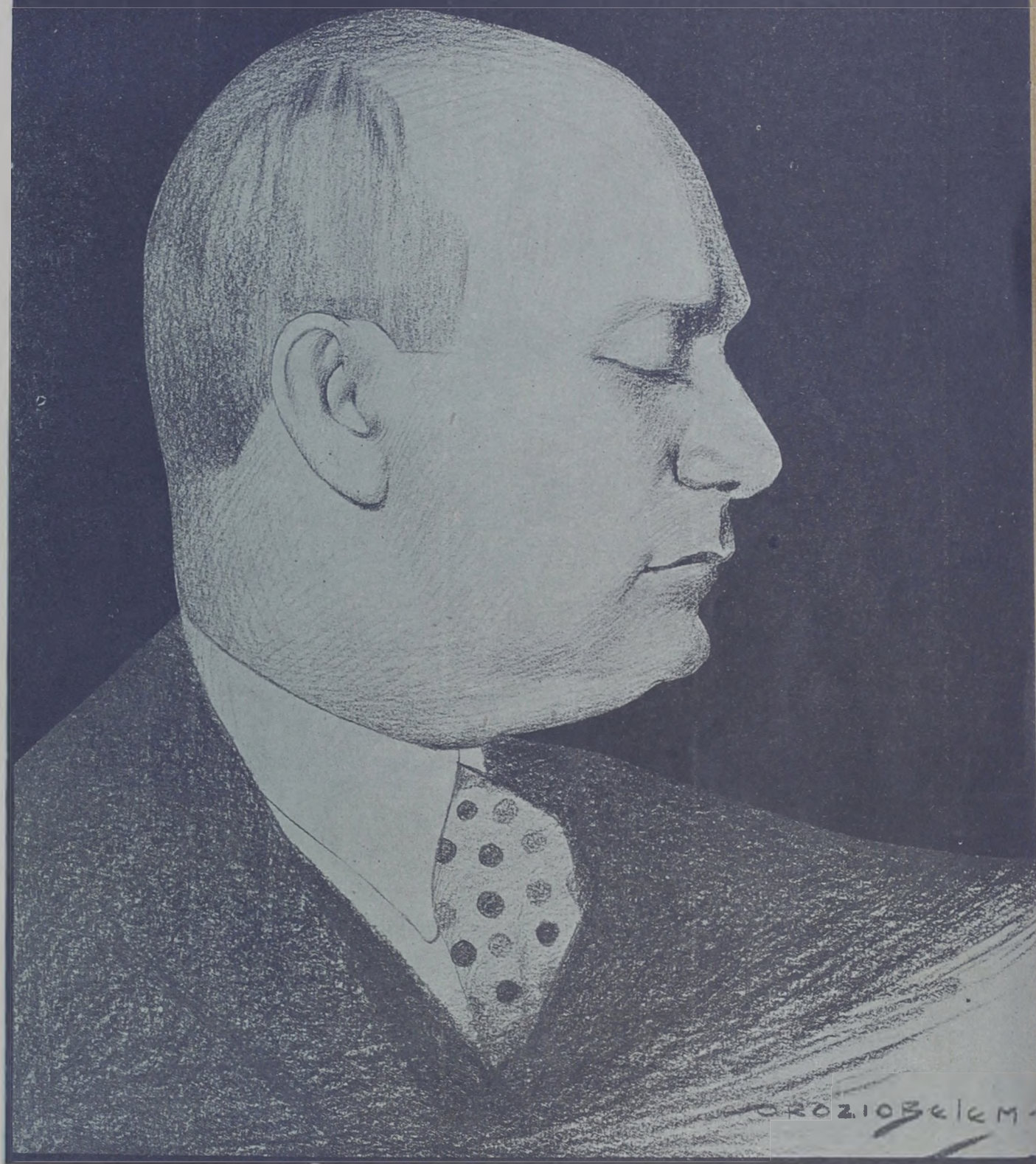
Ligeiros botes de borracha conduzindo os fuzileiros.



Um "Marine"

Barcos que também tomam parte na invasão, transportando tropas e tanks.

OS GRANDES MUSICOS



Mischa Elman

NÃO há muito tempo que o telégrafo nos trouxe a notícia da morte de Mischa Elman. Uma notícia inexpressiva, pela falta de detalhes. Coisas do momento, que o mundo atravessa há alguns anos. Mas foi quanto bastou para que todos nós evocássemos a figura do artista, quando aqui esteve, gratos ao destino que nos permitiu conhecer em pessoa um dos maiores violinistas de todos os tempos.

Mischa Elman pertenceu ao grupo dos predestinados, mas dos bons predestinados. Dos que espalham, não a morte, mas a alegria da vida, o prazer de viver, não o horror, mas a beleza. Também foi menino prodígio e também percorreu a sua estrada artística, saindo do nada para a glorificação. Judeu errante da arte, correu o mundo em todas as direções, revolucionando as platéias. Menino prodígio, adolescente, rapaz e homem feito, passou pela vida espalhando emoções. Foi um artista completo. Para o seu temperamento, o vio-

lino era um instrumento lírico e dramático ao mesmo tempo. Podia ser sentimental, mas sabia ser enérgico. Cantava com poesia, mas vibrava também com bravura e entusiasmo. Sua parte mecânica atingiu ao máximo a que é possível chegar. Não havia para os seus dedos segredos de técnica. Mas também, quando era preciso transmitir uma frase romântica, nenhum violino cantava com mais emoção do que o seu.

Mischa Elman recebeu todas as honrarias, que podem ser concedidas a um artista eleito. Correu o Velho Mundo e a América do Norte. Quando chegou a nossa vez de aplaudí-lo, estava em pleno apogeu. Venceu logo de saída. De sua passagem no Rio, ficou-nos uma impressão indelével.

Há peças no repertório do violino, cuja completa beleza, tal como nô-la revelou Mischa Elman, nunca mais desertará da nossa memória.

Menino, saiu Mischa Elman, pela primeira vez de sua terra, rumo do aplauso universal. Quando voltou, a consagração era a sua companheira inseparável e definitiva. Viveu sob o delírio dos aplausos. E morreu glorificado.



MADALENA TAGLIAFERRO

Musica

O ESPETACULO de gala, com que foi festejada a data da nossa Independência, ofereceu-nos oportunidade para, mais uma vez, ouvir a ópera "Tiradentes", do compositor brasileiro Eleazar de Carvalho.

Possuindo páginas de grande esplendor musical, ao lado de outras menos felizes, a partitura foi confiada aos artistas Sílvio Vieira, Heloisa de Albuquerque, Roberto Miranda, Tita Ferreira, Roberto Galeno, Lisandro Sergenti, A. Gimenez, José Perrota, Guilherme Damiani e Magnavita, sendo a ópera regida pelo próprio autor.

MERECE um registro especial a representação, pela primeira vez no Rio, da ópera "D. João", de Mozart, interpretada por Felipe Romito, Florence Kirk, Maria de Sá Earp, Ch. Kullman e outros, sob a regência do maestro Szenkar.

UM DOS MAIS expressivos sucessos da temporada lírica oficial foi a "Traviata", de Verdi, interpretada por Norina Grecco, que recebeu estrondosas ovações durante o espetáculo.

MADALENA TAGLIAFERRO encerrou o seu curso de Alta Interpretação e Virtuosidade pianística, na Escola Nacional de Música.

O GOVERNO FEDERAL baixou um decreto determinando que, nos dias de festa nacional, as companhias líricas que estiverem trabalhando no país, só poderão levar óperas de autores brasileiros, com os libretos em português.

PARTIU para Belo Horizonte, onde pretende realizar alguns concertos, a



jovem pianista Maria Guilhermina, já consagrada pela imprensa brasileira e sul-americana.

O CONCURSO organizado para jovens pianistas brasileiros, pela pianista Marila Jonas, teve de ser adiado, "sine die". Determinaram essa deliberação da ilustre artista, os acontecimentos conhecidos, que levaram o Brasil a aceitar o estado de guerra, que lhe foi imposto pela Alemanha, a inimiga figadal da civilização. Logo, porém, que se haja modificado a situação, a iniciativa de Marila Jonas será levada por diante.

O FLUMINENSE Football Club convidou para realizar um concêrto na sua séde, dedicado aos seus sócios, o pianista Adolfo Tabakow, que foi um dos candidatos ao concurso Columbia Concerts, do qual saiu vencedor o pianista Arnaldo Estrela.

O PROGRAMA do quarto concêrto oficial da Escola Nacional de Música foi interpretado pelo quarteto composto das artistas Leonor Macedo Costa, piano; Yolanda Peixoto Faria Neves, violino; Carmen Boisson, viola; e Carmen Braga Bourguy, violoncelo. As quatro artistas proporcionaram à assistência uma noite de excelente música, que lhes valeu fortes aplausos.

Pintura

PAULO GUIMARAES realizará a sua primeira exposição de pintura, durante o corrente mês, no Palace Hotel. Muito moço, ainda, cheio de talento e entusiasmo, o artista dará uma brilhante demonstração dos seus pendores para a pintura, através de cêrca de cinquenta quadros que vai expôr. Pertence à sua bagagem o quadro "Velho bote", que hoje reproduzimos.

O ASSUNTO do momento é o Salão Nacional de Belas-Artes. O corte impiedoso feito em trabalhos que ainda não estão isentos de júri, atingiu alguns artistas novos, mas de indiscutível talento, que mereciam as paredes do Salão: Paulo Guimarães, Paulina Kaz, Marina Machado, Sinhá d'Amora, entre outros. Entretanto, o Salão está cheio de quadros abaixo da critica, que só foram expostos porque os respectivos signatários são "hors concours". O ano passado, excesso de benevolência. Este ano, exagêro de rigor. Para o ano, qual será a surpresa?

DOS ARTISTAS que expõem, destacamos: Heitor de Pinho, Armando Vianna, Anibal Matos, Marques Junior, Presciliano Silva, Augusto Bracet, Oswaldo Teixeira, Manuel Constantino, J. B. de Paula Fonseca, Almeida Junior, Pedro Bruno, José Santos, Manuel Madruga, Gutman Bicho, José Maria de Almeida, Manuel Santiago, Armando Pacheco, Paulo Gagarin, Ado Malagoli e Armando Ramos.

"Velho bote" — quadro de PAULO GUIMARAES.



Espada de Damocles

Berilo Neves

O político e o camaleão mudam de cor conforme o meio em que se encontram: o camaleão, por instinto; o político, por esperteza...

—x—

Nem sempre as mulheres enganam aos homens; às vezes os homens enganam-se com as suas mulheres...

—x—

Em toda parte, há desigualdade, até na fisiologia humana; os músculos trabalham por movimentar e sustentar o corpo, mas são os nervos que gozam as sensações...

—x—

A neurastenia é uma maluquice atenuada, assim como a simpatia é uma fealdade com restrições...

—x—

A linha reta é a distância mais curta entre dois pontos. Excetua-se o caso em que se encontra, no caminho, um amigo contador de anedotas...

—x—

O espirro é uma frase feita que errou o caminho. Leva sobre as outras manifestações da inteligência, a vantagem de ser sempre decisiva...

—x—

O astrônomo é um sujeito singular: muitas vezes, é capaz de dizer a temperatura da Lua, mas não sabe onde anda a esposa

—x—

As mulheres não gostam disto ou daquilo: gostam do que não tem. Para a esposa de um jogador de box, o "homem fatal" é um poeta. A mulher do poeta admira os boxeuses. E a lei do contraste — a mesma que faz nascer um raio entre nuvens carregadas de eletricidade contrária...

—x—

A graça é a inteligência da matéria...

—x—

Há pessoas que olham para uma obra de arte como um gato para um incêndio: admiram, mas não entendem o clarão...

—x—

O beijo é uma frase sem palavras. E uma forma de eloquência muito do gosto das mulheres não faz rumor, e dispensa a Gramática



A Vida é o movimento. No fundo, o impulso que inspira, no cérebro de um gênio, uma nova filosofia, é o mesmo que faz as mulheres desfilarem diante das vitrines, em busca de um novo modelo...

—x—

A Criança é a maquette do monumento cuja beleza consiste, precisamente, em ainda não estar concluído...

—x—

O osso é uma substância que não se comove. Por isso mesmo, é, em todo o nosso corpo, a parte que se acaba por último...

—x—

Outrora, as unhas só serviam para dar beliscões. Hoje, servem de ponto de contacto entre os homens e as manicuras...

—x—

O beliscão é o resumo de uma bofetada feito pela unha... É um tapa de emergência...



O MALHO



Os românticos eram homens que oebiam as lágrimas de suas namoradas em vez de lhes mandar medir, no laboratório, o grau de alcalinidade...

—x—

O amor nasce nos braços da Poesia, mas logo que se torna espartinho, abandona-a e começa a segurar-se a cousas mais sólidas...

—x—

A ilusão é um jardim onde podemos passar à vontade, mas do qual é perigoso tentar subtrair qualquer flôr...

—x—

A galinha é uma ave que sofreu um acidente de aviação e que, por isso, tem horror ao vôo...

—x—

Em geral, as mulheres honestas manifestam uma estranha curiosidade pela vida das que o não são...

—x—

Dá-se o nome de "mulher romântica" a que pede dinheiro ao marido, em versos...

—x—

Ser poeta é a arte de dizer tolices com ritmo...

—x—

A última palavra do amor não é uma palavra: é uma lágrima ou um gesto...

—x—

A lágrima é uma secreção de glândulas vulgares. Querer que ela venha do coração é desconhecer o sistema de transportes do organismo...

—x—

O homem foi criado pela livre e espontânea vontade do Creator. A mulher, não: foi-o a pedido do homem. Bem se vê que Deus quiz tirar de Si essa responsabilidade inicial...

QUAL O PRINCIPE DOS

4.^a A P U



Oswaldo Orico, que aparece em 1.^o lugar na quarta apuração.

DE acôrdo com as bases que publicámos em nossa edição de Junho, será encerrado a 31 do corrente mês de Outubro o recebimento das cédulas de votação do presente certame com que O MALHO, que já se fizera, em 1927, veículo para a escolha do Príncipe dos Prosadores, visa eleger, agora, o Príncipe dos Contistas.

O êxito alcançado pela nossa iniciativa, e o grande interêsse que despertou, levou-nos a dilatar a amplitude do concurso, — incluindo entre as instituições formadas por intelectuais, além das que enumeramos anteriormente, e que são a Academia Brasileira de Letras, PEN-Clube do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico, Instituto Brasileiro de Cultura, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade de Homens de Letras e Academias de Letras dos Estados, mais a Associação dos Artistas Brasileiros e a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Nas apurações parciais a que temos procedido, temos feito apenas a contagem dos votos que nos tem sido enviados, — e até o presente momento sobem êles a 449 — não nos sendo, entretanto, possível, como é bem de ver, identificar os respectivos nomes dos votantes.

Para a apuração final, entretanto, todos os votos recebidos serão entregues à Comissão Apuradora, que será composta de representantes de cada uma das instituições convidadas a votar, sendo então possível, por essa forma, realizar-se uma seleção rigorosa, para efeito da proclamação do Príncipe dos Contistas.

O MALHO

Votaram em OSVALDO ORICO:

Rosalina Coelho Lisboa — Antônio Austregésilo — Celso Kelly — Xavier Marques — Luiz Anibal Falcão — Nelio Reis — Lafayette Rodrigues — Alvaro Maia — Leopoldo Braga — Castelar de Carvalho — Orvacio Santa Marina — Borja Reis — Raul Pedrosa — Alberto Lima — Ramayana Chevalier — Nicolino Milano — Mario P. Fontenelle — Mariano Léo — Sarah Marques — Fernando Marinho — Cavalcanti Mello — Francisco Collares — Pedro Mac Cord — Odorico Pires Pinto — Helio Simões — Almerindo Santos Silva — Austregésilo Filho — Lindolfo Xavier — Manuel de Oliveira Lopes — Roberto Seidl — Attilio Vivacqua — Alvarus de Oliveira — Marcelino A. Guimarães — J. Queiroz Lima — Sebastião Borges Serpa — M. Tapajós Gomes — Garibaldi Brasil — José Pacheco — Silveira Martins — Acacio França — José Mario Amorim — Nelson Pinto — Henrique Maron — Rafael Batista — Américo P. Costa — Alfredo Cumplido de Santana — Domingos Caruso — Lamartine Babo — João Gomes de Abreu — F. Pereira da Silva — Cristovam Breiner — Vicente Amato — Oliveira Cesar — Gastão Formenti — Tertuliano Guimarães — Arlindo Mucillo — Ivo Arruda — Eduardo Lemos — Randolfo Silveira Gomes — Nestor Massena — Andrade Velloso — Paulo Silva — Abgar Renault — Ederto de Azevedo — Ernesto Ribeiro — Antonio Pinto — João Luiz de Campos — Jorge de Arêa Almeida — M. Pernambuco Filho — Joaquim Rodrigues Neves — G. Calmann — Nilo de Souza Pinto — Jarbas de Carvalho — Mario Nunes — Marcio Reis — H. Ferreira de Castro — Maria Fagundes de Souza Docca — Anfilóquio Camara — Breno Arruda — Claudio Borges — Reynaldo Fonseca — Horacio

CONTISTAS BRASILEIROS?

R A Ç Ã O

da Cunha — Roberto Groba — Antonio Tiburcio Machado — Manoel de Souza Talina — Bezerra de Freitas — Dinéa Franco Vaz — Humberto Ribeiro — Luiz Morais — Luciano Machado — Manoel Cabral — Augusto Fragoso — Leoncio Pinto — Isaias Alves — Fernando Maia — Adjaldina Fontenelle — Vicente Augusto Sobrinho — Climerio O. de Souza — Jorge Hurley — Salazar Camara — Gastão Sampaio — Lamartine Amaral — Joubert de Carvalho — Plinio Cavalcanti — Nicanor Azevedo — Joaquim Thomaz — Romão da Silva — Otto Sachs e Alvaro Freitas.

Total — 109 votos

Votações anteriores — 53 "

162 votos

Votaram em VIRIATO CORREIA:

Levi Carneiro — Rodolfo Garcia — Miguel Osorio de Almeida — Gustavo Barroso — Olegario Mariano — Hilton Fortuna — João Luso — Roguette Pinto — Fernando Magalhães — Atilio Milano — Raul Roulien — Mario Domingues — Zenaide Andréa — Catulo Cearense — Geysa Boscoli — Paulo Orlando — Gastão Tojeiro — J. Otaviano — Dias Gomes — Abadie Faria Rosa — Jarbas Andrea — Joaquim Menezes — Antonio P. Coelho Filho — Inácio Raposo — Manoel Teixeira Gomes — Paulo Castro — Marcelino de Jesus Gomes — J. Barreto Fonseca — F. J. Freire Junior — Edherbal de Figueiredo — Gomes Maranhão — Canuto Silva — Antonio Barnabé de Campos — Armando Gonzaga — Antonio Ferreira de Almeida — Monteiro da Silva — Virginia Lazzaro — Griselda Lazzaro Schleder — Italo de Saldanha da Gama — Gusmão Castelo Branco — Carvalho Guimarães — Hugo Martins Ferreira — Fernando Nunes Pereira — Mario José de Almeida — Mario Cos-

ta — A. Pinto Armando — Guimarães João — Francisco Rosa — Waldemar Hervê — Tito Melo Carvalho — Mauro Pava — Naun Stratmann — Gastão Vieira — Mario de Albuquerque Lima — Djalma Macieira — Djalma Bittencourt — Antonio Lago — Jocelyn Santos — Antonio de São Payo — Augusto Queiroz — Ney Luiz Osorio — Luiz Peixoto — Gratulano de Britto — Herbis Pessoa Cavalcanti — Manoel A. Barreira — Otavio Rangel — Alexandre de Alencastre — Carlos R. Dias — Rodrigo O. da Costa — Corina Rebuá — Oséas Wright da Silva — José Mendes da Costa Junior — Augusto B. Franco — Herondina P. Pinto — José Newton de Araujo Silva — Caldas Pinto — Luiz Battes Vieira — Augusto Pereira de Souza Filho — José Alves Filgueiras — José Wanderley — Lola de Oliveira e Martins da Fonseca.

Total — 82 votos

Votações anteriores — 2 "

84 votos

Votaram em MONTEIRO LOBATO:

Basilio Viana Junior — Mario Linhares — Celestino Silveira — Celso Furtado — Othon Costa — Cumplido de Sant'Ana — Ivan Lins — Alexandre Passos — J. Paulo de Medeyros — Oscar Tavares da Costa — Julio R. C. Borba — Vinicio da Veiga — Victor C. Tapajós — Bruno de Souza — Aristides Vilas Boas — Milton Fortuna — João Rodolfo C. de Carvalho — Henrique Normand Pecantet — Deisy de Toledo — Victor José de Lima — Francisco de Assis Medeiros.

Total — 21 votos

Votações anteriores — 52 "

73 votos

Votaram em RIBEIRO COUTO:

Jorge Maia — Alfredo Storni — Belmiro de Souza Sobrinho — José C. de Moura —

Jacy Rego Barros — Ignez Mariz e Victor de Sá.

Total — 7 votos

Votações anteriores — 60 "

67 votos

Votaram em ALCIDES MAYA: Phocion Serpa e Renato Travassos.

Total — 2 votos

Votações anteriores — 10 "

12 votos

Votaram em DINÁ SILVEIRA DE QUEIROZ:

Apuração anterior — 9 votos

Votaram em MARIO SETTE:

Apuração anterior — 7 votos

Votaram em MALBA TAHAN: Henrique Lagden.

Total — 1 voto

Apuração anterior — 5 "

6 votos

Votaram em GARCIA JUNIOR:

Severino B. Bezerra e Victor Gargaglione.

Total — 2 votos

Apuração ant. — 4 "

6 votos

Votaram em PEREGRINO JUNIOR:

Campos Britto — Orlando Teruz — Brutus Pedreira — Barbosa Martins.

Total — 4 votos

Apuração anterior: — Aldo Delfino, 4 votos; Gastão Penalva, 2 votos; Gastão Cruis, 1 voto; Marques Rebelo, 1 voto; José Lins do Rego, 1 voto; René Thiolier, 1 voto; Erico Verissimo, 1 voto; Mucio Leão, 1 voto; Afonso Schmidt, 1 voto.

Votou em ALEXANDRE KONDER:

Alberto Marques da Silva — 1 voto

Votou em CUNHA PORTO:

Ludovino Machado — 1 voto.

Votou em JOSE CANDIDO DE CARVALHO:

Rego Barros — 1 voto.

Votou em MIROEL DA SILVEIRA:

Wilson de Oliveira — 1 voto.

Votou em JOEL SILVEIRA:

José Candido de Carvalho — 1 voto.

Votou em MARTINS CAPISTRANO:

Sobreira Filho — 1 voto.

Sulamita

SCYLLA GUSMÃO



Ela se sentia ainda como que dentro de um sonho, apesar de já decorridos quinze meses de permanência no Rio. Só ali, em casa de dona Clarinha, já morava havia quasi três. Como o tempo vò! pensava. E as saudades da pequenina cidade que a vira nascer e onde vivêra os mais felizes dias, cada vez a atormentavam mais. Ah! a sua cidadezinha! Tão simples, tão bonita, com as suas casas baixas, de telhado vermelho e largas janelas abrindo para as ruas arborizadas e quiétras, como era diferente dêste Rio atordoante de luzes e de movimento! Sulamita se recordava de tudo, das casas, das pessoas amigas, das colegas de infância, do seu tempo de colégio...

O trajeto ela o fazia a pé; a escola ficava no mesmo bairro e todos os dias, duas ou três colegas a chamavam da porta: Sula!

Saía correndo, sacola de livros debaixo do braço, vestidinho de fustão azul, gola e punhos brancos, a lição sabidinha, os deveres revistos pela mãe...

— Olha a pòça d'água, Sula...

— Ih! é mesmo. Meu sapato é novo, sabe? Quando o sapato vem da loja, mamãe manda logo o sapateiro botar biqueira de ferro. Ela diz que a gente dá topadas pelo caminho e estraga o calçado. Tenho uma raiva de biqueira...

— Vou comprar bala de Cuba e peixinho, dizia uma. Vocês querem?

— Prefiro açúcar-candi. Compra pra mim, na escola te dou o tostão.

Mas acabava por trocar um pedaço de açúcar por um ou dois peixinhos, desses que tinham gosto de hortelã.

Um dia, já no meio do ano, apareceu na classe um novo aluno. As meninas se alvoroçaram nas carteiras

Ele entrou na grande sala de aula acompanhado pela diretora, que lhe designou o seu lugar, perto de quem, meu Deus! logo perto do Nonato! Moreno, olhos negros, mais alto do que os outros meninos da turma, êle sentou-se na carteira que lhe destinaram, muito enfiado, arrumando e desarrumando uma porção de livros que trouxêra na pasta a tiracolo.

— Burro carregado de livros, falou baixo o Nonato. Os outros riram.

A voz da professora se elevou na sala: seu Jorge Bentes, venha à pedra!

Todos ficaram sabendo o nome dele. O menino se levantou, encabulado. O companheiro de carteira estirou a perna e o pobre Jorge tropeçando, foi de nariz no chão. Espoucaram as risadas.

— Silêncio! grita a professora. Do outro extremo da sala, ela não vira a maldade do aluno e Jorge, vencido pela timidez não acusou o colega.

Na pedra foi aquele fracasso. O giz não lhe parava na mão tremula e quando conseguia escrever um número, imediatamente fazia-o desaparecer com a esponja.

— Nervoso, coitado... pensou Sulamita.

Mas passaram-se os dias e aos poucos a hostilidade desapareceu; os meninos se tornaram camaradas do novo colega e as meninas, essas queriam por força namorar o Jorge.

Um dia êle lhe pediu emprestado uma gramatica expositiva e ao devolvê-la, Sulamita encontrou entre duas páginas, um lindo postal romantico em cujo verso o menino escrevêra um pensamento,

que ela bem se lembrava, começava assim: "Meu coração é um pequeno batel carregadinho de perfumadas flôres..."

E a namorada de Jorge ficou sendo Sulamita. As outras não se zangaram com a preferência e até lhes serviam de "espolêta".

No ano seguinte ela passou para outra sala; Jorge porém, cujas médias não lhe permitiram acesso para a seguinte classe, permaneceu na mesma. Viam-se apenas na saída e o namoro esfriou.

Antes dos exames finais, muito antes, mesmo, Jorge deixou de frequentar o colégio. Souberam depois que êle havia ido com os pais fixar residência em São Paulo.

O dia da distribuição de prêmios no colégio, era para Sulamita um amontoado de recordações. Tudo era festivo nesse dia diferente dos outros. O aspecto da sala, das professoras, dos colégas... Em cima da mesa, arrumadinhos, estavam os cadernos de prova escrita, os quais lhes seriam devolvidos com as notas alcançadas nos exames.

Quem sabia desenhar fazia bonitas capas para os cadernos, paisagens, flôres, etc. O dela trazia todos os anos, um grande laço, de fita azul que a mãe armava com muita arte, parecia uma borboleta de cetim.

— Sulamita de Melo Souza! chamava a diretora.

Coraçãozinho batendo, ela se aproximava da comissão examinadora e recebia emocionada o seu prêmio; quasi sempre eram livros educativos com sugestiva dedicatória feita pela diretora.

"As meninas exemplares" "Tesouro das meninas" "Era uma vez..." esses livros ela os ganhára em três anos seguidos em sinal de aplicação.

No fim da cerimonia todos os alunos entoavam o hino do colégio: "O trabalho é a luz divina..."

Seguia-se então, num palco improvisado, a apresentação de uma burlata ou um ato variado, ou ainda uma pastoral, no desempenho dos alunos carinhosamente ensaiados pelas professoras. Lembrava perfeitamente que lhe coube certa vez o papel de estalajadeira, numa opereta "O sr. de Crac" que aliás fôra traduzida do francês especialmente para o pequeno elenco do "Teatro Thália". Era assim que se chamava o teatrinho da escola de Sulamita. De vestido comprido, os cabelos presos no alto da cabeça como uma velha senhora e na ponta do nariz uns olhos horriveis, ela não gostara nada desse papel que a fazia aparentar uma figura assim grotesca e pouco atraente

No ano seguinte, porém, numa linda pastoral, ela incarnára a piedosa Izabel, irmã da Virgem Maria. E como se sentia mística sob o manto que lhe cobria a cabeça...

Naquela mesma peça natalina, um garôto de doze anos apenas, desempenhava maravilhosamente o cégo Cleofas, o que recuperou a vista aos pés da mangedoura em que o Deus-menino plácidamente dormia... Devidamente caracterizado, longas barbas, cajado à mão, alpercatas de couro cru e um grande manto envolvendo-lhe os encurvados ombros, o menino, ao declamar um poêma sacro dando graças pelo milagre, arrebatou a assistência pela interpretação magistral e profundamente comovedora.

Esse menino que sempre fôra uma revelação, estava hoje, apesar de joven, assombrando os meios culturais do país, como grande escritor e romancista. Recordar-se-ia êle ainda, do comovente papel, que interpretára em criança e onde, apesar da idade, se revelára extraordinariamente emotivo?

O cégo Cleofas que os anos deixaram para trás... a piedosa Izabel, a estalajadeira dos olhos horriveis, o teatrinho Thália, as carinhosas mestras... Como é bom recordar... recordar...

Um solavanco mais forte do bonde, atravessando um cruzamento, chamou Sulamita à realidade. Santo Deus! quasi que esse condutor aí, dá com a cabeça no poste! Também, assim desse jeito, dependurados nos balaustres, fazendo mil acrobacias, arriscados a caírem, que vida! "Lá" os bondes ofereciam maior conforto a esses pobres servidores do público. Cobravam as passagens no interior do próprio bonde, a coberto portanto de possíveis desastres. E' verdade que a colocação dos bancos era outra...

Nunca pudêra pensar que sendo como era, tudo Brasil, houvesse tanta diferença de costumes de uma terra para outra. Custou a se acostumar...

Uma coisa havia da qual não podia lembrar sem uma pontinha de tristeza. Era do assombro da Xandóca, quando ouviu certa vez dona Lucia lhe dizer: minha filha, você vestiu a anágua?

— Vestiu o que? perguntou muito espantada, a mulatinha. E quando a bôa senhora lhe mostrou a peça de roupa interior a que se referia, arregalou os olhos e exclamou: Oh! saia branca? aqui ninguém veste isso, dona. Só as baiana no Carnavá. Ai elas bota na goma bem dura pra estufá as saia de roda. A sinhôra não sabia? Pois é

MINUTOS DE MUITAS

Vidas

SODRÉ VIANNA

O rádio do botequim era aquela inferneira inacabavel:

"...ô-ô-ô-ô... Aurora!"

De manhã até de noite. Além disso, o bife da pensão parecia sóla e o feijão tinha a magresa sorumbática de um tísico. Do quarto, nem valia a pena falar: comprido e estreito, desfechando numa janela que dava para o páteo, espremia entre as paredes uma cama de ferro, a velha mala de couro tauxeado e, num desvão providencial, a estante alta e raquítica, que cambaleava a cada tombo, feito bebedeira.

Lá fóra os bondes passavam, espancando os desvios com chicotadas de aço.

Errava no ar um cheiro a refogado antigo de cebolas, uma quietude torpe, como se tôdas as melancolias do mundo andassem por ali, de cóco e saia despencada, arrastando as chinelas num ritmo de valsa lenta.

Zé Carlos deixou a quentura pegajosa do colchão, deu três passos descalços pelo assoalho e afundou no espelhinho de prego as pupilas desoladas.

Estava de barba crescida, o cabelo esfarinhado num tumulto de abandono e madraçaria. Apalpando os ossos da cara, considerou-se por algum tempo. Olho fundo, os cantos da boca derribados pela amargura e pelas vigílias, as orelhas sem sangue, e já dois ou três cabelos brancos dando rebate nas temporas murchas!

E não havia cinco anos que êle chegára do seu querido Norte!

Lembrou-se então do deputado, amigo do pai, que rouxéra de lá e lhe arranjára aquele emprego na Empresa de Novelas. O deputado tinha lhe dito:

— Bem... Isto é para começar! E o pão e o tétó! Depois veremos uma coisa melhor.

Palhaço! Prestado aquele serviço, que o tornava redor quasi exclusivo da gratidão fácil do velho — chefe de todo um distrito eleitoral — deixára-o emprateando o cerebro entre Pats de muitos tiros e Dollies de muitos beijos, que, eram a materia prima das edições dos magazines. E ali estava êle, vencido, empolgado por um horario-polvo, sem poder dar um passo mais à frente! Bandido!

Sentiu uma revolta sanguinária e ingenua contra a vida. A idéia que muitas vezes lhe viêra, de mandar para o inferno os 500\$000 ("o pão e o tétó" da retórica desta do parlamentar) que lhe pagavam para esfolar os dedos numa máquina infame, pondo em vernaculo as arlequinadas heróicas dos policiais de Chicago e New-York — reacendeu-se, bojou mais impetuosa, atejou com força no seu espirito, tão imperativa que Zé Carlos teve a sensação de que passava por um ranse inapelavel.

Era preciso voltar. Sair do Rio, da escravidão odiosa da salêta em que se consumia. Voltar, sim senhor, ser menos celebre (celebre!...) e mais feliz na sua terra. Assumiria o controle da fazenda: não sendo inútil à marcha dos negocios domesticos, não sofreria tambem as restrições da norma que se impuzera, e jamais solicitar participação nos lucros de um esforço a que êle era estranho. Naturalmente, quando embarcasse daquí num "Lloyd" melancólico, daria a impressão de um retirante às avessas, o pior dos retirantes. Dexaria de ser, para o pequeno mundo do seu sertão, um "intelectual da metrópole".

Mas, ora bolas! Que diabo era intelectual? Êle? Êle não passava de negro de preto. Sem enxada, é certo. Entretanto, no final das contas dava o mesmo. A produção da intelligencia deve ser expontanea. E, para ser expontaneo, necessita de ser livre. O sujeito que recebe tanto por mês com a obrigação de ser escritor tantas horas por dia acaba um materialão tão espesso e mecanizado como um cabra que se aluga para capinar roça com feitor à vista. Franqueza: êle não passava de um...

Bateram rudemente à porta:

— Carta para o senhor!

Carta de casa. Zé Carlos recebeu-a com uma emoção diferente. Chegando assim, na hora exata da sua

grande resolução, aquela mensagem tinha uns quês. Tanto mais quanto as cartas da familia para êle não eram frequentes.

O velho não sobrevivera à morte do voto. E dona Zulmira, sobrecarregada com a gerência de todos os serviços da propriedade, mal tinha tempo de se desincumbir cessa tarefa, e da outra, não menos absorvente, de governar o casarão tradicional, plantado bem na beira da estrada, sempre cheio e ressoante de agregados, visitas e passageiros. De vez em quando escrevia ao filho distante, mas não mantinha com êle uma correspondencia regular.

Zé Carlos abriu o envelope e sentou-se na cama.

Eram noticias corriqueiras, envolvendo nomes de pessoas e lugares que cinco anos antes êle deixára com fogo-de-vista na alma. A boa senhora dizia-lhe tambem, do orgulho de todos "pela carreira que você está fazendo aí. Ainda ontem esteve aqui o compadre Felix e disse que tinha visto na Estação uma revista que falava em seu nome. Compadre Felix não me trouxe a revista, nem é de admirar, porque aquilo quanto mais envelhece mais sovina fica. No batizado da menina do Torres a Lindinha..."

Zé Carlos parou, acendeu um cigarro, traçou a primeira fumaça e foi adiante:

"...recitou aquela poesia que você fez quando estava aqui, aquela do carro de bois. (A Lindinha agora vem sempre me visitar). E o juiz de Direito, dr. Teixeira, que veio da praça convidado pelo Torres, disse que lhe conhece muito de nome e que aprecia muito os seus trabalhos".

Zé Carlos mascou um sorriso de escarneo. Trabalhos... Traduções, traduções, e um ou outro conto original que conseguia escrever com imenso esforço — um esforço todavia bastante menor do que o que tinha de empregar para vêr a produção paginada entre as dos Peters e das Aghatas...

Fosse como tosse, porém, não deixava de lhe ser amavel a importancia que ia adquerindo naquele recanto que o vira nascer.

Imaginava principalmente, com um gozo dolorido, Lindinha recitando o seu poema dos carros de bois, feito durante umas férias do ginásio.

Ah, então ela já estava recitando versos do "cabeça de côco", do "carrapato apaixonado"? E já estava rodeando a velha? Sim senhor!

E, automaticamente, o cerebro de Zé Carlos engrenou outras peças do raciocinio. Sim senhor! Só porque êle era um "escritor do Rio"! Só. Aquela gente do Norte era assim. Se o Ruy não saísse da Baía... sim... bem... o Ruy sempre seria um grande talento, mas em todo caso não chegaria a alcançar metade do prestigio que teve.

Buscou vagamente outros exemplos. Mas aquele do Ruy lhe bastára. Mais do que isso: tinha-lhe deixado até uma sensação de enfartamento.

* * *

Na carta que Zé Carlos estava escrevendo para dona Zulmira havia um trecho assim:

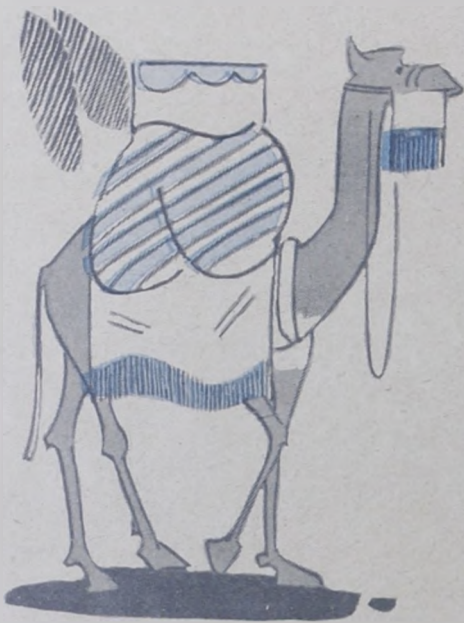
"...envaideço-me do orgulho que a senhora tem de mim e da minha carreira e do interesse com que os nossos amigos acompanham os meus passos de intelectual nesta Cidade Maravilhosa. Dos aplausos de todos farei energias para novas conquistas. Ainda ontem, tomando chá com o Afranio, que é da Academia de Letras, êle me garantiu que eu vou longe..."

Nêste ponto Zé Carlos tornou a se lembrar de Lindinha. Que arrependimento ela teria, ao lêr aquelas noticias de glória e de progresso! Com certeza dona Zulmira lhe mostraria a carta.

E, para aperfeiçoar o ferro, aguçar mais a ponta de despeito que havia de ferir-la, Zé Carlos apagou cuidadosamente o nome do Afranio, homem de erudição e de ciência, e botou o do Adelmar, poeta da preferencia da moça.



O MALHO



CONTA certa lenda árabe que a formosa Saimá, filha que era de um rico mercador de péles de Bagdad, enamorou-se um dia do primogenito do judeu Salomão, em cujas caravanas de camelos e mulas abarrotadas de arcas e surrões de couro, cheios de alfaias e pedrarias enchiam de cobiça e inveja os olhos de seu pai, o velho Abelakar.

Não era o velho Abelakar, homem fácil de se contentar com o que Allah lhe déra, e por isso mesmo imaginára uma trama diabólica através da qual pudesse usufruir dos bens de Salomão, sem lhe dar ao filho a mão da sua encantadora Saimá...

Ajustadas estavam as bódas para a primeira lua do mês de Nizam, quando Abelakar resolveu fazer uma viagem. Armadas as montarias, lá partiu êle para o deserto. Cavalgava A b e l a k a r um bélo ginete branco, ajaesado em colgaduras de ouro e prata, ardego como Pegaso, capaz de transpor o deserto arido num vôo, pois si azas não tinha o cavalo do pai de Saimá, eram todavia as suas quatro pernas como quatro patas de sofrega gazela assustadiça. Não corriam, voavam...

Ia já Abelakar em meio da viagem, quando pelas alturas de Hiram, parou na loja do velho Sophocles, que fôra marinheiro no Peloponeso afim de matar a sede que lhe escaldava a garganta. Mal larga porém o estribo, eis que o pai de Saimá dá de frente com o filho de seu amigo Salomão.

O M A L H O

Inconvenientes de um bom negocio...

De **GARCIA JUNIOR**

— Que Allah seja convosco! — grita-lhe o futuro genro numa reverencia de mergulho.

— Que Mahomet te abençoe, meu filho! — responde-lhe o velho, esparramando a mão sôbre o peito, grave, hirto como uma mumia do tempo dos Ramsés...

Então como procurando a sombra de uma velha tamareira amiga, Abelakar e o rapaz refugiaram-se a um canto. Mal havia entretanto dado uns dois passos, disse o velho para aquele que estava já marcado como seu futuro genro:

— E' verdade que, tal como me disse Saimá, compraste há dias em Beyruth a mais béla dalmata que já viram olhos humanos?

— Senhor, não digo seja a mais béla, creio bem que nem Cezar Augusto teve a fortuna de possuir igual! Seus brocados tem cintilações de ouro, que dir-se-ia ter sido ela bordada com raios de sol diluidos em eter; a magnitude do desenho lembra mãos pacientes de fadas, que andassem noite alta colhendo no ar estrelas para com elas traçar arabescos e volutas sôbre as espaldas e ombros, pois não há uma sombra de tecido que se não veja recamada de ouro e prata... Uma peça digna do museu de vestuários do Kalifa, meu rico Senhor!...

— E quanto te custou essa joia desconhecida dos tesouros de Salomão, o Grande? — interroga, avido de cobiça e curiosidade, o velho, a cofiar com a dextra a barba longa e talmudica, de olhos pequeninos e faiscantes como dois carvões acesos dentro de apagado braseiro, igneos como dois olhos de gato, brilhando na treva!...

— Senhor, pouco ou quasi nada — responde-lhe o filho do judeu Salomão de Bagdad — e concluindo satisfeito: cem dinares!...

— Cem dinares! — rompe o velho estupefato. Não é possível. Com cem dinares, tu comprarias apenas o albornoz de um fellah miseravel, pobre, de um mendigo e não essa indumentaria digna de um príncipe!... Não, deve ser engano teu...

— Enganado — perdoai-me Senhor, dizer-lhe — estaes vós! Porventura não contei eu próprio com essas mãos os cem dinares que dei ao judeu Ibrahim? Não o vi eu mesmo empilhar umas sôbre as outras as moedas faiscantes, como uma torre de ouro, que nem igual poderia mandar construir o nosso Grão Vizir, para recreio de seus olhos cansados, êle que é o homem mais rico de Bagdad?

E depois de uma breve pausa:



— Não, Senhor, vós é que andais em engano... Eram cem dinares, eu os contei...

— Por Allah juro que estás abundando em erro! — volve o velho Abelakar, com a voz a regougar na garganta, como se viesse do fundo de um pôço, trágica, colérica, cavernosa... Em erro estais, porque aqueles cem dinares eram mil na verdade. Eram mil porque de alma cega pela riqueza da dalmata que te mostrava Ibrahim, não reparaste que o judeu te mandára roubar um dos camelos da caravana de teu pai que tu levavas naquele dia a Sichem, e que não era nada valia pela carga que levava novecentos dinares, afóra o preço da alimaria... Entendeste?

Só então pela sabedoria do velho foi que o primogenito do velho Salomão compreendeu a verdade. E' que sua alma de judeu não lhe deixára vêr com os olhos do corpo a verdade que êle precisava enxergar... Deslumbrára-se, entontecêra com a magnificencia da dalmata e riqueza dos brocados, em contraste com a insignificancia do preço que lhe pedia Ibrahim. Jámais vira coisa tão rica e nem mais barata. E deslumbrado, olhos fixos no que lhe mostrava o mercador, se esquecêra de tudo só para vêr o esplendido negocio que tinha diante de si, e que talvez não lhe aparecesse oportunidade igual áquela, em todo o resto de sua vida!...

Daquela feita porém não fôra o judeu que roubára o cristão, mas sim um judeu que enganára um outro de sua própria raça, essa raça que ainda hoje pela astucia, esperteza e inteligência está obrigando o mundo a precaver-se contra ela, como se ela fôsse planta daninha, de que é preciso não deixar no chão traço que lembre suas raizes ou ratazanas vorazes que urge combater sem treguas, como fazem os lavradores no campo, com armadilhas, fúeiros e fogo, porque dão cabo das sementeiras e invadem os celeiros ricos de bôa colheita — o pobre judeu!



HUMORISMO HISTÓRICO



EMILIO de Menezes, o grande e rotundo humorista, vivia suas últimas horas. Emagrecera terrivelmente, agrilhado pelos padecimentos. Mas, nem a presença da morte, na sua ronda macabra, lhe fez perder a veia do humorismo, que era nêle uma segunda natureza. Arquejante, mas pleno de lucidez ao sentir a vida fugir-lhe, ainda pode deixar escapar dos lábios ressequidos a sua última "blague", àqueles que o cercavam no leito de morte:

— Que "bluff" vou pregar aos vermes... Roubei-lhes dezesseis quilos...

ERA o General Osório, ministro da Guerra, quando num despacho coletivo o imperador cansado e doente, adormeceu. Embaraçados todos, o general desafiou o cinturão e deixou a espada cair com estrondo, o que acordou o Imperador que lhe disse:

— Que sua espada não caia assim no Paraguai...

Ao que Osório retrucou:

— Mesmo porque, no Paraguai, não se dormia...



CERTO dia, D. Pedro II entretinha no Paço animada palestra com diversos nobres e altos dignatários da Côrte.

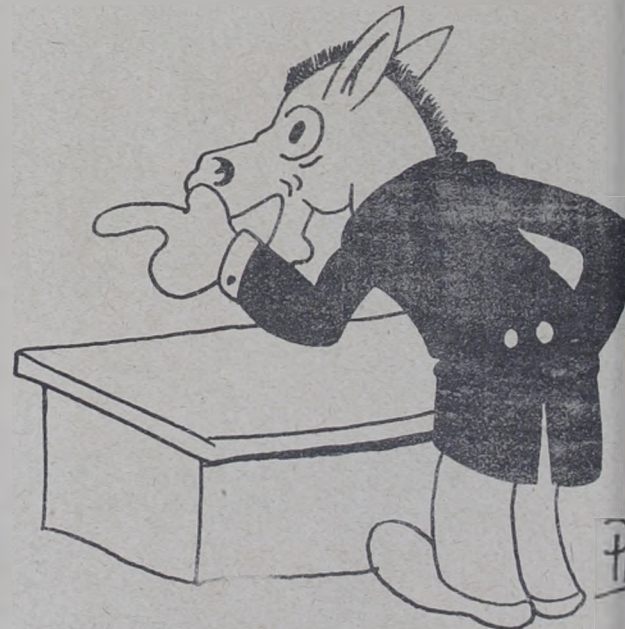
Nesse interim, a certa distância do grupo, passou um escravo que respeitosamente, cumprimentou o Imperador, sendo por este correspondido. Extranhando o fato, interveiu certo Visconde...

— Então Sua Magestade corresponde ao cumprimento de um escravo?

— Perfeitamente, respondeu calmamente o imperador. E' para que êle não diga que é mais educado do que eu.

SILVIO Roméro, quando se aborrecia, fosse onde fosse, soltava suas expressões pesadas. Certa vez cansado, ou sentindo-se mal, disse, na Faculdade de Direito de Recife aos seus alunos:

— Não dou aula hoje. Estou muito burro para falar e vocês... ainda mais burros para me compreenderem!

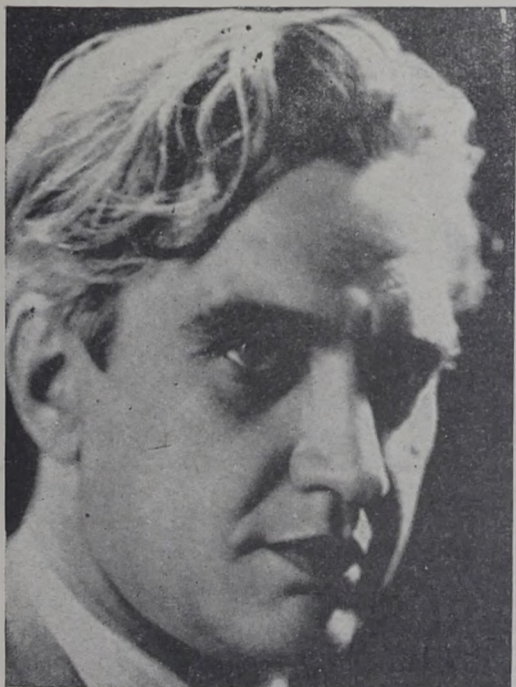




Tte. Cel. Dr. Jorge Dodsworth

Foi alvo de expressiva homenagem por parte dos jornalistas acreditados junto ao Gabinete do Prefeito, o Dr. Jorge Dodsworth, secretário geral de Administração da Prefeitura, por motivo de sua nomeação, pelo Presidente da República, para o posto de tenente-coronel médico da Reserva do Exército, posto em que serviu na Grande Guerra de 1914-1918.

Foi-lhe oferecida uma espada, pelos homenageantes, manifestação de apreço e carinho a que o Dr. Jorge Dodsworth agradeceu em brilhante improviso.



VICIOS DE IMAGINAÇÃO

Lançada pela José Olímpio editora encontra-se nas montras da livraria da cidade a 2.^a edição do livro "Vícios da Imaginação", de Gastão Pereira da Silva. Trata-se de um trabalho bem original em que o conhecido psicanalista brasileiro aborda, sob o ponto de vista da doutrina que professa, muitos aspectos da nossa vida mental, os quais, em determinadas circunstancias podem provocar certos vícios a que o autor citado denomina, com propriedade, "Vícios da Imaginação". Dentre tantos citaremos os capítulos que enriquecem a edição aludida: *Preguiça, Timidez, Espírito de contradição, Vício de roubar* e finalmente *A anedota, o Trocadilho e a Xarada*, cujos estudos constituem, em verdade, investigações até então não abordadas no terreno da psicologia profunda.

GENERAL FIRMO FREIRE

VEM de ser nomeado para o alto cargo de Chefe da Casa Militar do Presidente da República o general de brigada Firmo Freire do Nascimento, um dos mais distintos e competentes oficiais generais do nosso Exército e chefe de grande prestígio, além de figura altamente apreciada nos nossos meios sociais.

Portador de uma fé de ofício das mais brilhantes, com quasi todas as promoções de sua carreira conquistadas por merecimento, foi ainda graças às suas qualidades de cultura e integridade de caráter de legítimo soldado que o ilustre militar recebeu a distinção dessa alta investidura em um posto de tão excepcional destaque, e no qual mais uma vez terá oportunidade de prestar ao país relevantes serviços.



General Firmo Freire

O general Firmo Freire, que é natural do Estado de Sergipe, pertence à arma de cavalaria e tem os cursos de Estado Maior e Engenharia, sendo ainda bacharel em matemática e ciências físicas.

Ocupava, ao ser escolhido para chefiar a Casa Militar da Presidência, o cargo de chefe da Diretoria de Cavalaria, Remonta e Equipamento do Exército, e anteriormente exerceu com a mais comprovada capacidade, comissões de responsabilidade, em cujo desempenho logrou sempre justificar o renome de que goza, nos meios militares de soldado disciplinado e devotado inteiramente ao cumprimento do dever.

DWIGHT WHITNEY MORROW

Dwight Morrow, que era muito distraído, estava uma vez lendo o jornal, num trem, quando o chefe lhe pediu a passagem. Morrow procurou freneticamente o bilhete, mas não o encontrou.

— Não faz mal. Mr. Morrow — interveiu o chefe. — Quando o senhor achar o bilhete, mande-o para a companhia. Tenho a certeza de que o senhor pagou passagem.

— Disso também sei — explodiu Morrow. — Mas agora, como é que vou descobrir para onde vou?



INTERVENTOR LEONIDAS MELLO — Regressou à Teresina, acompanhado de sua exma. família, o Dr. Leonidas Mello, Interventor Federal no Piauí, após alguns dias de permanência nesta Capital, aonde viera para tratar de problemas de alto interesse para sua modelar administração. O clichê mostra o Interventor piauiense, que teve concorrido embarque, no instante em que tomava o avião da "Condor", que o reconduziu ao seu Estado.



HOMENAGEADO O CONDE SFORZA — Quando de sua passagem por esta Capital, o Conde Sforza, chefe do movimento dos italianos livres e antigo Ministro dos Estrangeiros da Corôa Italiana, foi alvo de uma homenagem altamente significativa dos membros do PEN-Clube do Brasil, aos quais recebeu no Hotel Glória, onde se hospedara. O grupo acima foi feito quando lhe era prestada essa homenagem.



A SOLIDARIEDADE DA A. B. I. AO GOVERNO — Instantâneo tomado no Palácio do Catete, quando o Secretário da Presidência da República, Sr. Pedro Vergara, recebia a Diretoria da Associação Brasileira de Imprensa, que ali fôra, incorporada, levar as expressões de sua solidariedade ao Presidente da República, no grave momento que atravessa o nosso país.



ALMÔÇO AO SR. NELSON ROCKFELLER — Aspecto do almoço que o Departamento de Imprensa e Propaganda e a Associação Brasileira de Imprensa ofereceram ao Sr. Nelson Rockfeller, no salão de banquetes da A. B. I., homenageando-o quando de sua recente passagem por esta Capital.



DIPLOMACIA

Recepção na Embaixada do Brasil em Lisboa, oferecida aos diplomatas brasileiros repatriados da Itália e Alemanha. Da esquerda para a direita, no alto, Secretário Nemezio Dutra, Mme Conrado, Embaixatriz Araújo Jorge, Mme Rio Branco, Major Duilio Storino, Mario Guimarães, Francisco Medalha. (em baixo) Mme Nemezio Dutra, Cônsul Vinício da Veiga, Mme Vinício da Veiga.

OS ÚLTIMOS DIAS DE STEFAN ZWEIG

Em edição do PEN Club do Brasil o acadêmico Claudio de Souza, seu fundador e presidente, vem de dar à publicidade a magnífica oração que



Claudio de Souza

foi lida em sessão de saudade daquele gremio de intelectuais, em homenagem a Stefan Zweig, a que deu o título acima.

E' um comovente e sentido trabalho em que não se sabe o que mais admirar: se a forma, ou o fundo, e em cujas linhas o leitor encontra retratado o belo e fulgurante espírito do autor de "Brasil, terra do futuro", a cujo lado o autor, seu íntimo amigo, esteve até os últimos instantes.

"Os últimos dias de Stefan Zweig", vêm, assim, acrescer a já vasta bibliografia do acadêmico Claudio de Souza, que não é das menores, e enriquecer a lista de edições do PEN-Club Brasileiro, a que tanto devem as letras nacionais.

A MORTE DE STEFAN ZWEIG

O desaparecimento prematuro de Stefan Zweig, despertando o vivo interesse de um acontecimento de projeção



Leopold Stern

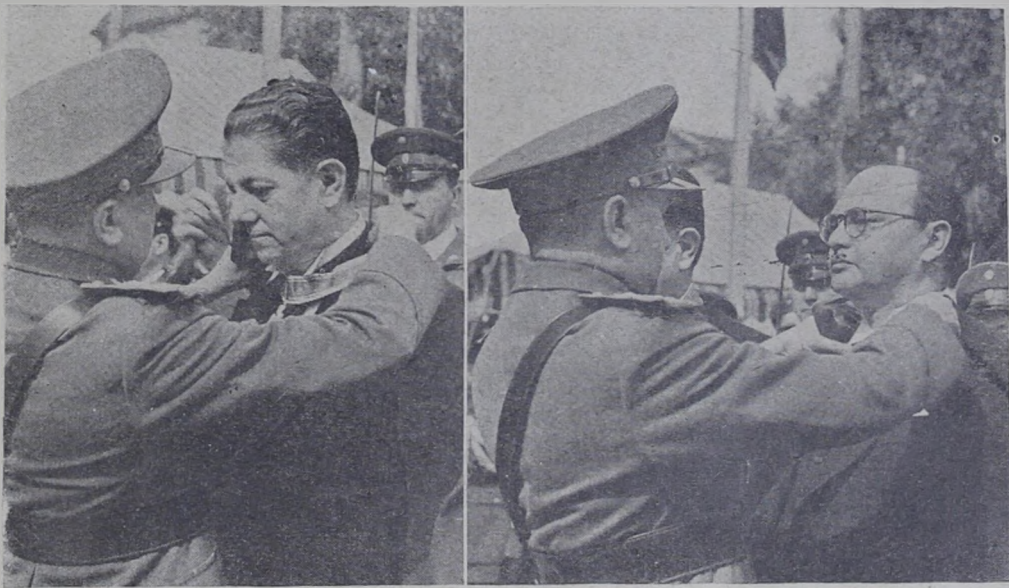
internacional, justifica plenamente o aparecimento de depoimentos como este, que os admiradores do grande escritor morto lerão com avidez e curiosidade cheia de emoção.

O sr. Leopold Stern, testemunha quase ocular da tragédia de Petrópolis, e amigo íntimo de Zweig, dá aqui uma descrição detalhada e completa do que viu e dos fatos subsequentes, em pequeno volume que merece, como documentação autêntica, um lugar em todas as bibliotecas.



O espírito de solidariedade e piedade cristã da mulher brasileira, tantas vezes posto em evidência, tem na Sra. Eurico Gaspar Dutra um dos seus mais belos exemplos. São incontáveis as oportunidades em que, à frente de outras damas da nossa sociedade, a virtuosa senhora se tem posto à frente de movimentos da mais alta filantropia, notadamente no instante atual em que visa, com os benefícios das festividades que patrocina, amparar as vítimas da guerra.

Vemo-la, aqui, ao lado de uma amiga no Casino da Urca, quando era realizado, sob seu patrocínio, o festival em prol das vítimas dos recentes torpedeamentos dos nossos navios.



condecorados Com a "Ordem do Merito Militar"

Flagrantes feitos na cerimônia realizada ao pé do monumento a Caxias, no "Dia do Soldado", quando o Ministro da Guerra fazia entrega das comendas da "Ordem do Mérito Militar" ao governador de Minas Gerais, dr. Benedito Valadares, e ao interventor federal em Pernambuco, Dr. Agamemnon de Magalhães, pelos altos serviços prestados à administração do país neste período de reconstrução nacional.

COMANDANTE OCTAVIO DE MEDEIROS

APÓS ter ocupado, com incedível brilho e capacidade, em caráter interino, o cargo de chefe do Gabinete Militar do Presidente da República, o Cte. Octavio Figueiredo de Medeiros, oficial distintíssimo da nossa Marinha de Guerra, vem de retornar às suas funções efetivas de sub-chefe daquela Casa Militar, onde tem prestado à alta administração do país o concurso precioso de sua operosidade e de sua reconhecida competência.

O Capitão de Mar e Guerra Octavio de Medeiros é uma das mais sólidas culturas das nossas forças navais e sua personalidade de escól é servida por um espírito de legítimo patriôta.

Ainda recentemente suas



qualidades de chefe e organizador se patentearam cabalmente, quando dos festejos da Semana da Pátria, pois a êsse brilhante marinheiro coube presidir a Comissão Organizadora dos Festejos cívicos e patrióticos que tiveram, conforme o testemunho público, o maior êxito que seria lícito esperar.

Retornando às suas funções após uma fecunda e proveitosa interinidade, o ilustre oficial da nossa Armada continuará, no destacado posto que tem junto à Presidência da República, a honrar a instituição a que pertence e de que se fez figura marcante pelas mesmas qualidades que o fazem, no meio civil, alvo de estima e admiração gerais.

NELSON ROCKFELLER NO JOCKEY CLUB



Expressivo flagrante feito no Jockey Club Brasileiro, o concorrido centro turfístico carioca, do Sr. Nelson Rockefeller em companhia do Cte. Amaral Peixoto, interventor federal no Estado do Rio, quando de sua passagem recente por esta capital. O coordenador dos negócios inter-americanos teve ensejo de assistir, no hipódromo da Gávea, ponto de reunião da elite carioca, a uma das habituais tardes hípicas que tanto movimento dão à vida social e elegante da metrópole.



POR motivo da passagem do aniversário natalício do Dr. Arnaldo de Moraes, o ilustre catedrático de ginecologia da nossa Universidade, e Diretor da Maternidade que tem o seu nome, foi alvo de expressivas manifestações de amigos, colegas e admiradores. O retrato do eminente cirurgião foi inaugurado na Faculdade de Medicina de Niterói e nesta Capital foi-lhe oferecido um almoço no Aeroporto, a que compareceram seus assistentes, colegas e amigos. Aqui vemos dois aspectos dessas homenagens e, no medalhão, o Professor Arnaldo de Moraes.

HOMENAGEADO O PROF. ARNALDO DE MORAIS



A SOLIDARIEDADE DA COLONIA PORTUGUESA — Flagrante da cerimônia da entrega, pelas figuras mais representativas da colonia portuguesa nesta Capital, ao Presidente Getulio Vargas, da mensagem de solidariedade de todos os portugueses do Brasil, diante dos últimos acontecimentos internacionais, vendo-se entre os presentes o chefe da Comissão, Comendador Albino de Souza Cruz.



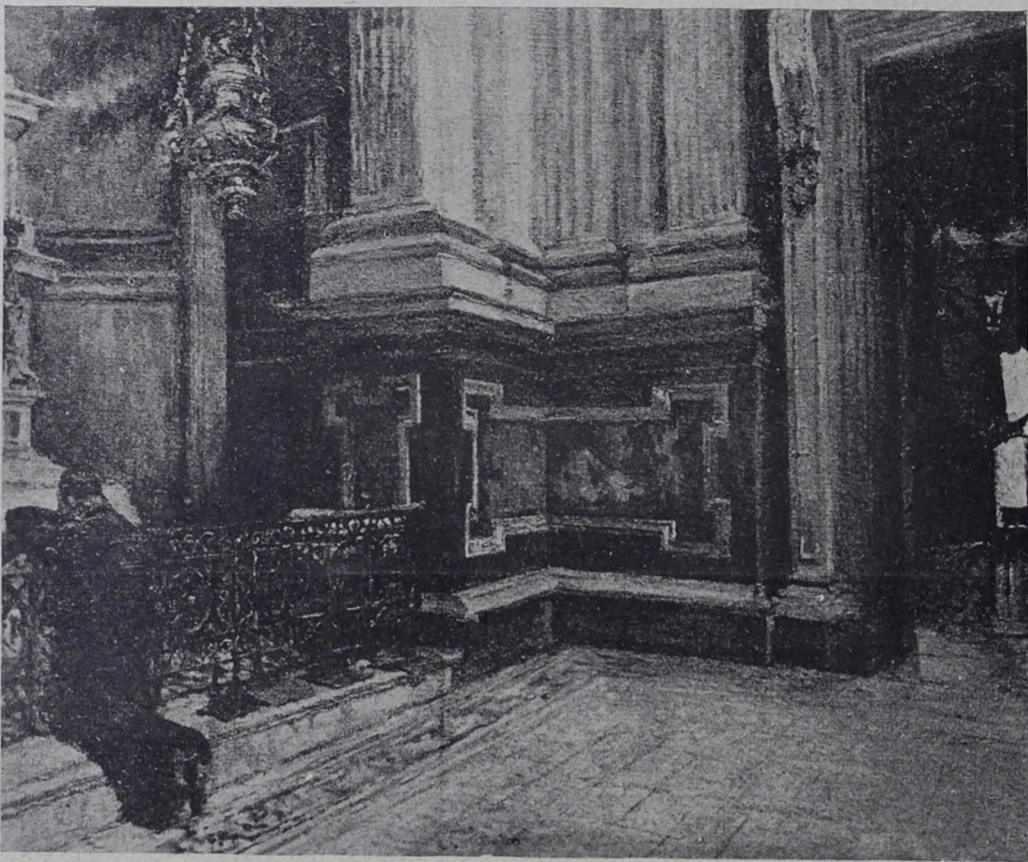
HOMENAGEADO O PROF. DEOLINDO COUTO — Amigos, colegas e admiradores do prof. Deolindo Couto, por motivo da sua recente posse como membro titular da Academia Nacional de Medicina, prestaram-lhe carinhosa homenagem, oferecendo-lhe um almoço no Automovel Clube, ao qual compareceram figuras das mais representativas do nosso mundo científico e sociedade carioca. No cliché vemos o prof. Deolindo Couto quando era empossado, solenemente, naquela Academia.



Paulo Oliveira Lima, autor de "Ibraim", interessante coletânea de contos que recebeu o Prêmio Coelho Neto de 1941, da Academia Brasileira de Letras. O referido prêmio lhe foi entregue em sessão especial da Casa de Machado de Assis, por ocasião do aniversário da morte de Francisco Alves.

O MALHO

PRECE-EGREJA DA CANDELÁRIA



Uma das magníficas telas da Exposição Jurindyr Paes Leme, inaugurada no dia 29 de Setembro no Museu Nacional de Belas Artes.

A ESCOLA DE JORNALISMO

A idéia da fundação de escolas, para jornalistas teve por patrono um homem de letras e publicista dos mais notáveis da França: Henry Fouquier, que nasceu em Marselha, em 1838, e morreu em Paris, em 1901. Na América do Norte, também se cogitou da abertura de uma instituição de ensino do mesmo genero. Entre nós, o corifeu da inovação sonhada por Henry Fouquier foi, se não nos enganamos, Theophilo Guimarães, membro da Academia Fluminense de Letras e jornalista de renome em Campos, autor de um livro precioso sobre a imprensa na próspera cidade goitacás. O distinto plumitivo tinha em mira, creando a Escola do jornalismo, não exclusivamente fazer de cada diretor de jornal — dentro da Constituição, e sem abdicar de sua razão — "um regulador moral das questões, que se deblaterassem nos entrefios da sua gazeta", mas dar golpe de morte nos vândalos que, em 1900 se asseinhoreavam da Imprensa com o intuito de transformá-la num "triste pelourinho". Theophilo Guimarães sempre se bateu por uma imprensa que estivesse alheia a tudo que não fosse pautado pela razão e pela verdade.

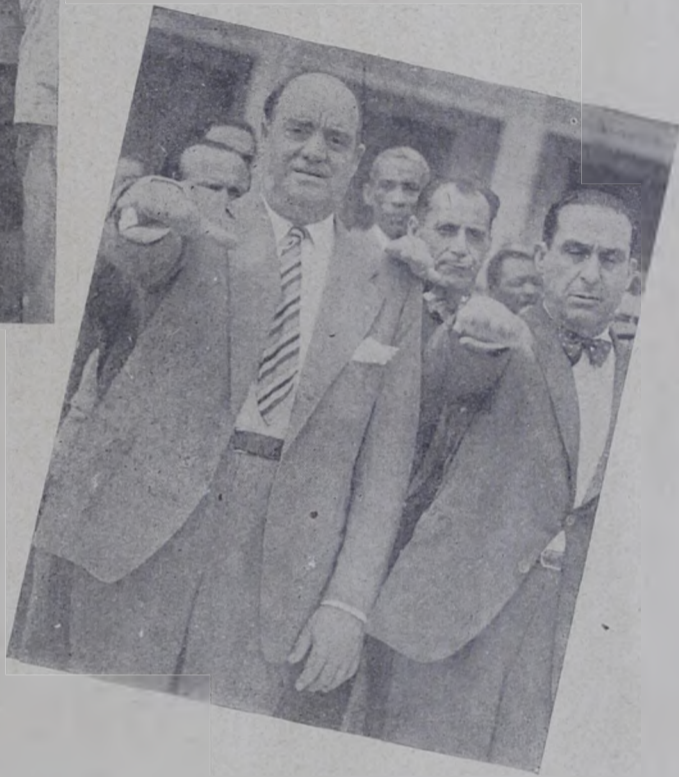
"Porque — escreve êle — ouvir a Imprensa não é subordinar-se a ela e nem lhe obedecer; é tomá-la por colaboradora da obra social; é fazê-la co-responsável na reconstrução de uma sã política, e na sua conservação; é torná-la auxiliar na doçura dos nossos costumes, na reconstrução financeira, no nosso bem-estar coletivo, fonte de onde nos pôde vir a riqueza, pela unidade de esforços, e a grandeza, pela simultaneidade de movimentos".



VIAGEM ATRAVÉS DO CAÓS... — Este é o primeiro livro de autor brasileiro que descreve ao vivo a tortura dos povos europeus — principalmente o francês — sob o jugo dos invasores nazistas. Ary Pavão, dono daquele saboroso, irreverente e inconfundível estilo que todos admiram, documenta o que narra e usa, ainda aqui, tratando de coisas tétricas, uma deliciosa linguagem cheia de ironia e mordacidade que aumenta consideravelmente o interesse do livro. "Viagem através do caos" é uma reportagem completa. Foge ao ramerrão dos livros traduzidos até aqui oferecidos sobre a guerra, e focaliza aspectos novos, inéditos, desvendando verdades até aqui inéditas. O editor é Zélio Valverde.



EXPRESSIVA CERIMÔNIA CÍVICA



REALIZOU-SE no Palácio da Guerra mais uma cerimônia de juramento à Bandeira de reservistas do Exército, por uma turma de 3.000 cidadãos que veem de regularizar sua situação para com a Pátria. A nova turma de reservistas era composta de elementos pertencentes a todas as classes sociais e de la faziam parte figuras conhecidas, no clero, indústria, comércio e profissões liberais.

Nos dois flagrantes que publicamos aparecem os conhecidos industriais Srs. Joaquim Barata e Gervasio Seabra, que integram, entre outros, a nova turma de reservistas nacionais.

"A NOTICIA"



Candido de Campos

A imprensa da Capital do país viu passar uma data particularmente grata, qual a de mais um aniversário da fundação do prestigioso vespertino "A Notícia", o jornal moderno e bem feito a que o nosso brilhante confrade Candido de Campos, seu diretor, cercado de um grupo de companheiros de irrecusável valor e competência jornalística, dedica todo o seu entusiasmo e carinho de velho e experimentado profissional da pena.

Por esse motivo foram sem conta as manifestações de apreço que chegaram à redação daquele jornal, dirigidas ao seu orientador, que é, ainda, figura de grande prestígio nos meios sociais desta Capital.

O 40.º ANIVERSÁRIO DE "O MALHO"

A propósito do aniversário de O MALHO, a 20 de Setembro, recebemos do Sr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., as expressivas palavras de felicitações que prazerosamente transcrevemos e que nos honram sobremaneira pela espontaneidade com que nos foram dirigidas:

"Presados confrades de O MALHO,

O MALHO, desde o seu aparecimento nos meios jornalísticos do país,



Herbert Moses

teve o seu lugar destacado pela sua trajetória brilhante através dos longos anos de sua existência. Essa posição merecida que lhe é imposta muito deve, sem dúvida, à orientação firme e segura de Oswaldo de Souza e Silva e Antonio Agnello de Souza e Silva. Vice-presidente e membros prestigiosos do Conselho Administrativo da A. B. I.

Compartilhando das alegrias que assinalam a passagem de mais um aniversário, a Associação Brasileira de Imprensa e o seu Presidente enviam cordiais e sinceras felicitações e votos de continua prosperidade.

HERBERT MOSES".

ROSINA DE RIMINI



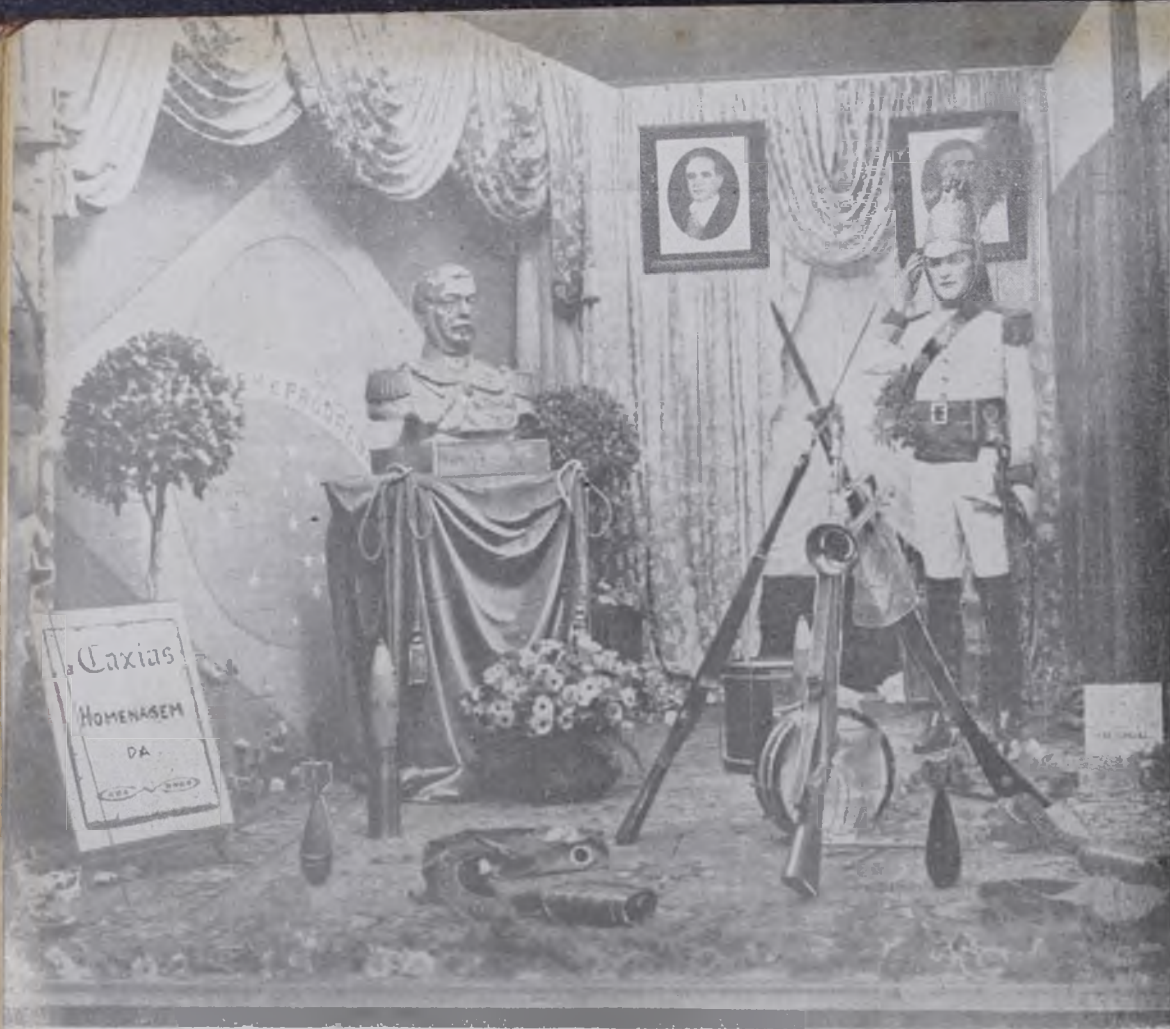
A voz mais moça e mais
bonita do Brasil, que está
atraindo multidões ao

grill da **URCA**



○ COSTUMES MEXICANOS

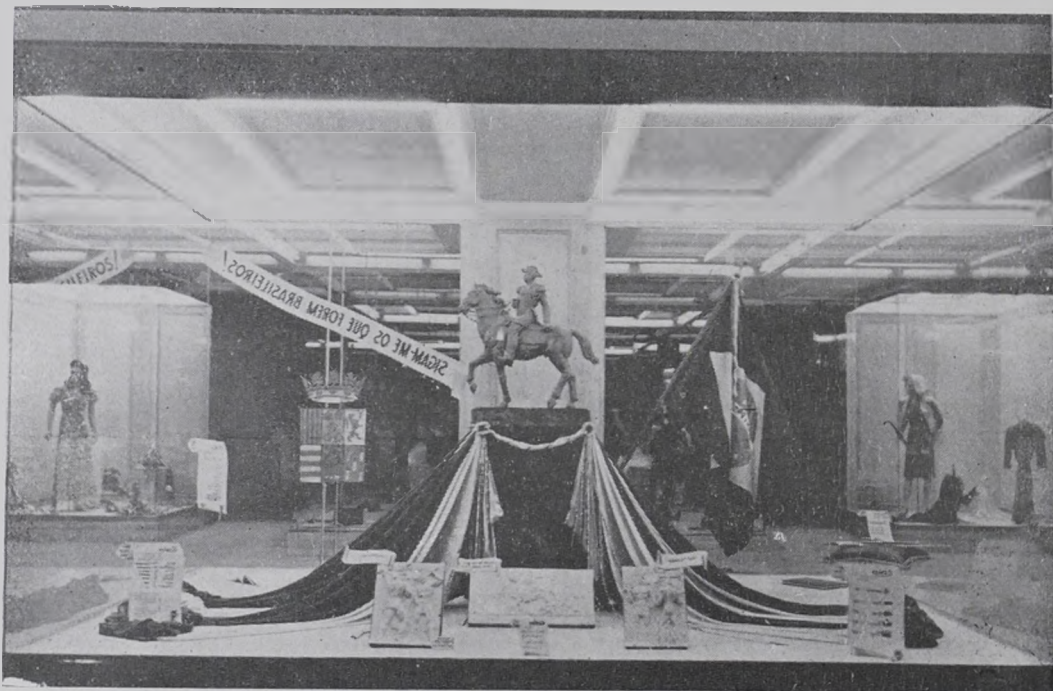
Tela de Felix Bernardelli



Vitrina da "Casa Nunes",
à rua da Carioca, 67, orna-
mentada com notável gosto
artístico.

Vitrina de "M. C. Modas",
à rua Gonçalves Dias, 52/54,
ornamentada com alto senso
alegórico.

Montra dos "Serviços Aéreos Con-
dor Ltd.", à Avenida Rio Branco,
128, organizada com apreciável
capricho.



A CONTRIBUIÇÃO DO COMÉRCIO PARA O BRILHO DA "SEMANA DE CAXIAS"

O alto comércio carioca, como sempre, se associou com entusiasmo e carinho às comemorações da "Semana de Caxias", que este ano coincidiu com a passagem do centenário da pacificação dos movimentos de 1842, realizada pelo valoroso patrono do Exército Nacional.

Inúmeras foram as casas que ornaram suas vitrinas com motivos patrióticos ou alegorias à efeméride histórica que se festejava, e entre estas se destacaram as montras cujas fotografias aqui reproduzimos, e que lograram despertar grande interesse popular, constituindo preciosa contribuição para o brilho das comemorações.

VOCÊ SABIA?

FECUNDIDADE DE ALGUNS ESCRITORES — Os manuscritos de Ariosto estão cheios de emendas. No manuscrito autografo conservado em Florença, o autor escreveu de 16 maneiras diferentes o célebre capítulo em que descreve uma tempestade. Petrarca emendou um de seus versos, quarenta e seis vezes.

Os manuscritos de Tasso, são ilegíveis, por causa de suas correções. Buffon copiou onze vezes o manuscrito de "As épocas da Natureza". Busquet, erudito francês do século XVIII, copiou quatorze vezes uma de suas obras sobre a Justiça.

Dummonin, autor francês do século XVI levou dois meses traduzindo em sete mil versos latinos "La Semaine", de Dubertas.

O Elogio da Loucura custou a Erasmo apenas sete dias de trabalho Chappman, poeta inglês, morto em 1643, traduziu em quatro meses os doze últimos contos da Iliada.

Voltaire, em 1763, escreveu a tragédia Olympia em seis dias.



O NÚMERO 7 — Pythagoras ensinava que a ciência dos números era a chave do Universo, e explicava sua cosmogonia seguindo êles. Em seu sistema, cada número não era simplesmente um sinal abstrato, mas uma entidade que possuía seu caráter próprio, sua virtude intrínseca. Daí, sem dúvida, é que provém a velha superstição que se liga ao número 13, "porte-bonheur" para alguns, azar para a maioria das criaturas! Mas o rei dos números na antiguidade era incontestavelmente o algarismo 7. Aqui estão alguns fatos comprobatórios desse privilégio.

- A criação do mundo em sete dias.
- Os sete planetas do sistema solar.
- As sete côres do arco-iris.
- As sete notas musicais.
- Os sete sábios da Grécia.
- Os sete dias da semana.
- As sete maravilhas do mundo.
- As sete cabeças da besta de Apocalipse.
- As sete cidades gregas que disputaram a honra de ter servido de berço a Homero.
- Os sete anos que Jacob trabalhou para obter a mão de Rachel.

OS ESQUECIDOS — Ninguém se lembra dos inventores da máquina de escrever, que tão grandes serviços presta em nossos dias. Os homens são muito ingratos tanto para os grandes quanto para os seus pequenos benfeitores. A primeira máquina de escrever foi feita em 1863 pelo americano Abner Peeler que se apressou a vender a patente a Sociedade Remington pela soma de 3.500 dollars. A máquina que êle idealizou, verdadeira peça de museu, funciona ainda. No ano seguinte, Peeler se achava na Europa. Graças a seus conselhos, um operário austríaco, Peter Natterhofer, fabricou a primeira máquina inglesa, que figura ainda em um museu londrino. Peeler e Natterhofer são dois nomes hoje completamente esquecidos. Até mesmo ignorados por essas criaturinhas que foram as mais beneficiadas por êles, e que são as datilografas.



A carne de cão que faz parte da alimentação dos chineses, provém de uma raça especial, propositalmente criada e cujo característico é a côr da língua. A propósito desses cães comestíveis, contam-se muitas anedotas entre as quais citaremos uma das mais autênticas. Preferiu Lord Amherst, embaixador inglês em Pekim, haver recebido um convite para um jantar sem cerimônia, em casa de um mandarim. Entre os diversos petiscos muito lhe agradou um prato de pequenas costeletas e pensou de si para si: de que animal provém estas tão delicadas costeletinhas?

Não sabendo sinão poucas palavras chinesas, Lord Amherst querendo verificar se seriam na verdade costeletas de carneiro pôz-se a balir com uma entoação interrogativa e disse:

— Meé? Meé?

Então o mandarim sacudindo negativamente a cabeça respondeu latindo:

— Au-au-au!

Eram na verdade costeletas de cão.

A jornada seguia a orla da serra. Trecho variável na configuração geográfica.

De chão batido, firme, com largura folgada para duas linhas de tráfego, a estrada, abrazada de sol, cortava terras exauridas, que há muito viviam imersas em desolada decrepitude. Fôra rica de ferteis méeses cafeeiras e pastoril, outróra, em distantes tempos. Restingas ou penhascos escavados formavam agora a paisagem, ao redor.

O carro ora mergulhava fundo no ventre da terra e o cenário todo se fechava, bruscamente, entre barrancos e céu; ou como fragil batel ao sabor das ondas, grim-pava a crista de um morro; ora varava ter-



CAROLINA

Conto de NAYME BUSSAMÁRA

renos escampos, abertos, a desdobrar-se na amplidão.

A brisa que arripiava os arbustos vinha num embalo desfechar, com impeto, no automovel. Batia no parabrisa e irrompia pelas janelas estreitas. Duas garotas, no banco ao lado de Carolina, expunham com delicado prazer as cabecinhas àquela sinfonia combinada; entre a natureza opondo força bruta e indisciplinada à força mecânica, gerada pela velocidade da "Jardineira", que aos arrancos deslocava o ar, como cirurgião desalmado despreza "ponto-falso" na superfície da pele. Agitavam as mãozinhas, vozeando algaravia confusa, aguda. A algazarra cresceu quando a serra feriu, num arremesso, a vista dos passageiros. Massiço enorme, sinistro, gigantesco, visto assim tão de perto, a alguns passos. Massa escura, recortada no azul do firmamento. Aos olhos das duas crianças, representava um monstro pavoroso que ia engulir, dum trago, a todos eles. O entusiasmo, simples e fácil, de pronto emudeceu. Impaciencia febril afogou a alegria ingenua de ambos, porque o trambolho negaceava na frente deles, como se estivesse brincando de péga-péga, ou como querendo barrar-lhes a passagem. Nas faces alargadas de curioso espanto, mostravam olhar dilatado, lábios entreabertos, a respiração suspensa. Houve um instante em que não puderam reter um grito de desespero; dir-se-ia que iam chocar-se de encontro àquela massa escura. Cobriram os olhos com as mãos e debruçaram-se sôbre os joelhos. Ao levantar os rostos, logo depois, os solitarios e altos buritis, plantados no sopé da serra, acenavam para eles as palmeiras, festivamente, num adeus, bem lá atrás, muito ao longe. Reanimaram-se, elevadas na voragem da corrida. De novo expunham-se às fustigadas da brisa desorientada, que lhes batia ríspidamente nas faces e encrespava-lhes a cabeleira solta, arrebetando gritos e interjeições. Era a vertigem e a excitação da descuidada alegria da adolescência.

Carolina sentia também em si crescente excitação e incontido alvoroço, à medida que o automovel ganhava a distancia e alcançava aquelas fronteiras, berço de suas primeiras palpitações. Pensava nas emoções

que lhe estariam reservadas ao pisar o solo em que nascêra e onde despetalara os primeiros anos de vida. Sempre quizerá muito fortemente rever a terra natal.

Desde que se retirára, em emigração longínqua, voltava agora pela primeira vez, em afetiva romaria. Consagrara tantas esperanças nessa visita e ei-la, pela fôrça da sugestão transformada em realidade, a tomar pé no passado. O longo silêncio de dez anos de enternecida saudade ia ser quebrado...

Ao perlustrar, nos limites da cidade, os primeiros pontos de referencias, que se desempastavam no fundo da paisagem, Carolina se embevecera na contemplação do antigo mundo infantil de há dez anos. A distancia idealizara-lhe a lembrança daquelas coisas. Aliada à imaginação de sua alma sonhadora, contemplativa, a distancia engendrara feérica fantasia, de concepção romanesca, heróica, na exaltação evocativa do passado, comparando-o com o presente. E parecia-lhe que vinha encontrar tudo como revia no fundo de sua lembrança, nimbada dum tom romântico, povoado de beleza e de encantamento, em que as coisas, os fatos, as pessoas, os ambientes, os pequeninos nadas tomavam persistente existência ideal, album que ela ambicionava amorosamente folhear.

A alma em alvoroço, via a povoação ir rompendo na concha do vale, empastada ainda no impreciso, em vagos contornos. O muro branco do cemiterio delineava-se dum lado, um pouco à margem do conglomerado de casas. A torre da matriz, no alto, entre o correr de velhos coqueiros hieraticos, fais-cava. O nucleo de arvoredos do jardim, fronteiro à igreja, punha escura mancha no casario. Distinguia a rua principal, cortando de ponta-ponta a cidade. Longa, fina, esguia, apertada de cazinhas humildes. A principio descendo para depois empinar, em ingreme ladeira, que desafiava a pericia dos condutores de veículos e a coragem dos pedestres. E ganhar o plano central para finalmente descer, descer e embicar do outro lado da povoação. Reduzidas ruas transversais, curtas, completavam o plano urbano.

Pipocando, de escapamento aberto, e sacudindo a carrocerie, a "Jardineira" enveredou pela via principal. Cães desembestavam das sombras, no encaço do automovel, levantando intempestiva recepção, Fisionomias interrogativas ou sonolentas iam apontando pelas portas e janelas. A "Jardineira" trepou pela ladeira forte, de motor ao máximo, roncando grosso. Esterçou na praça estreita, a que respeitaveis e ramalhudas árvores encimam de sombra fresca,

repousante e bucólica. Reinava ali um halo de beatitude, de serenidade completa.

Enlevada de místico sentimento, Carolina deixou o automovel. Sem rumo e sem destino foi trocando lentos passos. Ia conduzida pelo olhar, atento e minucioso, procurando devassar, com as pupilas tensas, o véu que guardava a memória de idos de outras datas, que com tanto afan desejava de novo respirar.

O jardim de pensativas alamedas circulares rodeado pelas grades altas, de madeira, com os portões que se fechavam à noite. O repuxo com o vistoso chafariz jorrando água abundante, gostoso de se apreciar contra o sol das manhãs limpidas. As árvores solenes, imensamente copadas, que tanta traquinice de Carolina acolheram, compassivas e indiferentes. O coreto das retretas dominicais. A estueta da Republica. As ruas estreitas e quiéatas, adormecidas no silencio, como em repouso secular, agrupando as habitações, modestas e recolhidas. A casa em que vivera. Grande, espaçosa, de aposentos amplos, cheia de claridade. O pomar ao fundo, e em seguida a minúscula invernoada que dava abrigo ao "Castanho", cavalo de corrida do pai, e à "Malhada", vaca leiteira, presente do seu padrinho. A loja e o armazem de tantas portas que ela nem sabia mais quantas eram. Os sitianteos aos domingos e dias santos, enchendo a casa de vida, abandonando à frente da rua os cavalos, trolis e charretes, enquanto o pai e os caixeiros se desdobravam em lufa-lufa. As reinacões que por ali praticára... O parque do hotel na esquina, centro de reunião da garotada do bairro, para improvisar circos e outras travessuras. "Seu" Manéco, escrivão do cartorio, tão seu amigo, velhote de barbicha no queixo, contador fabuloso de histórias. O sobradão da escola. A pequenina estação da via ferrea. As amigas prediletas e inseparáveis. A Veronica, preta velha, serviçal, rabugente e meiga. O casarão acachapado, de taipa, da santa casa, com suas tetricas historias de assombração. As novenas e o côro na matriz; as festas escolares. A farmacia do "seu" Pedrinho. A chacara de "nhá" Rita. O jornalzinho critico do Mauricio. O Gustavo e suas suas mimosas poesias. Tantas e tantas outras reminiscencias que formavam o seu querido mundo, que ela muito amava, ressurgiam e se reconstituíam e se associavam, ao ir-se embrenhando naqueles meandros.

O coração a bater descompassado, sentia, entretanto, que tudo envelhecêra e perdêra o porte senhorial. Não conseguia reatar os liames com o passado. Havia um cunho de tristeza mansa que dominava. Nada mais encarnava as alegrias do seu tempo de menina. Pairava um ar de cansaço e de tédio. Não existiam o encanto, a graça e a pujança que ela conhecêra.

Passo-a-passo, ao desdobrar as folhas daquele intimo relicario, pelo qual de longe

suspirára, decepção sobre decepção, numa surpresa angustiosa, secreta e surda, oprimia-lhe o coração e abatia-lhe o animo. Inesperadas revelacões, inacreditaveis à sua ternura e devoção, tão laboriosamente recalçada. Tudo agora, naquela afetiva romaria lhe era mesquinho, pequenino, insignificante. O ambiente mudára. As criaturas, umas envelhecêram e estavam tão diferentes; outras tinham deixado aquelas paragens; as demais nem sequer viviam. Mudára para pior, num sentimento de desolacão, pobreza, penúria, decadencia. Gente envelhecida e gente extranha. Casario decrepito. Árvores e arbustos estratificados, engelhadados, amarelecidos, tendo os ramos, despídos de folhagem, mirrados. Aspectos de escombros. Ruínas. Como se um abandono definitivo tivesse empolgado todos os recantos. Estava morto. Irremediavelmente morto o mundo de infancia. Morto...

Buscou o refugio do templo. No altarmór a imagem de São Pedro pontificava, ladeada por dois lumes devotos. Nos intervalos dos altares laterais, os vitrais, roxo, e vermelhos, coavam frouxa luz exterior, mostrando cênas do evangelho. O adro estava deserto. No silencio profundo, os estalidos sêcos dos cirios que ardiam, aqui e ali, como simbolo de vida, eram ruidos dominantes. Escolheu um encosto afastado, num desvão. Sentou-se. Da penumbra foram surgindo fórmias toscas, imprecisas. Altares e alfaias, castiçais e flôres e velas. A pia lustral. Os quadros da via-sacra. O renque duplo de compridos bancos. O pulpito. Vagamente foram se destacando perante os olhos de Carolina, ainda inundados da claridade que trouxêra de fóra.

Tambem ali o tempo devastára quasi todos os vestigios da meninice de Carolina. Tinha sido reformado, quasi radicalmente. O exterior guardava o mesmo aspecto, mixto de estilo romano, de gotico e de inspiracão indigena. No interior, porém, as mutacões alteraram o antigo plano geral. Estava desconhecido. Irreconhecível. Era uma igreja extranha para Carolina, que não articulava nenhum dos grandes e extraordinarios acontecimentos que com tanta emocão ali vivera. Além disso, como era feia! E o encanto se fóra.

Carolina estava esmagada. Clamava no intimo profundo arrependimento por ter vindo nessa viagem, que lhe destruiu tôdas as ilusões. Nunca mais haveria de se refazer daquela atrás decepção. O teorico passado desabára sobre ela, como templos derrocados, ferindo-a em cheio. Uma angustia espessa e um pesado desespero vinham de todo aquele ambiente, consumido de merencorea tristeza, impelindo-a a fugir, a fugir o mais depressa, numa aflicção de asfixia. Fugir e esquecer, esquecer depressa. O desespero acumulado assim naquela romaria

frustrada, avassalou-a tôda. Subiu e cresceu. Encheu-lhe o peito. Constringia-lhe a garganta. E golfou de dentro de si, onda impetuosa, arrebrandando em soluços, que ela reprimia com as mãos e em lagrimas que desciam pelas faces e iam embeber o lençinho de rendas.

A crise crispava-lhe o busto nervosamente. E retorcia as mãos como sarmentos na fogueira, tomada daquele cruciante desgano. Carolina estava aprendendo pela própria experiencia dolorosa que é em nós que vive o passado. E que nada continúa belo e ideal e interessante sinão o pensamento. Porque o pensamento é a vida.



A PRECE DE PAI JOAQUIM

Pai Joaquim da serra
foi um caboclo forte
e um feliz capinador de enxada.
Tinha os pixains mais pretos do que tinta
e uns dentes brancos
bons para mastigar a cana.

Mas... o tempo foi devorando tudo.

Hoje, a cabeça do Pai Joaquim
está branquinha
igualzinha

à cal da casa do sinhôzinho.
O coração esse, coitado!
é um velho relógio escangalhado
e cadê um só dente pra mastigá?...
Tem os olhos parados interrogativamente
e uma lágrima permanente
a escorrer-lhe por entre as rugas da cara.

Quando sôa Ave Maria,
Pai Joaquim deixa a cabana,
larga seu pito de banda
e vai direito ao cruzeiro da serra
acender suas duas vélas,
e toca a rezar de joelhos no chão
de mãos postas para o céu.

Lança um olhar para a cidade que éle viu nascer
e prossegue com a voz cançada
sua prece de todo o dia.

— Cruzeiro da minha terra
por alma da Joana querida
não deixe aquela cidade atrevida
subir nesse alto de serra.

ARLETTE CORRÊA NETTO

VIDA

Sou tão moça
que meus olhos mal aprenderam a ver.
Meus lábios acabam de pronunciar as primeiras palavras.
Meu coração ainda não conhece o amor.
Sou tão velha
que meus olhos se fecham,
já cansados do mundo.
Meus lábios se calam,
porque nada mais têm a dizer.
Meu coração não canta alviçareiro,
porque ninguém o desperta para o amor.
Sou tão moça
que não conheço a vida.
Sou tão velha
que estou cansada de viver.

EDY MARIA DUTRA DA COSTA

VERDUGA

Que tédio inexplicável sinto nalma,
E que ânsia
Fere os meus versos pobres de ideais...

As elegias passam.
Céleres,
Fugindo,
Como se a mim fizesse
Mal
O seu contacto...

— x —

Címbalos dormitam
No silêncio da noite nua e fria,
Vasia,
Indiferente,
Onde a minha angústia se dilue
Num desalento sem mágua,
Resignado e estéril...

— x —

Quizera eu
Que ao menos
Viesse a mim uma tortura
Que,
Esgarçando-me os nervos,
Fizesse-me chorar de dôr...

— x —

Membros lassos,
Vontade sem domínio,
Apelo para a vida que me cerca...

— x —

Ser mulher... pensar... agir... sorrir...
E sorrir muitas vezes,
E sorrir sempre mais...

— x —

Mas...
Que silêncio na alma sinto eu!...
Verduga de mim mesma,
Olho a vida,
Desnudando-a no meu interior...
Lá dentro do meu ser parece ela
Bruxoleio de luz
Extinguindo,
Num silêncio de noite sepulcral,
Ou
Um som soturno,
Diluindo,
Diluindo,
E sumindo no ar,
No mistério do nada...

DINÉA FRANCO VAZ

NA VIDA

Conjugal

COM os poucos recursos dos seus vencimentos, a família do funcionário Mendonça passaria necessidade se a senhora Adelaide não fosse disposta e trabalhadora, sempre envolvida com os múltiplos afazeres domésticos.

Ele que a princípio se sentia humilhado quando algum cidadão interessado em abreviar o andamento do processo, o chamava ao corredor e passava-lhe um "biscate", concitando que acompanhasse o seu caso que depois seria mais gratificado, — agora se mostrava indiferente a esses conchavos.

Seus vencimentos, na verdade, não eram suficientes para a manutenção da família... Três filhos... e uma sobrinha.

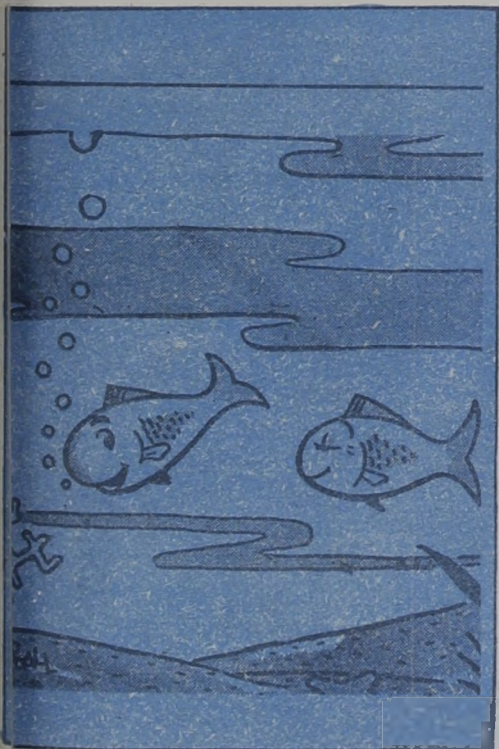
A Lilita já era uma mocinha. Precitava de sapatos de salto alto, vestido de seda... Afinal, se ele se contasse com a generosidade do público, como é que iria viver com tantos encargos?!

D. Adelaide era incansável. Logo de manhã era vista no tanque, lavando a roupa de casa. Tinha receio de que a filha adoecesse e por isso não permitia que ela fizesse qualquer serviço.

E ela se enviaçava ao sentir de encontro ao rosto as mãos castas e macias da filha.

Os olhos irradiam o fulgor ou o obscurantismo; a inteligência; os semblantes, os gestos, as maneiras de conduzir caracterizam e distinguem as pessoas, mas são sempre as mãos que espelham no indivíduo a natureza de sua atividade.

Lilita não era vaidosa. Quantas vezes insistia com a mãe para lavar pelos menos a roupinha dos irmãos menores!...



ENTRE NAMORADOS...

K. Lá está o sábado, chova ou faça sol.

X — 1942



— Não, minha filha. Isto é um serviço muito pesado para você... Vá ver por onde anda o seu irmão...

Era o meio que quase sempre lhe ocorria, para que as lágrimas deslissassem longe dos olhos da moça

* * *

O Mendonça juntamente com um companheiro de repartição foram contemplados com um prêmio de 500 contos da loteria federal. Transferiram-se então para um bairro melhor, alugando um apartamento confortável.

A D. Adelaide, entretanto, não modificara o seu sistema. Acordava cedo, preparava o café e ainda lavava a maior parte da roupa.

— E' o costume — dizia ela — não posso deixar de fazer qualquer coisa.

Logo que recebera a importância, o funcionário abandonara o emprego e se fizera sócio de uma empresa de transportes com o capital de 60.000\$000.

Era, de fato, um negócio vantajoso. Com dois anos de atividade já o Mendonça fora reembolsado da sua quota e auferia uma retirada de 15 contos por mês.

Aos sábados, domingos e segundas-feiras ele não era mais encontrado em casa. Como desconhecia por completo os centros de boemia... os casinos... agora parecia querer recobrar o tempo que levava percorrendo os corredores da repartição.

A esposa, como sempre, se conformava com todas as situações e nunca se ouvia daqueles lábios uma palavra sequer de recriminação.

Enquanto o marido acumulava outras mulheres de joias e vestidos caros, ela se conformava com o que tinha. Não tinha nascido para frequentar os centros elegantes, mas se preocupava vivamente pelo conforto e educação dos filhos.

Já estava habituada com o afastamento do marido. Talvez nem o atraísse mais... já estava bem velha... E dedicou-se com mais amor e carinho à vida dos filhos.

Havia já seis dias que ele não aparecia. Nunca se afastava de casa, por mais de três dias sem avisar a mulher. A família ficara preocupada. Lilita corréra todas as amigas e telefonára para vários conhecidos, consultando se não o tinham visto.

Na hora em que as crianças se achavam no colégio, uma jovem loura subira as escadas apressadamente. Procurava a senhora Mendonça.

— Sim senhora. Sou a esposa dele — respondeu, ansiosa por receber notícias.

— Sinto muito, mas a minha consciência obrigou-me a vir lhe comunicar que, amanhã, ele partirá para o norte comigo! Sei quanto é dolorosa, para uma mulher, uma separação como esta! Mas creia minha senhora, que também amo o seu marido e farei tudo para que seja muito feliz! Só agora encontrei um homem que me compreende e que me estima verdadeiramente.

As palavras saíam nervosamente, e a mulher chorou. A outra, entre satisfeita ao receber a notícia, e a emoção ao ser cientificada do que ocorreria, com os olhos cheios de lágrimas, não sabia mesmo o que dizer:

— Ainda bem! Ele está com a senhora!... Pensávamos que tivesse sido vítima de algum desastre...

A moça que esperava naquele momento as mais acerbas imprecizações contra seu gesto, ficou emudecida ante a atitude dela.

A criança, no berço, ao lado, estendeu as perninhas, sorriu e levantou os bracinhos como fazia ao ver a Lilita.

A loura não se conteve mais, e saiu às pressas... Uma hora depois, o Mendonça entrava em casa. Deu um beijo na testa da mulher, acariciou o filhinho, tomou um banho frio e passou vários meses sem sair de casa, a não ser acompanhado pela esposa.

ARNOLFO FERNANDO

X — 1942

CERTA tarde, achando-me no escritório de Hércules Poirot, o famoso detetive, depois de tomar uma xícara de café, perguntei-lhe:

— Que me diz, Poirot, sobre esse roubo de jóias, de Bond Street, em pleno dia,

— Um bom golpe — respondeu êle — embora pouco interessante para mim. A audacia da empreza salva a da vulgaridade. Um homem parte com a bengala o vidro dum mostrador, apoderando-se de muitas pedras preciosas. Alguns prestativos cidadãos por sua vez se apoderam dêle, que guarda o produto do roubo. Conduzem-no à delegacia e aí descobrem serem falsas as pedras. O homem entregou as legítimas a um cúmplice, certamente disfarçado no meio da multidão que ocorreu logo. O delinquente irá para a prisão, é claro, mas ao sair, contará com uma bonita fortuna. Não foi mal arranjado, Hastings, mas eu faria melhor. Às vezes, lamento minha honestidade. Seria mui agradável trabalhar agora contra a lei, em vez de defendê-la...

Não lhe fiz caso, e tomei o jornal.

— Aqui há outro assunto que talvez o interesse, Poirot. Um súdito britânico, misteriosamente assassinado na Holanda...

— Oh! Misteriosamente! Será um caso d'intoxicação alimentícia... Mas, repare — acrescentou, aproximando-se da janela — aí vem vindo uma mulher, que nos romances se chamaria "a dama do véu". Achege-se à nossa porta. Toca a campainha. Vem consultar-nos. Eis a probabilidade de alguma cousa interessante. Quando uma mulher é jovem e formosa como esta, o véu é devido a qualquer mistério.

Um minuto depois, nossa visitante foi introduzida. Não pudemos distinguir-lhe os traços, enquanto não levantou o véu de tulle negro. Poirot tinha razão: era extremamente bêla, loura e grandes olhos azuis. Deduzi logo por sua maneira sóbriamente luxuosa de trajar que devia pertencer às altas camadas sociais.

— Senhor Poirot — disse adama, com voz suave e musical: — estou num grande embarço. Tenho apenas uma ligeira esperança em seu auxilio, mas soube de cousas tão maravilhosas a respeito de seu talento, que vim procurá-lo, como último recurso.

— Seja absolutamente sincera, então, replicou Poirot — E' essa a primeira condição do triunfo.

— Confiarei, pois, no senhor. Ouviu falar em Lady Millicent Castle Vaughan?

Fitei-a com vivo interesse. O anuncio do noivado de lady Millicent com o jovem duque de Southshire apparecêra havia pouco, nos jornais. Essa moça era a 3.ª filha dum nobre irlandês arruinado, e o duque de Southshire, um dos melhores partidos da Inglaterra.

O MALHO

— Sou Lady Millicent — continuou a moça — Há de saber de meu noivado, que faz com que todos me considerem uma das mais felizes mulheres da terra. Porém, sr. Poirot, estou numa terrível encruzilhada. Há um homem... um homem medonho, chamado Lavington... E êle... mal pôsso dizê-lo!... conserva em seu poder uma carta que escrevi aos 16 anos...

— Ao senhor Lavington?

— Oh, não! A um jovem soldado que amei muito e que morreu na guerra...

— Compreendo...

— Trata-se duma carta aturdida, indiscreta, porém nada mais. Algumas de suas frases se prestariam entretanto para uma interpretação equivocada!

— E essa carta chegou ao poder de Lavington?

— Sim; e si não lhe remeter uma soma exorbitante que não possúo, ameaça entregá-la ao Duque, meu noivo.

— Não seria bom, sta. — perguntou Poirot — confessar tudo a seu futuro espôso?

— Não me atrevo. O duque tem um temperamento esquisito. E' ciumento, desconfiado e sempre propenso a crer do péor.

— Ah! E que auxilio espera de mim?

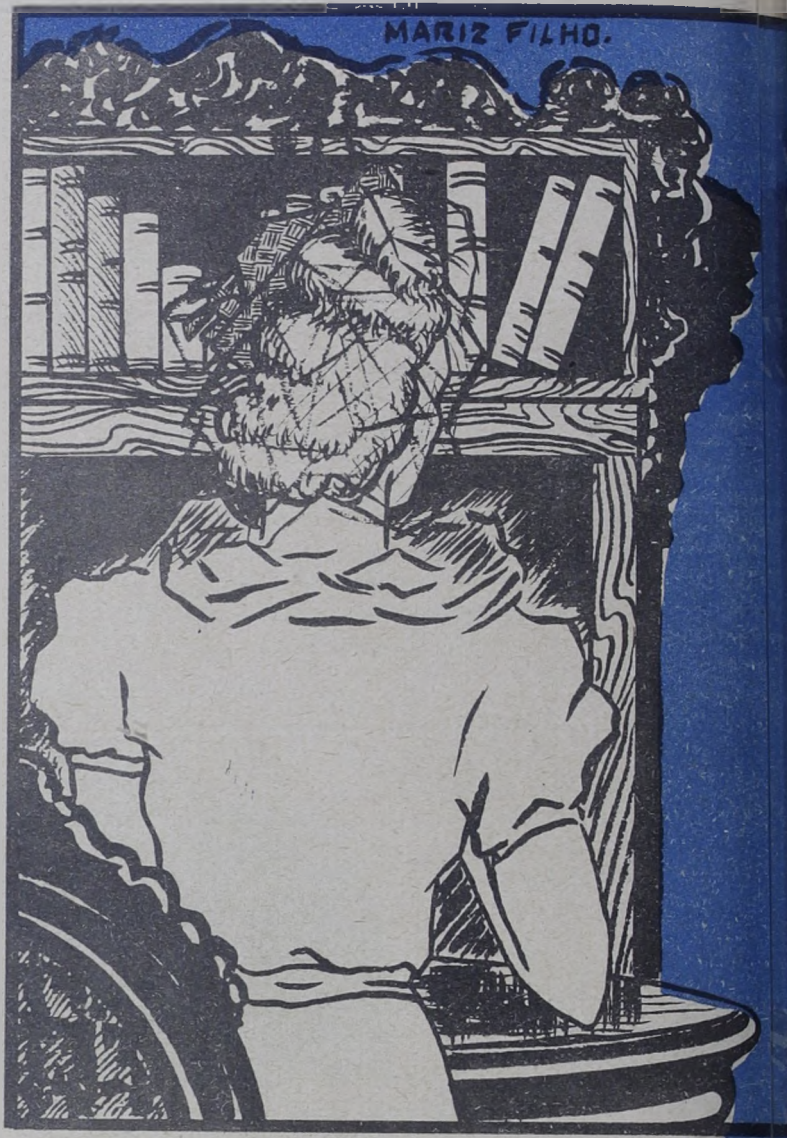
— Pensei que pudesse obter a visita de Lavington. Direi a êle estar o senhor incumbido de tratar do caso em meu nome. E talvez conseguisse uma redução da soma. Quer 20.000 libras esterlinas, nada menos...

— Repugna-me a idéia de a senhora se submeter a uma extorsão. Poirot sempre derrota seus inimigos. Faça com que esse sr. Lavington me veja. Trará com êle a carta?

— Não creio. E' muito precavido. Apenas mostrou-m'a, quando estive em sua casa...

— Como? Esteve em sua casa?

— Sim. Impeliram-me o desespero e a esperança de comovê-lo. Lavington móra em Wimbledon. Lá estive ao escurecer. Disse a esse verdugo que o denunciaria à Policia, e êle se limitou a dar uma gargalhada. Canalha! Depois, mostrando-me um cofrezinho japonês, desses que tem mólãs ocultas, retirou



A D A M

dêle a carta, mostrando-me, à distância. "Garanto-lhe, senhorita — disse — que sua carta, aqui, está bem guardada. Além disso, a cartinha está num esconderijo que a sra. jámais descobrirá". Odioso! Acha, sr. Poirot, que poderá ajudar-me?

— Tenha confiança, senhorita. Encontrarei um meio de auxiliá-la.

Essa certeza me pareceu excessiva, enquanto Poirot conduzia a cliente pela escada, e assim o fiz sentir a meu amigo, quando voltou.

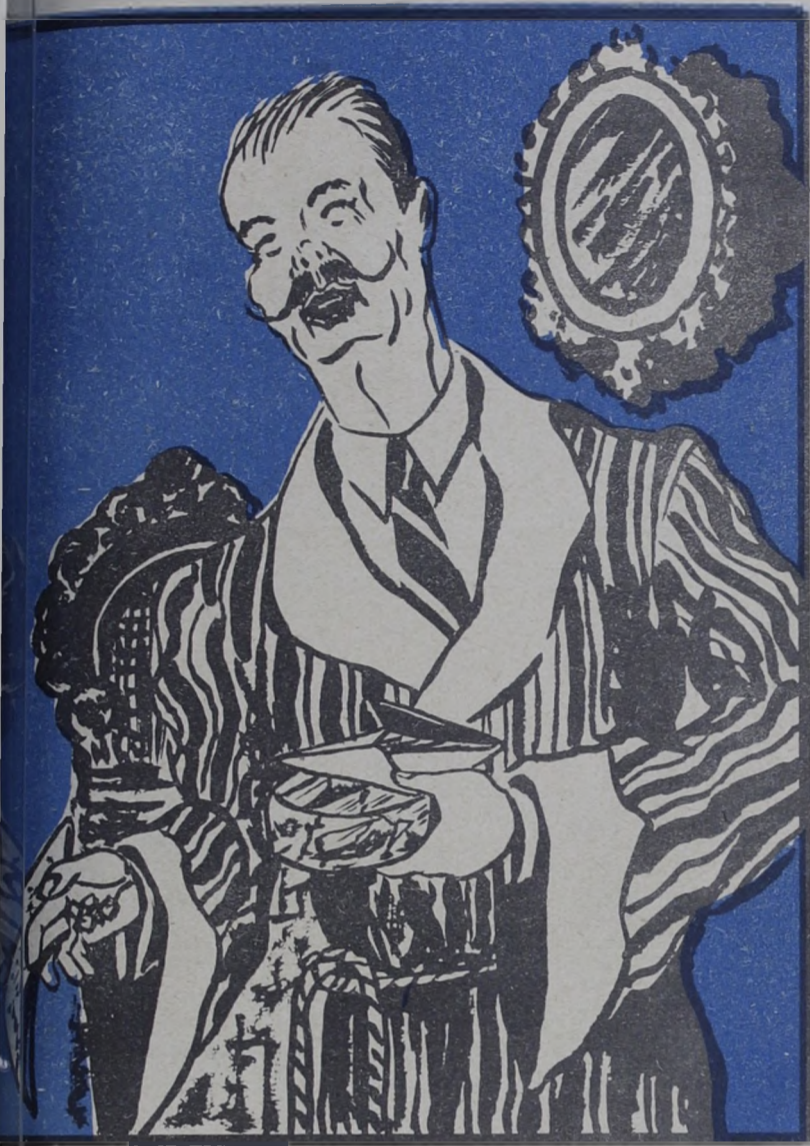
— Efetivamente — replicou —; a cousa não é fácil. Esse Lavington domina a situação e, por ora, não sei como vencê-lo...

*

**

Lavington nos visitou nessa mesma noite. Lady Millicent o retratára com exatidão. Tinha os modos e o aspecto dum canalha, e contive-me, para não me atirar a êle.

— Bem, cavalheiros — começou Lavington, logo depois de tirar o chapéu. A situação é a seguinte: ofereci esse documento a Lady Millicent, por um preço irrisório, devido a se tratar duma senhora encantadora. Posso dei-



DOVEU

Conto policial, de ÁGATA CHRISTIE

... xar a soma por 18.000 libras. Sáio hoje com destino a Paris, para cuidar dum pequeno negocio, e voltarei terça-feira. Si na tarde desse dia, não me entregar o dinheiro, a carta irá parar em mãos do Duque...

E, sem dizer mais nada, deixou-nos.

— Deus meu! — exclamei indignado... E' preciso fazer alguma coisa. Acho que você toma as cousas muito calmamente...

— Louvo seu bom coração, meu amigo; mas as precipitações são perigosas. Si o sr. Lavington saiu daqui com a impressão de que o tememos, nossa causa estará bastante adeantada...

— Porque?

— E' curioso — continuou Poirot, pensativo —, que eu tivesse tido vontade de trabalhar contra a lei, justamente antes de Lady Millicent vir-nos procurar...

— Você pretende revistar a casa desse homem na ausencia dele? E si andar com a carta?

— Poirot sacudiu a cabeça:

— E' muito improvavel. Evidentemente, tem em casa algum esconderijo que supõe inexpugnável. Amanhã à noite lá iremos.

Era meia-noite, quando entrámos no pequeno jardim de Wimbledon. A casa estava escura e silenciosa. Poirot se dirigiu logo para uma janela da parte posterior do edificio, levantou-a e me disse que entrasse.

— Como sabia que esta janela estava aberta? — perguntei.

— Esta manhã preparei tudo. Muito simples... Vim e me apresentei com um cartão oficial do Inspetor Japp. Disse que fôra enviado pela Scotland Yard, para examinar algumas fechaduras de segurança, contra roubos, a pedido do sr. Lavington.

A governanta me acolheu com entusiasmo. Parece que houve aqui duas tentativas de roubo, ultimamente. Examinei tôdas as janelas, fiz o que tencionava, proibi a os criados que tocassem nas janelas, pois tinham corrente elétrica, e retirei-me. Agora, trabalhem... Os criados estão no andar superior e não os incomodarão.

— Presumo que o

cofre de segurança esteja embutido nalguma parede...

— Cofre de segurança? Não há tal! Lavington é um homem inteligente. Seu esconderijo será melhor do que um cofre forte.

Iniciamos uma pesquisa sistemática do lugar mas, ao cabo de várias horas, não tínhamos obtido resultado algum, e notei uma expressão de cobra nos olhos de meu amigo.

— Hercules Poirot será vencido? — exclamou. — Nunca! Raciocinemos!

Meditou um instante; depois, disse:

— Que imbecil sou! A cozinha!

— Como? É impossível! Os criados...

— Exatamente! Isso e o que diriam noventa e nove pessoas por cento. E, assim, a cozinha é o lugar ideal. Adiante!

Segui-o, duvidoso, observando-lhe os movimentos, enquanto abria todos os recipientes e metia a cabeça no forno a gás. Porfim, fatigado, voltei ao escritório, convencido de que sómente ali, sómente ali, poderíamos encontrar o esconderijo. Passou-se um quarto de hora e, como notasse que as luzes da alvarada começavam a penetrar pelas janelas, tornei a procurar. Poirot.

Com assombro, encontrei-o de pé, junto ao depósito de carvão, com o trajo coberto de manchas...

— Poirot... meu amigo... Lavington não pôde ter escondido isso entre o carvão...

— Si observar bem, Hastings, verá que não estou examinando o carvão.

Reparei que numa prateleira estavam algumas achas empilhadas e que Poirot as segurava, uma a uma, com suma destreza. De repente, exclamou:

— Sua faca, Hastings!

Extendi-lha. Ele a inseriu na madeira, bateu ligeiramente e o tóro se partiu em dois. Tinha sido cuidadosamente serrado pela metade, e no centro era ôco. Dali tirou Poirot uma caixinha chinesa...

— Estupido! — gritei, sem poder conter-me.

— Mais baixo, Hastings... Não levante a vós... Saiamos daqui, antes que o dia nos surpreenda.

Meteu a caixa no bolso, sacudindo a roupa. Deixámos a casa, e marchámos rapidamente em direção de Londres.

— Que esconderijo extraordinario! — observei. Podiam ter utilizado essa lenha para o fogo...

— No verão, Hastings? E essa acha estava no fundo da pilha... Ai vem um taxi. Agora vamos para a casa, em procura dum bom banho e dum sono reparador.

Com a excitação da noite, dormi até muito tarde. Quando desci por fim à salêta, deparei, surpreso, com Poirot estendido numa poltrona: tinha a caixinha chinesa aberta sôbre o côlo e lia tranquilamente a carta.

— Lady Millicent tinha razão — disse-me com tom afetuoso — O duque nunca lhe perdoaria esta carta. Contém os epitetos carinhosos mais extravagantes que conheço.

— Na verdade, Poirot — disse eu, absorvido — parece-me incorréto você ler essa carta...

— Ouço passos na calçada — interrompeu êle sem fazer caso. — Deve ser Lady Millicent.

Nossa formosa cliente apareceu com uma anciosa expressão no rosto, que se trocou em imensa alegria, ao ver a carta e a caixinha nas mãos de Poirot...

— Oh, sr. Poirot! Que maravilha! Onde estava escondida! Como conseguiu?

— Por meios bem censuráveis. Mas o sr. Lavington não me processará. E' esta a carta, não?

— Sim — disse a moça. — E pondo a mão no cofrezinho, acrescentou. — Guardá-lo-ei como lembrança.

— Esperava, sta., que o dêsse a mim como recordação.

— Hei de enviar-lhe um presente muito melhor, no dia de meu casamento. Não sou uma ingrata, senhor Poirot.

(Termina no fim do numero)

KRISHNAMURTI, O ILUMINADO INSTRUTOR

BELARMINO VIANA

("Eu não quero ser adorado
Quero ser compreendido.")

Krishnamurti

PASSADO da humanidade perde-se no grande dia da história, e esta corre do Oriente para o Ocidente.

A história do Oriente remonta a muito maior número de séculos que a do Ocidente. Por esta razão o oriental possui um subconsciente mais complexo e mais profundo.

Ao estabelecermos comparação entre uma e outra história, verificamos estar o Ocidente diante de um passado muito recente.

Grécia, Roma antiga e Europa atual tomam quase todo o espaço dos nossos conhecimentos e constituem a história da humanidade Ocidental. Mas, esse passado significa também, para nós, quase toda a história humana. Muito pouco sabemos da velhíssima história dos orientais. Somente de raro em raro surgem, para aumentar os nossos conhecimentos, fragmentos do longo passado dos Orientais. Por estes fragmentos verificamos a existência da grande reserva subconsciente que lá existe. Quanto ao aspecto da sabedoria, esta está guardada pelos instrutores espirituais. Estudando esses aspectos descobrimos que os conhecimentos espirituais dos ocidentais são mais de superfície que de profundidade. Não sabemos, como os orientais, dominar o nosso subconsciente.

Os conhecimentos espirituais dos orientais representam a matriz da história humana. Ainda não vivemos esses conhecimentos, razão porque não dirigimos a vida pelo entendimento profundo de nós mesmos. E somente com este conhecimento perceberíamos certas modalidades subconscientes que significam maior entendimento, maior defesa e também maior agressividade quando se trata de luta material.

Quando falamos do Oriente não compreendemos bem a imensa diferença de concepção da vida que lá existe. Somos de pouco conhecimento no que se refere ao velho subconsciente humano. Ignoramos quase por completo a profundidade da sua função. A razão dessa ignorância é que o Ocidente é apenas um grande galho da árvore humana nascida no Oriente.

Atualmente estamos num ponto agudo da história humana — há luta, confusão e incompreensão, como se a humanidade tivesse sido dividida em dois grandes seres de espécie diferentes. Devemos procurar entender as razões do grande choque dos hemisférios.

O Ocidente está em guerra com o Oriente, e pensamos que esta guerra entre os dois hemisférios seja apenas a consequência de perturbações políticas e econômicas. Não sabemos analisar os fatos por um prisma menos superficial. Entretanto, o mundo torna-se vertiginosamente pequeno para os que têm melhor compreensão. E para estes, a anormalidade de um país ou de um hemisfério tem relação psicológica direta com toda a humanidade, da mesma maneira que uma doença com todo o corpo. Teimosamente não procuramos, na superficialidade da nossa mentalidade, encontrar as causas das anormalidades que presenciemos. Estamos presos e também limitados no plano dos interesses materiais.

x x x

As civilizações ocidentais inspiram-se nas verdades eternas reveladas pelos instrutores orientais. Antes de Cristo falar às portas do Ocidente, o mundo Oriental já se havia inspirado noutros instrutores de Sabedoria: Budha, Krishna, Lau-ticeu, Confúcio e outros. Através de Cristo, o Ocidente inspirou-se no sen-

tido das verdades permanentes já conhecidas dos orientais. Nossa mentalidade Ocidental, porém, ainda é de superfície. Esquecemos o bem que nos fizeram e lembramos o bem que pretendíamos fazer.

Agora, o Ocidente foi despertado por um segundo choque vindo do Oriente. Que relação espiritual tem este acontecimento com a nossa mentalidade? Este fato merece estudo e meditação. Devemos buscar conhecer as causas essenciais desse grande acidente da história humana. Do contrário, permaneceremos subjogados pela incompreensão, pela limitação dos opostos.

O Ocidente foi agredido militarmente, foi perturbado na sua marcha de grandeza econômica. Está sendo forçado a reorganizar suas forças mentais e materiais e a retificar todas as suas qualidades espirituais.

O choque produziu consternação e surpresa. Toda a previdência de que o ocidental estava possuído foi de chofre anulada pela sutil experiência Oriental, que precedeu e sobrepoz-se a todos os cuidados de defesa ocidental.

Qual deve ser a atitude de entendimento do homem que estuda a vida no plano espiritual, acima das conquistas políticas, econômicas e militares? A rea-



ção política e militar se processou automaticamente, embora nós, os ocidentais, não estivéssemos preparados para entender os aspectos transcendentais da luta entre o Oriente e o Ocidente.

Perante a nossa intuição estamos vendo repetir-se entre os hemisférios a consequência do episódio do encontro de Jesus com os fariseus que desejavam apedrejar a mulher adúltera. E o Mestre os advertiu: "Aquele que estiver sem culpa atire a primeira pedra". A mentalidade ocidental é dirigida pelo espírito de possessividade, que se veste nas dobras do poder econômico.

O que se passa, portanto, entre os dois hemisférios, é a sufocação das consciências que atingiram os limites da possessividade, quer dizer, pela consciência da Vida Eterna, que não permite duas verdades, uma para mim, outra para o meu amigo. É um "desfecho de interconsciência" de todos os homens em ambos os hemisférios. O resultado será a renovação da consciência universal. Será um mundo mais perfeito.

A maior parte do sofrimento do homem culto e instruído está na falsa razão que o faz adquirir por

imposição do desejo, sem se dar conta de que tudo quanto se adquire pelo desejo é ilusório. A única aquisição perene é a do entendimento.

Por estar nesse estado de obscuridade e confusão espiritual, dirigido pelas memórias de desejo, e vez de pelo entendimento, não compreende o homem na sua generalidade, a falsa estrutura de sua mentalidade, mentalidade superficial que combate e mesmo tempo admite o objetivo combativo.

Muito homem culto, em todas as partes do mundo, julga que o seu verdadeiro direito é conseguido pela força e pelo sangue, ao invés de pela inteligência. E no entanto a terra, com toda a sua incalculável fartura, está postada dadivosamente a seus pés. A realidade é que o homem aquisitivo não sabe usar entendimento.

x x x

O Ocidente vai viver uma fase de maior influência vinda do Oriente. As centenas de milhões de seres que estão vivendo no Oriente, separados pela cultura milenária dos seus antepassados, vão pôr-se em movimento mental mais aproximado com as centenas de milhões de ocidentais, portadores de cultura recente. É um movimento que beneficiará a humanidade.

Espiritualmente, não haverá vencidos nem vencedores, pois as simples vitórias do homem sobre o homem são efêmeras. Vai haver, sim, desde o século presente, a transformação integral da mentalidade humana.

O homem do Ocidente começa a viver conhecimentos nos quais jamais pensou. O homem do Oriente muitas vezes milenário em hábitos e costumes, retificará sua mentalidade velha, absorvendo a nova cultura dos ocidentais. É a lei eterna da vida, que ajuda a humanidade a refundir-se, libertando-a também das "memórias paradas".

Se profunda já fosse a prática da verdade e do entendimento entre os homens de cultura, não haveria o choque entre Oriente e Ocidente. O entendimento seria a lei de previdência. Que adianta lutar e vencer pelo ódio, que não supera o entendimento? O que adianta é que o homem possa atingir um melhor nível de entendimento, pois fora do entendimento não há harmonia nem felicidade perdurável.

Krishnamurti, o último dos grandes iluminados respondendo à certa pergunta de um dos seus ouvintes, assim se expressou: "a política, a economia, a sociologia, todos os múltiplos departamentos do esforço humano, são semelhantes a ramos de uma árvore. Se olhades para a raiz da árvore, se vigiades para que esteja bem nutrida, então os ramos serão perfeitos".

Mas, em que estado estão as raízes — neste caso o subconsciente — do homem culto e civilizado? A resposta é esta: as raízes estão sendo nutridas pelo líquido corrosivo da possessividade, quando deviam estar mergulhadas na água pura da cooperação e do entendimento. A falsa mentalidade do homem civilizado agasalha o vírus cruel da aquisitividade individualista, da qual o homem desavisado não se apercebeu.

Krishnamurti respondendo à pergunta de um outro ouvinte, assim falou: "Toda a estrutura de vosso pensamento se baseia na aquisitividade e na imitação e, por isso, vossas consecussões mais não são que cinzas, nada mais que vácuo, e poucos enxergam a desgraça disso".

Certamente, depois do atual choque entre o Ocidente e o Oriente, uma mentalidade mais sábia e mais universalista trará para o homem um maior entendimento da sua própria natureza (Vida), e para a árvore humana a melhor colheita dos frutos do entendimento e da sabedoria.



VERONICA LAKE é no momento uma das figuras mais sensacionais do cinema. Descoberta nas fileiras de extras, sob o nome de Constance Keane ela teve logo grande chance com o papel de "vamp" em "Revoada das Aguias". Depois de "Contrastes Humanos" passou a ser uma das grandes figuras da Paramount. E lançou no mundo inteiro a moda de esconder o rosto atrás dos cabelos, como disse um humorista americano...

DE C I N E M A



George Montgomery é o novo galã no qual Hollywood deposita as maiores esperanças. A 20th Century Fox prepara os melhores filmes para este novo Robert Taylor e já em "Ten Gentlemen From West-Point", ele tem o principal papel ao lado da encantadora Maureen O' Hara.



John Barrymore faleceu, Lionel está muito idoso e Ethel continua pouco amiga do cinema. Mas a linhagem da "família real" será continuada em Hollywood com a presença de Diana Barrymore, filha do malogrado interprete de "O Be'lo Brumel". Diana foi contratada pela Universal e ei-la aqui numa cena de "Águias da Vitória" com Robert Stack.

Esta fotografia foi apanhada um pouco antes de Tyrone Power se apresentar para o serviço militar. Aqui está o astro de "The Black Swan" com sua esposa Annabella — que depois de esperar em vão o papel de "Maria" em "Por quem os sinos do- bram", resolveu tentar o teatro, interpretando a peça de Noel Cowards "Blithe Spirit"



HA 30 ANOS

O filme sensacional do mês de Setembro de 1912 foi "O caso dos caixotes" ou "O roubo dos 1.400 contos", que a Cia. Cinematográfica Brasileira lançou no Odeon, uma reconstituição do célebre crime, feita pela Brasil-Filmes, sob indicações de Candido de Castro no Rio, Santos e S. Paulo, operado por Paulino Botêlho, e interpretado por Alvaro Costa, Antonio Ramos, Beatriz Martins, Maria Amelia Reis, Alberto Silva, Samuel Rcsalvo. Avellar Pereira e Machado. Tinha três partes e foi exibido simultaneamente no antigo Odeon e no Ideal, da rua da Carioca. Depois, o cinema da esquina da rua 7 de Setembro, onde hoje está a loja da Cia. Souza Cruz, apresentou: — "Qual dos dois?", tragédia da Pasquali com Alberto Capozzi e Maria Candiní; "Sob o reinado do terror", da Vitagraph. (si não nos falha a memória, a primeira versão de "A história de duas cidades", de Dickens); e "Cesar Borgia", continuação de "Lucrecia Borgia", apresentado anteriormente. No cinema Avenida, foram exibidos: — "Cagliostro", da Gaumont, em duas partes, baseado em "As memórias de um médico", de Dumas; "Um homem debaixo da cama", da Vitagraph, com Zena Keefe; "Nini, a fera", da Pathé, com Mme. Ventura na protagonista, seguida de Kemm Deschamps e Andrée Pascal; "A conquista da felicidade", também da Pathé-Frères, com M. Worms e Berthe Bovy; "A mão de ferro" ou "A caça aos espiões", policial, da Gaumont, com Mr. Perret e Mr. Keppens; "Os ratinhos de Katy", da Pasquali, com Alberto Capozzi e Orlando Ricci; "Os mortos não falam!" da Messter, com Henry Porten; "A miragem", da Eclair, com Cecile Guyon; "A sobrinha da America", também Eclair, com Mr. Ravet; e "A Condessa Carlota", produção escandinava da Film Durkel, com Mr. Dynnsen, Mme. Frederiksen e outros. O Pathé estreiou os seguintes filmes: — "A esfinge", drama da revolução francesa de 1793, com Mlle. Demidoff e Charles Krauss; "Ressurreição de Nick Winter", policial da Pathé; "A dança da morte", melodrama da Nordisk, com Asta Nielsen, escrito pelo marido da grande atriz, Urban Gad; e "A felicidade de um celibatário", da Gaumont, baseado no livro de D. Juan Tenório.

CINEMA DE PORTUGAL

(De J. A. da C., correspondente de «O Malho»)

Jorge Brum do Canto havia realizado antes de "Lobos da Serra", como é do conhecimento dos "fars" brasileiros, dois filmes, o primeiro dos quais "A Canção da Terra" constituiu uma agradável produção considerada ainda hoje a melhor da Cinematografia Portuguesa pela beleza das suas imagens, humanidade da sua história e perfeita visão cinematográfica. O segundo, "João Ratão", constituiu já uma mistura das qualidades boas reveladas no primeiro com os máus e vulgares atributos ateatrados dos filmes nacionais.

Passado o seu novo filme, verificamos com satisfação que Brum do Canto voltou aos métodos que originaram "A Canção da Terra".

"Lobos da Serra" tem mais humanidade e fotogenia que "João Ratão". Tal como na sua primeira produção, constitui um hino à terra, à vida sã e laboriosa do homem a lutar pelo pão creado com o suor dos braços revolvendo o chão fértil, arrostando com as intempéries e caprichos da natureza. Faz a apologia duma vida feliz, produtiva e socegada, em oposição à vida fácil e aventureira com os lucros grandes e perigosos do contrabando. É a história dum casal feliz, assente numa vida creada por um trabalho honesto e rústico. Os dois conheciam já a vida agitada e perigosa dos contrabandistas, porque um irmão dela, envolvido nessas aventuras da passagem clandestina da fronteira, estivera a ser arrastado para a morte ou para a prisão. Salvára-o um milagre e regenerára-se.

Mas vem um temporal. A enxurrada arruina-lhes a propriedade. Ela vê o próprio marido desanimar, preocupado. E o seu temor, não é em vão. Só por um triz ele não cai também nessa vida que sempre reprovaram. A dois passos de tomar parte numa aventura de contrabando, seduzido pelo lucro fácil, a sua consciência de homem honesto desperta a tempo numa visão de tragédia iminente e provável.

A vida do campo, laboriosa, mas sã, triunfa. E é aqui que, com coragem, ele compreende estar a base duma felicidade airosa, ao lado da sua mulhersinha.

Tudo isto é narrado em imagens bem encadeadas e fotogenicamente belas. Não há saltos de ligação, nem confusão na maneira de expôr. Isto é alguma coisa. Em andamento normal, cadenciado, nota-se o cuidado do realizador em ser claro, cinematográfico, com meios simples. Pôde-se-lhe reprovar apenas na primeira parte a lentidão do desenrolar da história (maneira revelada também em "A Canção da Terra") que parece

ser característica da maneira de fazer de J. Brum do Canto. E o filme sofre ainda um pouco dum defeito peculiar em todos os filmes nacionais: argumento ligeiro, intriga sem motivo que comece imediatamente por fazer vibrar e interessar fortemente o espectador.

J. Brum do Canto tem viva noção da cinematografia. Prova-o uma vez mais, com a sua preocupação de não refletir aqui teatro. Nos diálogos procurou a sobriedade, coisa notável, por ser rara nos filmes portugueses. Fugiu às tiradas teatrais à maneira antipática de dizer como se estivesse no palco. Nisto teve êxito completo.

Mas, em muitas passagens, patenteia as suas melhores qualidades de realizador — aliás já demonstradas nos filmes antecedentes. Em certos pormenores há dedo. Na realização de certas cenas, como as da enxurrada onde há visos de verdade, as da perseguição aos contrabandistas pela guarda-fiscal, as da procissão e outras, mostrou do que é capaz. Não ficam a dever nada às mais perfeitas do género executadas nos estúdios estrangeiros.

A interpretação bem equilibrada da parte de Maria Domingas, Antonio de Souza, Carlos Otero, Antonio



Antonio de Souza e Maria Domingas, interpretes do novo filme português: "Lobos da Serra".

Silva, Santos Carvalho, Maria Emilia e dum grupo de crianças, revela a habilidade deste realizador ao dirigir. Raramente temos visto uma interpretação tão homogênea. Todos se movem num jôgo interpretativo adequado à circunstância. E se não ha de parte de qualquer dos artistas uma interpretação extraordinária, também se não pôde apontar a qualquer deles um papel deficiente, como é vulgar em filmes anteriores. O conjunto evidencia-se por simplicidade e nítida compreensão de cada um dos intérpretes.

Quanto ao restante, fotografia, sonorização, música, mantêm aquêl nível razoavel de apresentação vulgar nos filmes portugueses.

César de Sá foi esmerado na fotografia; com mais arte nos exteriores que nos interiores.

Jaime Mendes cuidou da música com a propriedade requerida.

A sonorização necessita ser mais apurada nos nossos filmes. Todos apresentam passagens com falta de nitidez e "Lobos da Serra" não fugiu à regra.



Ha muito tempo a Warner Bros. tinha a história de "The Gay Sisters", mas não se resolvia quanto à escolha do elenco. Desta vez tudo ficou resolvido com Barbara Stanwyck, Geraldine Fitzgerald e Nancy Coleman para as "alegres irmãs" e George Brent para o galã. Este é um descanso de filmagem, vendo-se as artistas e o diretor Irving Raffer.



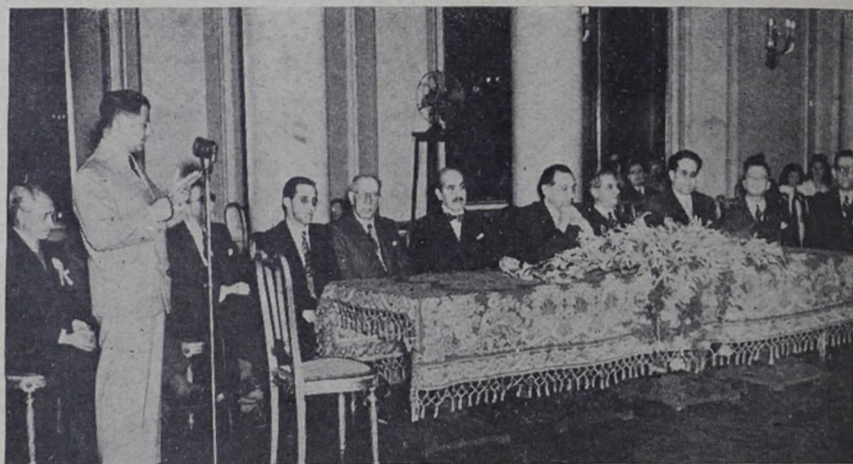
O Sr. Correia e Castro, diretor do Lar Brasileiro, ao receber os cumprimentos dos amigos presentes à missa na Candelaria.

Mesa que presidiu a sessão solene realizada antes do baile, no Automóvel Club.

O "LAR BRASILEIRO"

E SEU 17.º ANIVERSÁRIO

Flagrante do baile nos salões do Automóvel Club do Brasil.

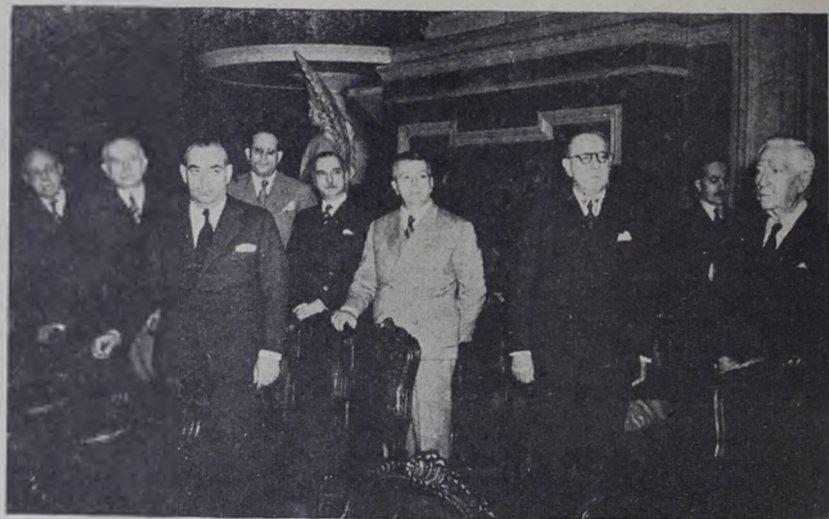


um baile no salão do Automóvel Club do Brasil, antes de cuja realização teve lugar uma sessão cívica de cuja mesa fez parte o professor e académico Aloisio de Castro, diretor da instituição. O orador oficial da solenidade se referiu, em particular, à pessoa do Sr. Pedro Luiz Correia e Castro, que depois de haver exercido altos cargos em outros setores de atividade, sempre com inteligência e capacidade, vem dando a essa organização um impulso admirável. Em nome do funcionalismo do Lar Brasileiro falou o Sr. Manoel Henrique Willasco, que produziu brilhante saudação aos diretores da casa.



PASSOU a 19 de Agosto último o 17.º aniversário da fundação de uma das mais sólidas instituições de crédito desta Capital e do país, o Banco Hipotecario Lar Brasileiro, instituição que firmou solidamente os seus créditos pela idoneidade de seus dirigentes, lisura de seu proceder e inteligência com que coordena em benefício do público os recursos da economia particular, postos sob seus cuidados.

Por êsse motivo se realizaram grandes festas que tiveram início pela celebração de missa votiva na igreja da Candelaria, por iniciativa dos funcionários da própria organização, e terminou por



Aspecto da missa na Candelaria, vendo-se os diretores entre os quais os Srs. Antonio Carlos e Correia e Castro.



Grupo feito à porta da igreja da Candelaria, após a missa mandada celebrar pelos funcionários do Lar Brasileiro.



Linha

A preocupação da "linha" é o angustioso problema feminino mais sério, e por linha se compreende esse dom simplesmente maravilhoso de aparência integralmente atraente, agradável e cheia de sedução. Nem sempre há êxito nas tentativas que se fazem para a obtenção dessa harmonia, mas ninguém ignora que há secretos recursos de que as mulheres lançam mão eficientemente, para ampliar o raio de ação de sua personalidade e de sua graça. Nesta foto, nada falta a Virginia Gilmore, elemento feminino da Orquestra Wife, para lhe completar a "linha" impecável: nem mesmo o cigarro, que representa o mesmo que a pedra de toque do bom gosto da mulher.



OLGA NOBRE vem de uma família de artistas. Cédo se impôs à simpatia do público, sendo uma das mais aplaudidas artistas do "cast" da estação de Renato Murce, onde existem bons programas.

RÁDIO E PROPAGANDA

DEVEMOS reconhecer o enorme préstimo do rádio no que se relaciona à propaganda. Vem isso a propósito do que, ao momento, muito poderemos fazer e organizar, quando estamos em guerra, no sentido de informar bem o público, de preveni-lo sobre ordens e fatos.

Outra coisa: entre os anúncios, de vez em quando, mau não seria, se estivessemos alertando os brasileiros com frases cívicas, sobre os deveres para com o país.

Também seria recomendável, pequenos atos teatrais, substituindo os velhos decalques de folhetins policiais, pífios e aborrecidos, onde a juventude visse reproduzidas, cenas e acontecimentos cívicos de relêvo, sobre a vida dos grandes heróis que tivemos.

O rádio precisa colaborar, mais em cheio, com o delicado momento que atravessamos.

Restaria apenas, além da extrema boa vontade, naturalmente de todos, um pouco de mais atenção para o que se possa fazer com encantamento e inteligência, neste setôr.

FRANCISCO GALVÃO

O M A L H O

Brèques

— Melhoram algumas estações os seus programas dominicais.

— A Nacional instituiu um interessante concurso de marchas patrióticas.

— A Tupi, ao que se diz, vai preparar a apresentação de novos números de sanção.

— Ari Barroso prepara, ao momento, linda composição patriótica para Silvio Caldas.

— Certos romances-folhetins, pelo rádio, causam não sómente interesse, como ainda, servem para abalar os nervos do público. Sinistros, bem sinistros, nos seus sombrios enredos.



WALTER SIQUEIRA sempre foi uma figura de realce no rádio-teatro. Foi chamado, agora, a colaborar com o "Tijuca Tênis Clube", sendo-lhe entregue a direção do seu quadro teatral de amadores.

— Sarah Nobre vai voltar ao rádio-teatro, sendo a noticia das mais auspiciosas.

— A Rádio Clube criou um novo programa sertanejo com Padilha, José do Norte, Cacilda Marajó e outros elementos de renome.

— Virginia Lane é uma artista que se vem fazendo, com êxito, na Nacional.

— Os adjetivos... Como eles atrapalham os artistas de rádio! Há, agora, uma artista, na Nacional, que se chama Lucilia Greys, pois bem, começaram a chamá-la, agora, de "Veludo Sonoro".

E por que?

— Helena Martins está fazendo um programa bem feito sobre lar e beleza, na Ipanema.



Coisas

— O humorismo radiofônico anda a carecer de vitaminas. Pois de outro jeito, vai bem fraquinho...

— Há quem diga que Carmen Miranda volverá num passeio ao Rio, por estes dias.

— Dentre os artistas que cairam na decadência, encontra-se Carlos Galhardo, cuja volta à Mairink Veiga, mostra, em verdade, que a sua voz peóra sensivelmente.

— E por falar em decadência, convem não esquecer que a Dircinha Batista, não há jeito de fazer barulho, apesar da voz bonita que teve...

— E a Vera Cruz?

— Arnaldo Amaral prova que é melhor locutor que intérprete de canções na Rádio Clube.

— Jararaca e Ratinho continuam infernais. E se deixassem de "rabular" sempre a mesma coisa, provocando a plateia para o riso, conseguiriam muito mais simpatias.

— Alvarenga e Ranchinho, conjuntamente com Cesar Ladeira, continuam a fazer humorismo na P. R. A. - 9.

— Nilza Magrassi integra o "cast" da Rádio Clube nos programas de rádio-teatro.



NENA MARTINEZ dirige, agora, um programa do lar e da família, onde apresenta lindos números e conselhos práticos sobre os encantos do lar.

— Rosina Pagã continua a aumentar o seu prestígio na P. R. E. - 8.

— Foi contratado, pela Cruzeiro do Sul, o conjunto paulista "Grupo X".

— Andou, pelo Rio, o compositor paulista Arí Machado.

— Jaime Brito íntegra, presentemente, o quadro artístico da Ipanema.

— Albenzio Perrone, cujas valsas sentidas tanto agradam os românticos, acaba de compôr a sua derradeira música, que é muito bonita e se escuta pela Educadora.

— Déo acaba de lançar de Pires Vermelho, e João de Barro, na Columbia, o samba "Brasil, usina do mundo".

— Pereira Filho, com o seu violão elétrico, é uma das atrações do "Samba e Outras Coisas".

— Marília tem apresentado bons programas na Nacional, é verdade que sem espalhafatos de publicidade.

— Fala-se que vai ser rescindido, judicialmente, o contrato dos "Anjos do Inferno", na Tupi.

Bolas

Aos domingos, o programa de Barbosa Junior, pela Nacional, diverte a gente. Barbosa prepara brincadeiras interessantes, e conta com um público muito escolhido.

-- Carmen Barbosa continua doente.



MARILÚ reapareceu na Rádio Clube com a graça morena de seus sambas bonitos. O público já sentia grandes saudades da graça de sua música bonita e cheia de lindos ritmos.

— Onde é que anda Cinara Rios ?
— Homem prático, esse Francisco Alves, e conhecedor da psicologia humana : depois de seus cavalos no turf, eis que acaba de montar uma livraria . . .
— Deve ser louvado por parte de certos diretores artísticos, a série de lindas canções patrióticas, interpretadas pelos seus melhores artistas.

— Os que fazem programas de calouros deveriam pensar em uma fórmula mais moderna de apresentação dos artistas estreados. Anda tão cabuloso o que existe por aí no gênero . . .

— Zarúr continua com as suas sinucas e os seus gatinhos pela P. R. A. - 9.



MANUEL DURAES continua, em São Paulo, a contribuir com o seu talento para o rádio, apresentando comédias das melhores.



MARIA SILVIA PINTO — A música, arte subjetiva por excelência, tem, no canto, uma de suas manifestações mais expressivas de musicalidade tamanha, que enfrentou as acometidas do grande instrumentalismo. Maria Silvia Pinto, brilhante artista patricia, que já levou a nossa arte a outras terras, cultivava esse canto em duas de suas especialidades, a de câmara e a folclórica.

— Frias, dos Estados Unidos, tem mandado bom noticiário pelo rádio.

— As "Três Marias" constituem um conjunto dos mais queridos na Nacional.

— Renato Murce anda de sorte. Programas bons. Excelentes "performances", na Rádio - Clube.

UMA INICIATIVA DA RADIO CLUBE



Deixou a mais viva impressão no espírito público a iniciativa da Rádio Clube, organizando um verdadeiro júri simulado, sob a orientação jurídica do juiz Arí Franco.

Com a supervisão de Edgar Carvalho, este programa, que teve a participação dos acadêmicos de direito, agradou em cheio.

Trata-se de uma iniciativa das mais simpáticas, das mais agradáveis, revelando o cuidado de Renato Murce, em estimular os que estudam a ciência jurídica, ao lado do interesse público nos debates jurídicos.

O RADIO E A MULHER BRASILEIRA



Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

Iniciamos hoje a publicação de uma série de reportagens interessantes, realizadas por Diva Paulo, entre os mais altos valores femininos da intelectualidade brasileira, focalizando, conforme o título esclarece, o "broadcasting" nacional.

Para abrir a série dessas reportagens, Diva Paulo oferece a palavra da grande poetisa Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, que expendeu conceitos cheios de oportunidade e interesse e no próximo número daremos a entrevista feita com a romancista Tetra de Tefé, outro nome aureolado das nossas letras.

I

ANNA Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, um dos grandes nomes da poesia brasileira de todos os tempos, responde às cinco perguntas permanentes de nossa "enquête". Espírito nobre, sempre voltado para o bem, sempre disposto a fazer algo de útil em benefício da coletividade, Anna Amelia assistiu ao alvorecer da radiofonia nacional, quando Roquette Pinto introduziu em nossa pátria o m'lagre de Marconi. As opiniões da autora do famoso soneto que é *Mal de Amor*, escritas especialmente para O MALHO, serão analisadas, naturalmente, pelos que porfiam por melhorar o nível das transmissões radiofônicas.

São as seguintes as respostas da ilustre presidente da Casa do Estudante do Brasil.

P. — Que juízo faz do nosso "broadcasting"?

R. — Tendo assistido, com vivo interesse, às primeiras realizações radiofônicas — obra de Roquette Pinto e de um grupo de outros verdadeiros idealistas — é com grande prazer que constato os grandes progressos do "broadcasting" nacional, embora nem sempre tenha êle evoluído no caminho que aqueles sonhadores lhe apontaram: missão essencialmente educativa e cultural.

P. — Que se poderia fazer para elevar o conceito do radio brasileiro?

R. — Da maior observância dessa orientação, conquanto não se possa nem se deva mesmo tolher a expansão do anuncio comercial, depende, está claro, a sua necessária e crescente elevação, em benefício da cultura do nosso país.

P. — Qual a aplicação que deveria ter o "broadcasting" em relação às donas de casa?

R. — Cada vez mais a educação e o progresso femininos permitirão às donas de casa fazer do rádio uma distração igual à que nele buscam as outras pessoas. Não me parece que elas mereçam menos as irradiações de arte ou de cultura, assim como não me parece que o radio se deva dedicar às recitas culinárias, a não ser que envolvam uma intenção sociológica, como as de Gilberto Freyre.

P. — Como tornar o rádio interessante para as moças?

R. — As moças podem ser, como as donas de casa, preparadas para procurar no radio, como nos livros, alguma coisa mais que nomes de artistas de cinema.

P. — Que deverá fazer o rádio para colaborar na grande obra de educação popular?

R. — Interessando pela arte, pelas palestras rápidas, leves, mas cultas, pela variedade de musica, teatro, poesia, ciência, comentários, críticas, o rádio estará, cada vez mais, colaborando automaticamente na grande obra de educação popular.

DIVA PAULO

SENHORA

Suplemento feminino

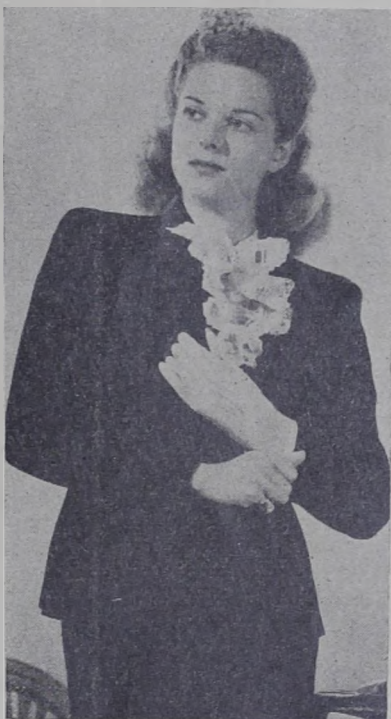
POR SORCIÈRE

mais elementar, você viverá mais feliz, porque mais encantamento produzirá à sua roda. Os filhos, a família são bem mais sensíveis a um quadro harmonioso de viço e de formosura que às estampas de dorido aspecto.

Hoje, mais que sempre, o nosso empenho pela conservação da saúde importa em obrigatoriedade. As situações desagradáveis, por vezes quase de desespero, são passíveis de vencer, desde que se tenha o organismo em fôrma.

Posto isso . . .

Passo a desejar que me escute, e, quando, lá longe, na sua bela casa da Província, principiar a retirar das malas as roupas para as suas belas filhas, entusiasmando-as com a graça de um traje branco, com os "ensembles" estampados, com as ricas tonalidades de vermelho, de verde, de amarelo, aqui e ali, em evidência; encantando-as com os costumes de alvo fustão ou de "shantung" de colorido pastel; quando, saciada da alegria de estar de novo no seu ambiente, entre os que tão estremecidamente adora, você possa pôr em andamento tão elementares instru-



Miss Randolph, como toda mulher de bom gosto, adora o "tailleur". E este é para um jantar de cerimônia.

ções, há de encontrar um minuto para me querer bem, porque, à distância, a nossa recordação dá sempre melhor corpo aos fatos, às coisas, e você se capacitará, em refletindo, de que se vence melhor quando se tem vontade de vencer, vontade impulsionada pela excelência do físico.

Está certo?

Edith Head, da Paramount, desenhou para a linda Dorothy Lamour este costume azul escuro, iniciais aplicadas com o mesmo tecido. Sapatos marinho, demais complementos brancos.



Jane Randolph, da R. K. O., num "tailleur" bem estival: casaco branco, saia estampada.

OLHE, minha amiga, você está errada, literalmente errada!

Em sendo, como é, mulher de bom gosto, em sendo, como é, apreciadora das lindas coisas que a natureza e o homem criaram para nosso prazer, você não pôde, em absoluto, dizer mal de uma das modalidades mais práticas e elegantes da indumentária da mulher: o "tailleur".

Naturalmente, você não teve sorte ao encomendar os primeiros trajes logo que aqui chegou. Está cansada, e o cansaço é suficiente para tirar-nos todo e qualquer ânimo.

Agora, se, em lugar de mandar fazer ou comprar dois ou três vestidos, você houvesse preferido um costume, um só, sóbrio, preto ou marinho, uma blusinha "chemisier", um chapéuzito faceiro, com uma guarnição de penas ou uma rêde de grosso véu, estaria satisfeita, e tanto que os outros vestidos seriam selecionados com calma, talvez, mesmo, a exemplo de muita mulher "chic", mais dois ou três "tailleurs" estariam em execução, pois, como tenho acentuado, é, hoje em dia, veste apropriada à manhã, à tarde, à noite. A linha que empresta à mulher é fidalga, e basta que seja bem talhado para formar a maravilha que a nossa faceirice reclama.

Para você, simples demais e por demais despreocupada com os trapos de uso pessoal, o "tailleur" é a vestimenta ideal, e, desde que a êle se acostume, será mais adepta da "toilette" que a parisiense implantou no mundo civilizado. E agora, nêstes tempos de guerra, o que é prático é o que mais agrada, embora os acessórios que a fantasia produz encerrem o máximo de feminilidade, o todo que satisfaz a ativa "coquetterie" da mulher.

Você, minha amiga, bonita como poucas, de uma beleza assás deicada, ainda moça, e inteligente, gosta muito das suas filhas, do seu marido, dos netos. Labora, porém, em êrro quando a êles se dedica em se descuidando de si mesma, em oferecendo sempre uma aparência de fragilidade doentia. Tratando do físico, o moral será mais forte; tratando do físico, o que importa em tratar primeiramente, da saúde e, depois, do que a conservação da beleza exige de

COMO VESTEM



Estas páginas mostram Joan Bennett, "star" da Columbia em "The wife takes a flyer", com uma série de bonitos vestidos apropriados à carioca na presente estação. Princípios por este, branco e monograma de cobre, para usar à tarde.

Cabe durante a primavera o vestido de algodão branco e preto, colêie preto, de justão, que Joan veste elegantemente para jantar.



"Para qualquer ocasião" é este "tailleur" de "shantung" verde, desenhado por Irene. Reparem na abagaodeada da curta jaqueta, e na saia mais larga.



Aquí a linda "star" sugere um esplendido emprego do branco e preto.

"They all kissed the bride", da Columbia, apresentará Joan Crawford neste belo vestido para a noite.

AS "ESTRELAS" DO CINEMA



Eis miss Bennett num moderníssimo "black dinner dress", monograma da mesma seda sobre "taffetas" branco.



Para dansar, a estrela da Columbia em "Highly Irregular", adora esta reminiscência de traje usado durante a "Guerra Civil". E' de cambraia bordada, quarnecido de "plissés", e de fita de veludo negro.



Patricia Morison, linda "star" da Paramount, vestida de crêpe verde mar, guarnição de "petit gris" havaiana forte. Chapéu do mesmo tecido, luvas "beige", sapatos de camurça "marron".



Chapéu estival, ideado por Charles Armour, de Nova York.

ELEGANCIA



Vestido de "rayon" de algodão estampado de tons vivos, ao lado de outro de fustão branco com enfeite de cianinha azul forte.



Para de tarde, e jantar também em noite quente, eis um lindo traje de seda branca, estampada de preto.

PRÁTICA



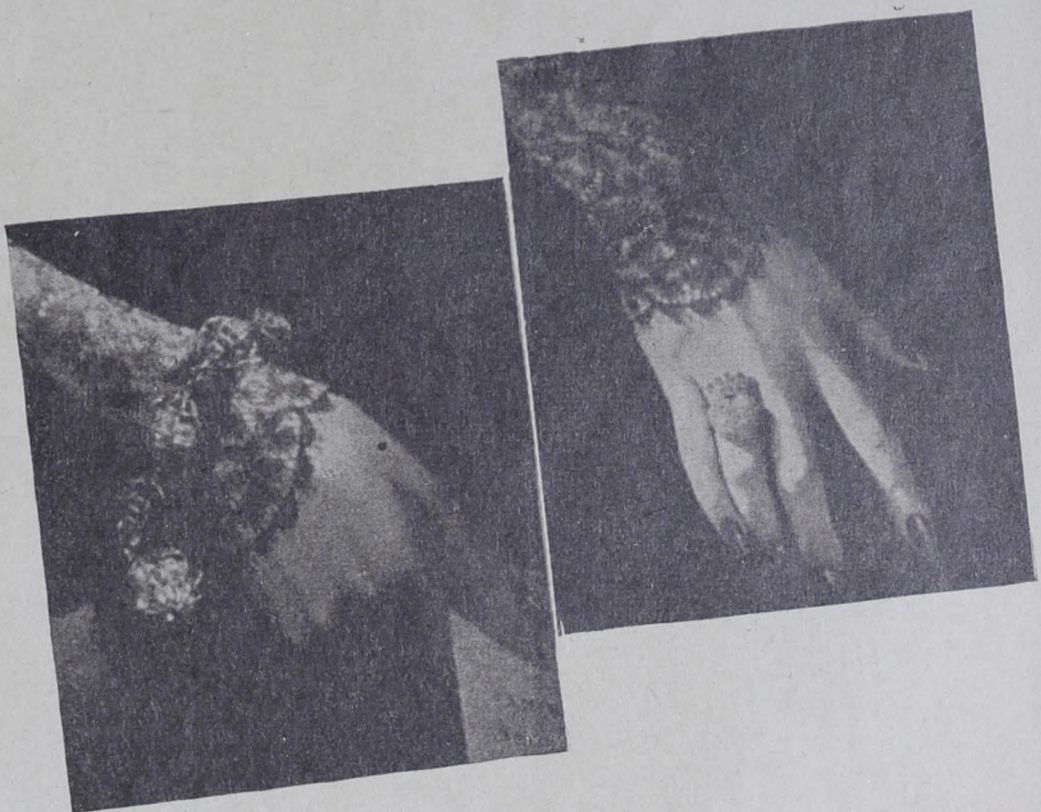
Para de tarde — gracioso "tailleur" de seda preta com estamparia multicôr. Chapéu branco, de panamá.



Vestido azul, de "surah" de seda, botões pretos, brilhantes.



Para fazer compras, Betty Rhodes, da Paramount, aconselha este costume verde estampado de branco, chapéu e demais acessórios brancos



Anel e bracelete modernos: o primeiro representa um coração e corôa de brilhantes engastados em ouro; o segundo: pedras de côres sob gradeado de ouro. Joias de Bergdorf Goodman. (A. do Norte).

CHAPÉUS...



Gene Tierney, artista da 20th Century Fox em "Thunder-birds", glorifica o tecido de algodão branco estriado de preto, nas luvas e na guarnição de um pequeno "coiffant" de palha ciclamen.



Evelyn Keys com um lindo chapéuzinho de palha guarnecido de flôres. A primeira criação é de Florence Reichman, da Columbia.



Maureen O' Hara apresenta um chapéu para gente moça.



Gracioso chapéu de palha "beige" enfeitado com veludo vermelho e azul.



"Turban" e bolero branco com aplicação de bordado preto e lantejoulas, num desenho persa muito interessante. Criação de Edith Head para Dona Drake em "The road to Morocco".

PENTEADOS... JOIAS



Em "Spitfire", da RKO, Lupe Velez, a endiabrada, mostrará joias e penteados novos.



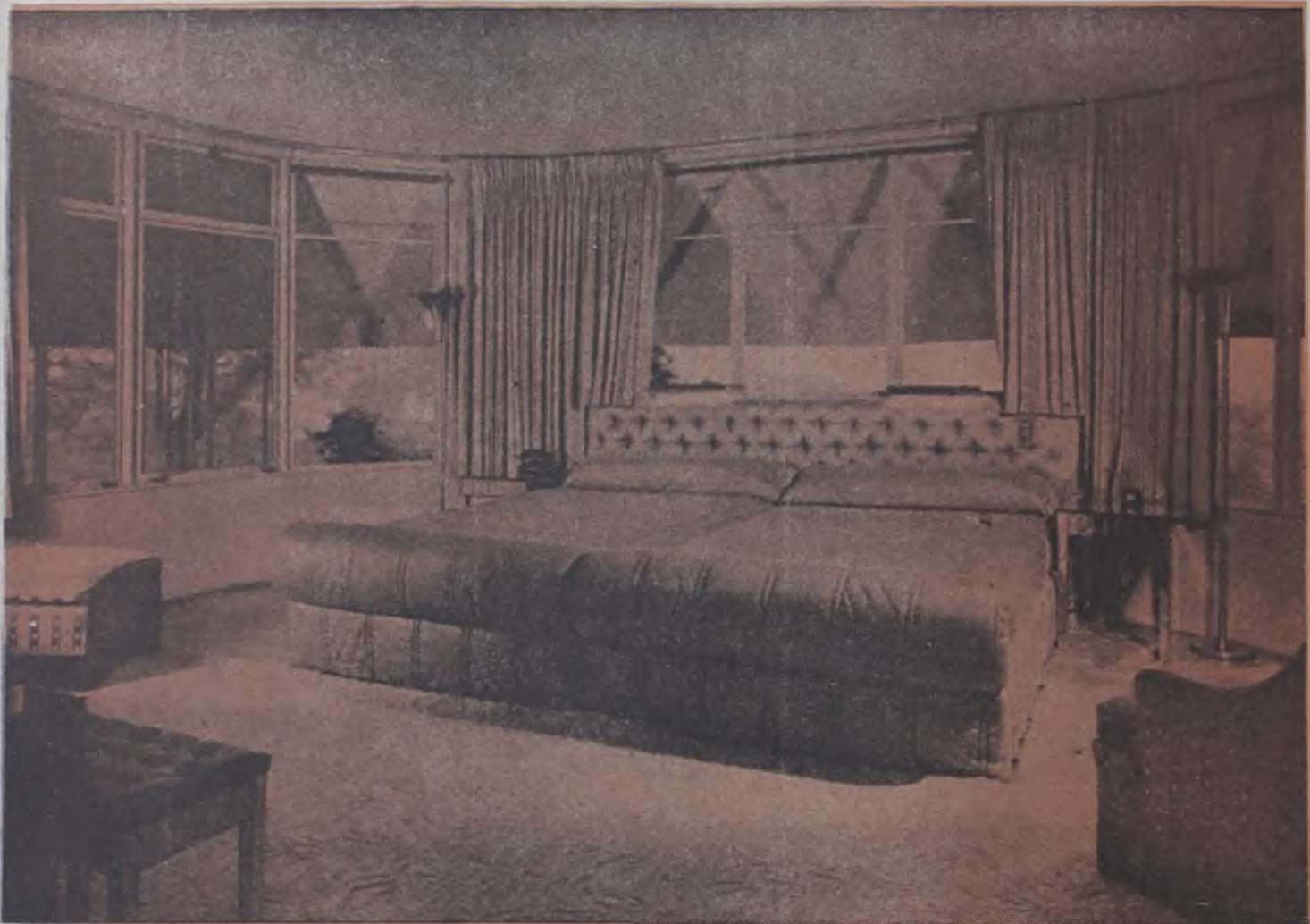
Joias e penteado atualíssimos, de Rosalind Russell para a carioca. "Stand by to die" é a nova produção da elegante "star" para a RKO Radio.



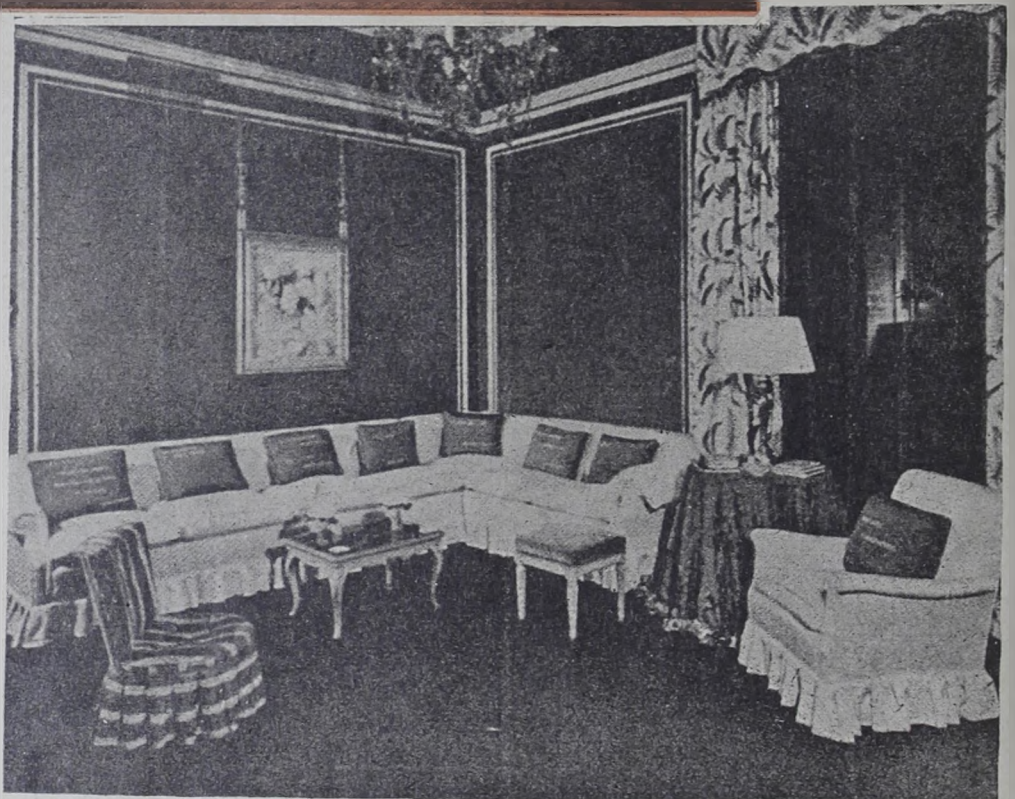
Diamantes incrustados em ouro enfeitam o penteado de Joan Bennett.

Mary Martin, da Paramount, com uma nova estilização de "aureola".

DECORAÇÃO DA CASA



Quarto para casal preparado no estilo moderno, com duas camas acolchoadas, muito confortáveis. É a espécie de mobiliário mais adequado aos apartamentos de hoje.



Canto de sala um pouco no velho estilo, também se enquadrando em regras de atualidade. Predominam branco rosado e azul-rei no estôfo dos móveis, uma poltrona marinho listrada de rosa forte, cortinas crê-me estampadas de azul em dois tons.



PASSADEIRAS · TAPETES · MOVEIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

SEGREDOS DE BELEZA EM HOLLYWOOD

POR MAX FACTOR

ATENÇÃO, SENHORAS QUE
TRABALHAM

Será Você leitora uma das criaturas que sempre andam apressadas? Será uma dessas mulheres que sacrificam, na pressa, até as exigências do "orçamento" de beleza?

Se o é, fique sabendo que necessita reorganizar seus hábitos de beleza. Toda mulher deve ter para si mesma, e para as pessoas com as quais está em contacto, aparência agradável e atraente. Esquecendo, importantes e indispensáveis passos na rotina da beleza, tudo refletirá mal com o passar do tempo. Infelizmente tais danos durante algum tempo não são revelados, e muitas pensam que tudo vai às mil maravilhas. Como consequência "Milady" torna-se despreocupada, e reconhece o que perdeu tarde demais.

A principal arma de defesa é o PLANO, plano do que se tem a fazer e em seguida executá-lo. As perdas de tempo em prol da beleza, além de diminutas são muito espaçadas. Um inteligente emprego de horário para semelhantes cuidados demonstrará facilmente que benefícios nunca antes experimentados estarão logo a favor. Lembre-se, porém, leitora, que não deve fazer as cousas de maneira accidental, uma vez por outra, mas sempre.

Permita, pois, que apresente um programa para a mulher que trabalha, que tem pouco tempo livre, e possui uma pele seca normal, cada dia.

1.º — Limpeza... 3 minutos. Empregue um creme líquido ou oleoso, pois a ação rápida é de grande importância. Remova o creme e prepare o rosto para o *maquillage* com a pele refrescada. Se puder tomar o banho ou ocupar-se em outra coisa por alguns minutos, o creme terá então maior efeito.

2.º — Aplicação da "base" do pó... 1 minuto.



EVELYN KEYES, artista da Columbia em "He's My Old Man", veste "informal", vestido de noite bem adequado à primavera.

Aquí está uma real economia de tempo. Embora roube apenas um minuto pela manhã, representa uma economia de vários minutos durante o dia, pois não precisará estar constantemente retocando o "make-up".

3.º — Aplicação do "maquillage"... 5 minutos.

Ponha o "rouge" em primeiro lugar; durará para todo o dia. Então aplique o sombreado dos olhos, pó, lapis de sobranceira, creme de palpebra e o "bâton", na ordem mencionada.

E aí está um completo "make-up" em menos de dez minutos, o que não representa tempo exagerado, mesmo para a mulher mais ocupada. Toda mulher que trabalha sabe melhor que eu da importância da aparência nos negócios.

Agora, que fazer à noite? Se tiver que sair novamente, repita as três clausulas aconselhadas acima. É excelente idéia fazer outra limpeza quando de volta à casa. Não porque o creme já não esteja bom, e sim em

benefício da pele. Agua e sabão realizam esta limpeza maravilhosamente, não havendo necessidade de massagens.

Se os seus negócios não exigem saída à noite, a sua rotina de beleza cada noite deve ser a seguinte:

1.º — Limpeza... 3 minutos.

2.º — Tratamento lubrificante... 3 minutos.

Ponha um rico emoliente e creme de tecido sobre a pele, e deixe que assim passe a noite.

As mulheres de peles oleosas deverão fazer uma lavagem com água e sabão em vez do creme matinal. E usar uma forte loção adstringente em lugar de uma refrescante. Também um creme de madresilva (honeysuckle) será base melhor para o "maquillage".

Agora que o plano já está traçado, decida-se a executá-lo. Por certo Você não gastará de maneira melhor estes 15 minutos. Ponha esta minúscula partícula de tempo sob a seguinte inscrição:

DEDICADO À BELEZA. — Trata-se de um emprego de "capital" magnífico!



TOALHA PARA CENTRO DE MESA

Material necessário:

2 meadas de cada uma de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA". F 402 (vermelho), F 693 (vermelho claro), F 492 (rosa claro).

1 meada de cada uma de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA". F 443 (amarelo), F 496 (verde grama pálido), F 477 (marron).

1 pedaço de linho pálido amarelo medindo 64 centímetros x 44 cms.. Agulha de bordar marca "MILWARD" n. 6.

(Usar três fios de linha para bordar.)

Os diagramas indicam a distribuição das cores e a direção dos pontos.

As pétalas: — Trabalhar as pétalas em ponto caseado usando as cores vermelha, rosa claro e vermelho claro.

OS CENTROS DAS FLÔRES

Trabalhar nós franceses com a cor amarela e linhas de ponto de haste com a cor marron saindo do centro, e o círculo no centro em ponto de haste com a cor verde grama pálido.

Material necessário em linha Brilhante Perola marca "ANCORA" n. 8 (novelos de 10 gramas).

1 novelo de cada uma das cores seguintes: F 402 (vermelho), F 693 (vermelho claro), F 477 (marron), F 492 (rosa claro), F 443 (amarelo), F 496 (verde grama pálido).

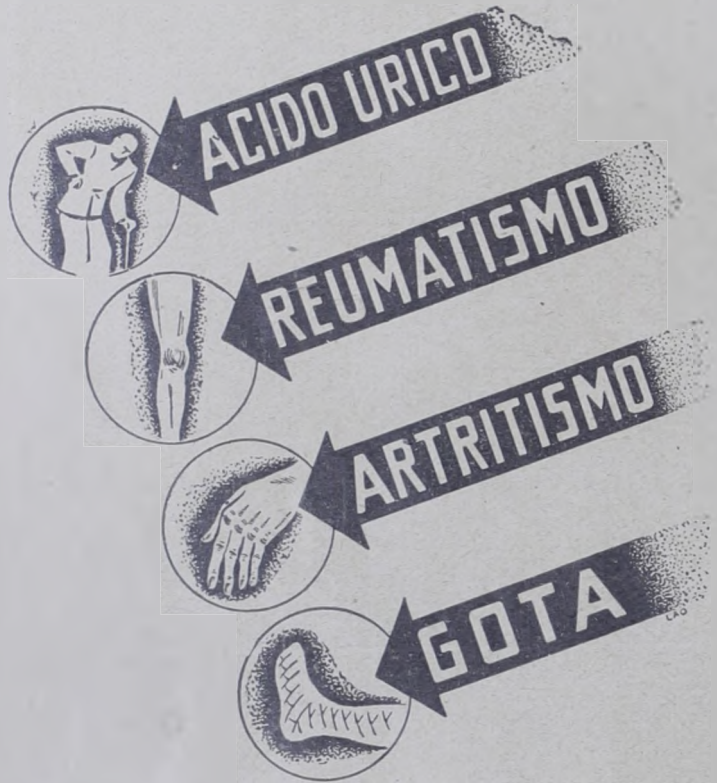
Vide o risco e a indicação do ponto na revista ARTE DE BORDAR no número do mês de Outubro.

VÊR NA PÁGINA 3 — NÓS LHE RECOMENDAMOS

ANDE BONITA EM CASA



Sim, em casa você deve vestir-se com o mesmo carinho com que se prepara para sair. Faça tal qual as artistas do cinema e as mulheres de bom gosto. E, em assim sendo, copie os modelos desta página, os quais representam: — Frances Dee com um pijama “toilette” de flanela vermelha e seda estampada; Betty Field com um “robe” de “marocain” preto, gola de organdi, anagua de “taffetas”, talhada á antiga; e Ginny Simms trajada de “chiffon” e bordado de perolas para jantar na intimidade do lar.



LYTOPHAN

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DO NUMERO PASSADO PROBLEMA COM CARTAS QUEM FICARA' COM A ÚLTIMA?

E' evidente que conseguirá ficar com a 52.^a carta aquêle que haja tomado a 45.^a, visto como no seu derradeiro pedido o antagonista só poderá então alcançar ate a 51.^a, deixando forçosamente pelo menos uma de resto. Raciocinando analogamente, ver-se-á que poderá ficar com a 45.^a carta quem tenha tomado a 38.^a, com esta o tomador da 31.^a, com esta o tomador da 24.^a, com esta o tomador da 17.^a, com esta o tomador da 10.^a, e com esta o tomador da 3.^a.

Por conseguinte, si ambos os jogadores conhecerem êsse simples segredo ganhará o que tiver a saída, pois desde que comece pedindo três cartas se garantirá a faculdade de tomar a 10.^a, a 17.^a, a 24.^a, a 31.^a, 38.^a e, finalmente, as últimas.

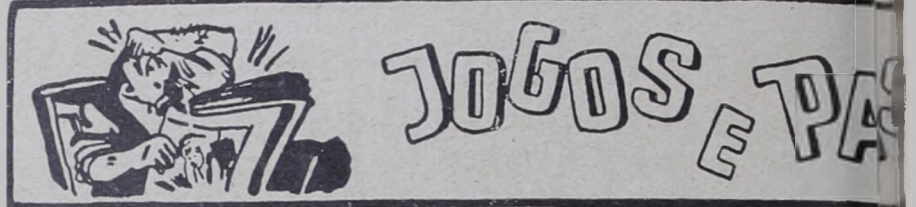
Si um dos parceiros jogar ao acaso, na ignorancia da regra a observar, bastará que o outro trate apenas de se apossar dos últimos termos da série citada.

Claro é que em vez de cartas poderão servir para o jogo fósforos, tentos, etc., e que se poderá variá-lo não só considerando o número total de objetos diferentes como alterando o número limitativo de cada retirada.

COCKTAIL DE LETRAS

- | | |
|----------------|-----------------|
| 1. Washington. | 11. Moreno. |
| 2. Rivadavia. | 12. Pericles. |
| 3. Richelieu. | 13. Maquiavel. |
| 4. Disraeli. | 14. Sully. |
| 5. Lincoln. | 15. Metternich. |
| 6. Thiers. | 16. Colbert. |
| 7. Castelar. | 17. Fouché. |
| 8. Clemenceau. | 18. Godoy. |
| 9. Gambetta. | 19. Fouquet. |
| 10. Cavour. | 20. Salisbury. |

O MALHO

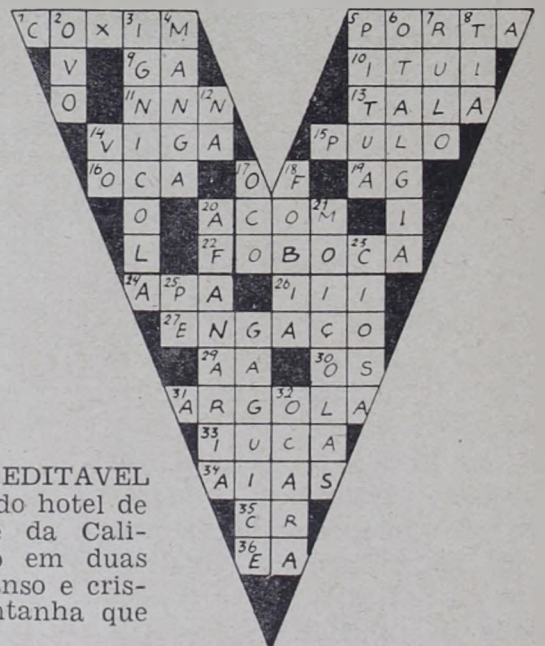


TEXTO ENIGMATICO

"-P +h o a vi 2 em
 Q a Si +C -P um
 R/2 do. E' q
 etou n sdo net
 ins +t... a nha
 a o i quinha sse!
 ningu a + d Vm R o obs +t +c/o
 q RAM. E' a o i go d +R
 fa 2 to 2 o ssi v a the
 Oh, Vnha, Vnha!
 To S % d SE JS se +R
 S CO d CER d E'
 TARA SE O +E tor +a +"

(Solução no próximo número)

CRUCIGRAMA



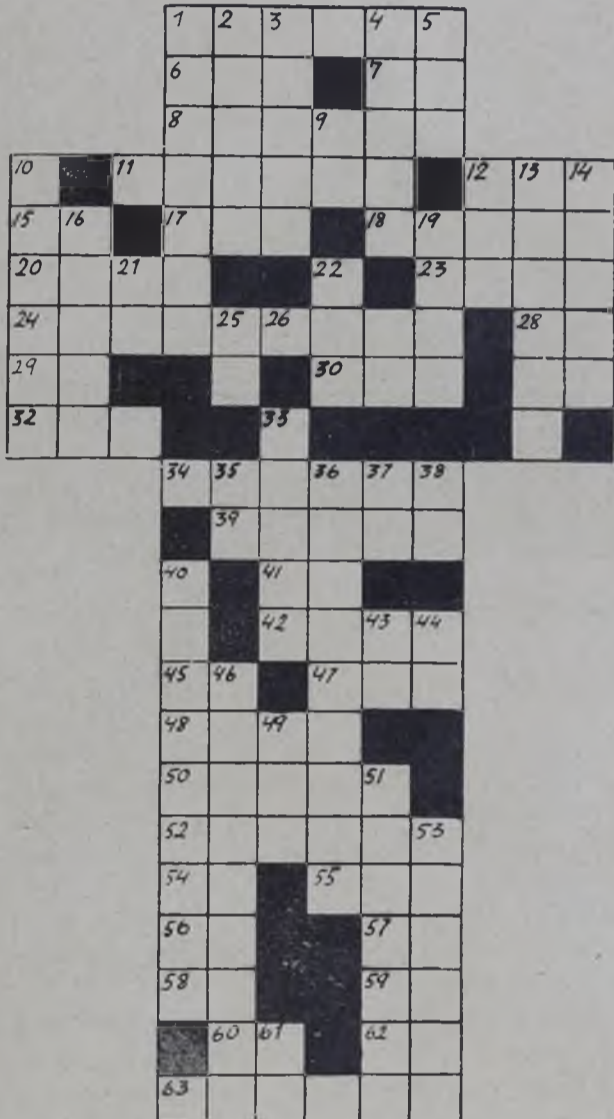
TEXTO

ENIGMATICO

PARECE INACREDITAVEL "O restaurante do hotel de Brookdale, cidade da Califórnia, é dividido em duas partes por um manso e cristalino rio de montanha que o atravessa."



CRUCIGRAMA



HORIZONTALS:

1 — Restos mortais; 6 — Sinhá; 7 — Interjeição; 8 — Escravo alforriado; 11 — Puxão; 12 — Amarra; 15 — Nota musical; 17 — Hora de ofício divino; 18 — Da Dinamarca; 20 — Concedida às avessas; 23 — Rastro; 24 — Sacatrapo; 28 — Hilario Rodrigues; 29 — Silvio Dória; 30 — Origem; 31 — Contração; 32 — Quasi poeta; 34 — Sarcasmo; 39 — Adubo; 41 — Rui Vale; 42 — Quasi ponto cardinal; 45 — Nota musical; 47 — Tapuias e outros índios; 48 — Raça dominante no Perú; 50 — Mínerio; 52 — Digressão no discurso; 54 — Conjunção invertida; 55 — Olavo Tavares Nunes; 56 — Silvio Rodrigues; 57 — Letras; 58 — Evandro Evans; 59 — Verbo; 60 — Pronome; 62 — Nilovale; 63 — No verbo pautar.

VERTICAIS:

1 — Gênero de plantas; 2 — Pássaro; 3 — Do verbo conhecer; 4 — 10 anos invertidos; 5 — Criada; 9 — Italo Cerqueira; 10 — Verbo; 12 — Parte de tempo; 13 — Fôrno para cozer telhas; 14 — Planta aristolochiacea; 16 — Tempo de vida; 19 — Ato; 21 — Adverbio invertido; 22 — Espécie de ferro; 25 — Ama; 27 — Heitor Vale; 33 — Péle; 35 — Registro Geral; 36 — Meio de transporte; 37 — No meio de fino; 38 — Contração; 40 — Aforamento; 43 — Igreja; 44 — Tio Sam; 46 — Penitente; 49 — Club sem uma; 51 — No osso; 53 — Irrite; 61 — Letras.

(Solução no próximo número).



ESSA ASMA QUE CHEGA QUASI A SUFOCÁ-LO E QUE LHE DEIXA O PEITO A DOER, PÓDE SER COMBATIDA USANDO

XAROPE Não aceite substituto. Exija o nome "CAMARGO MENDES".
ANTI ASMÁTICO
de Camargo Mendes
 SÃO PAULO C. POSTAL 3413

Venceu!...

Porque toma

BACALAO

DO DR. RICHARDS

O fortificante incomparavel que contém todas as vitaminas do oleo de fígado de bacalhau, combinadas com as da levedura e é completamente isento de cheiro e sabor desagradaveis

Banco Brasileiro do Comércio S/A.

(Antigo Banco dos Funcionários Públicos)

52 Anos de existencia

Matris :
RIO DE JANEIRO

Filial :
SÃO PAULO

R. do Carmo, 57/59

R. Alv. Penteado, 49/53

Séde Própria

Séde Própria

DEPÓSITOS — CAUÇÕES — DESCONTOS
COBRANÇAS — ORDENS DE
PAGAMENTO

C/C Populares — (até 10:000\$000) 5 % a.a.

C/C Limitada — (até 50:000\$000) 4½ % a.a.

C/C Movimento — (sem limite) 3 % a.a.

C/Aviso Prévio — (sem limite) 5 % a.a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

12 meses 7 % a.a.

12 meses c/renda mensal 7 % a.a.

6 meses 6 % a.a.

PROVISÃO

E' da natureza do seguro de vida garantir provisão para renda na velhice; provisão para a família em caso de morte do segurado; provisão para liquidar uma hipoteca; provisão para educar os filhos; provisão para evitar a liquidação de uma firma comercial.

A satisfação de tais benefícios, através tantos anos de existência do seguro, tem sido de valor incalculavel para aperfeiçoamento social e individual.

* * *

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal, 971 Rio de Janeiro

AGENOR DE CARVOLIVA

Este nome evoca a geração brilhante do principio do século, a época áurea da imprensa carioca, que teve no escritôr agora desaparecido uma de suas figuras mais eminentes.

Homem de imprensa, por destino e vocação, durante muitos anos Agenor de Carvoliva foi — digamo-lo assim

— a alma do "Jornal do Brasil". Critico teatral, senhor do assunto e franco nas suas opiniões, foi um lançador de personalidades, um batallador contra o falso valôr. Sarah Bernhardt, a Duse, Coquelin, reconheceram-no como o seu melhor critico, no Brasil.



Agenor de Carvoliva num de seus últimos retratos

Fundou a "Página Literária", a antecessora de todas as seções, de jornais, de estímulo aos novos.

No momento em que nos purificamos dos erros de muito tempo da política de colonização, é dever lembrar que Carvoliva, educado em Blumenau num ambiente germanizado, foi quem deu o primeiro brado contra os quisotos raciais. Era então o mais joven e combativo dos jornalistas de Curitiba.

Muitos anos após — n'A *Semana do Espirito*, o último lampejo do seu valôr no jornal a que se dedicava — desmascarou a sutil e perniciosa expansão nipônica no nosso interior.

O *Malho*, cujos primeiros números contaram com a sua colaboração, recentemente publicou os últimos trabalhos de Carvoliva, já enfermo. Sua morte foi uma perda à imprensa carioca e às letras nacionais.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS



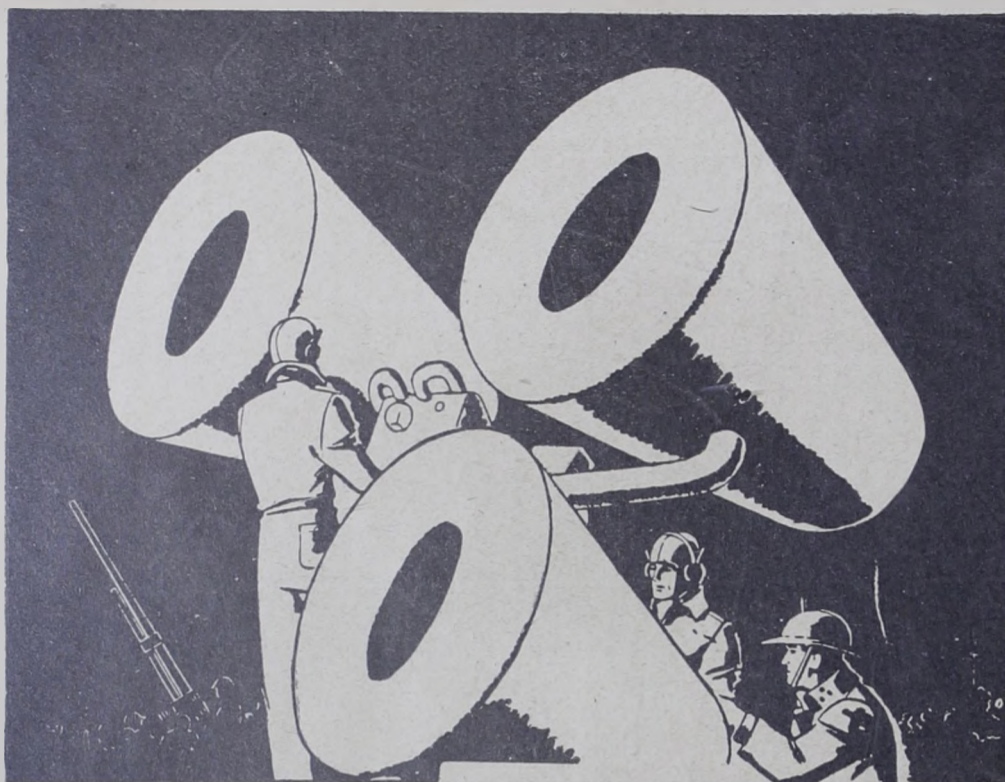
É um luxuoso volume, impresso em rotogravura, com cerca de quatrocentas páginas, contendo modas, bordados, crochets, decorações, todos os trabalhos de arte, os arranjos de casa, cuidados de beleza, conselhos, literatura, sport, cinema e curiosidade. Verdadeiro e util encantamento para o espirito feminino.

Pedidos à Travessa do
Ouvidor 26 — Rio

ANUARIO *das* SENHORAS

um tesouro para o lar

EM DEZEMBRO



Estes aparelhos do escudo captam, da longa distância, o ruído dos motores e acusam a aproximação de aviões inimigos.

Não se deixe apanhar de surpresa!

A moderna técnica de defesa criou uma aparelhagem que denuncia a aproximação de aviões inimigos. É o aviso previo. Com antecedencia todos podem defender-se eficientemente. Nem sempre, porém, o Sr. e a sua família contarão com um sinal que revele perigosos acontecimentos.

Mas o Sr., entretanto, pode estabelecer uma segurança previa contra os riscos que não se anunciam. Medite sobre as incertezas do futuro e não se deixe apanhar de surpresa... Qual será a situação da família se o Sr. desaparecer subitamente? Terá ela o

necessario para as despesas que hoje o Sr. paga? Instituinto um Seguro de Vida, o Sr. garantirá defesa a sua esposa, com antecedencia: a sustento do lar, alimentação, aluguel e educação dos filhos. E não pense que o seguro só está ao alcance dos ricos. A Sul America tem planos adaptaveis a todas as bolsas. Procure conhecê-los ou converse com um Agente da Sul America. Ou então, preencha — agora mesmo — o "coupon" abaixo para receber esclarecimentos uteis ao futuro de sua familia.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

Fundada em 1895

A SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre Seguro de Vida.

B. R. R. R. R.

Nome

Rua

Cidade..... Estado.....

A SUL AMERICA JÁ PAGOU MAIS DE MEIO MILHÃO DE CONTOS A SEGURADOS E BENEFICIARIOS

A DAMA DO VÉU

(CONCLUSÃO)

— O prazer de servi-la, para mim vale mais do que um cheque... Posso então guardar o cofrezinho?

— Oh, não — protestou ela — Ficarei com êle!

Estendeu a mão; mas Poirot foi mais rápido e seus dedos se cerraram sobre a caixinha.

— Opino o contrário — disse com voz mudada.

— Que quer dizer?

O tom de Lady Millicent se tornou também mais áspero.

— De qualquer modo — acrescentou êle — deixe-me tirar da caixa todo seu conteúdo. Observe, sta., que a cavidade original foi reduzida à metade, mediante uma divisão. Na parte superior, está a carta comprometedora. No fundo...

Fez um rápido gesto, extendendo depois a mão aberta. Na palma, havia quatro grandes diamantes e duas pérolas de lindo Oriente.

— Acho que estas são, as pedras roubadas no outro dia em Bond Street — murmurou Poirot. — Japp nos informará.

No auge do espanto, vi aparecer o Inspetor Japp, que saía do quarto de Poirot.

— Japp é um velho amigo seu, creio — disse ainda Poirot, cortês dirigindo-se à moça.

— Apanhada, meu Deus! — gritou ela, cujas maneiras tinham mudado por inteiro. — Demônio!

E olhava Poirot, com mal disfarçada cólera... Japp interveiu:

— Isto terminou, minha cara Betty.

Nunca pensei encontrá-la tão depressa... Também prendemos seu cúmplice, êsse cavalheiro que disse chamar-se Lavington. Quanto ao legítimo Lavington, aliás Crother, aliás Rud, queria eu saber qual dos membros do bando o assassinou há uma semana em Amsterdam.

Certamente, pensaram que êle andasse com as jóias, não? Porém êle vos defraudou completamente, escondendo as pedras em sua casa.

Você, Betty, e seu cúmplice procuraram o cofrezinho lá, mas, não o acharam. Então recorreram aos bons officios de Poirot, em cuja inteligência confiavam com razão...

— Cale-se! — Exclamou asperamente a pseudo — Lady Millicent.

— Tudo já está esclarecido, e seguí-lo hei sem gritar. Vamos!

Poucos minutos depois, ao ficarmos sós, Poirot explicou-me:

— Os sapatos a atraíçõaram. Sou francês, mas conheço bem os costumes ingleses, meu querido Hastings.

Na Inglaterra, uma senhora, uma dama bem nascida se preocupa muito com seu calçado. Poderá vestir trajo surrado, mas sempre andar bem calçada. Esta Lady Millicent, ao contrário, trazia roupas elegantes e caras, porém sapatos ordinários.

Não era provavel que eu ou Você conhecessemos a autêntica Lady Millicent... Morou pouco tempo em Londres, e esta moça tinha uma ligeira semelhança com ela. Seus sapatos despertaram as minhas suspeitas; sua narrativa e seu véu melodramático também as confirmaram.

Êsse cofrezinho chinês, com uma falsa carta comprometedora na parte superior, devia ser conhecido por todo o bando, mas a idéia da acha de lenha, foi exclusivamente do falecido Lavington, que a conservou secreta...

E meu excelente amigo fatigado, fechou os olhos sonhadamente.

SÁBIO QUE COMEU CARNE DE MACACO

Yanachaga é um monte muito alto, que se encontra no Peru, e foi escalado, pela primeira vez, há coisa de dois séculos, pelos Missionários desbravadores do Vale de Huanca-bamba. É rico em florestas virgens, que se estendem das falésias aos pincaros. Em 1892, estabeleceu ali um cientista francês, Olivier Ordinaire, que de suas viagens do Pacífico ao Atlântico nos deixou umas narrativas pitorescas. Algumas páginas consagradas às suas aventuras nas florestas de Yanachaga são capítulos que se lêem com satisfação desmedida, pelo realismo que representam. O objetivo que vamos proporcionar aos nossos leitores é dos que já nos absorveram.

"A voz da floresta — conta o ilustre cientista — mixto de ruídos e de vozes, de silvos e gemidos. À noite, reboava, por entre as árvores gigantescas, um ruído estranho, que parecia proceder das entranhas da montanha. Quando o ouvi-lo, apoderava-se de mim um terror incrível. Eram os uivos do *Onatarochi*, espécie de urso. Aquelas selvas estavam infestadas de bichos de toda sorte, alguns ferozes, como o *Puma*, pequeno leão sem juba, o *Acamari*, o urso americano, o *Curunco* (*Felix pardalis*). Conhecem-se às dezenas as espécies de répteis. A *fañta* é uma cobra, cuja mordedura produz morte instantânea. Os índios possuem um antídoto contra a picada dos ofídios: suco de *qu...*

Comíamos o que matávamos pelo caminho. Certa feita, serviram-me carne de macaco, preparado de três maneiras: cozida, assada e passada ao fogo. A arte culinária dos selvagens, denominada *Pachamanca*, limita-se a essas três operações. O fogo deles é constituído por uma enorme cova onde estendem pedras em brasa, sobre as quais colocam a caça que vão comer, condimentada com pimenta, sal e *igou*, uma planta aromática. A seguir, lançam sobre a caça certa quantidade de folhas e sobre estas estiram uma toalha molhada. Ao cabo de meia hora, a comida está pronta.

Cai, uma vez, prisioneiro dos *mbos*. Deram-me a beber o *massato* da amizade (suco de batatas) numa taça de terracota, *ocahua*, que foi passada de mão em mão e de boca em boca... E eu tive de mergulhar meus lábios nessa bebida, que eles haviam preparado para festejar minha morte!...

Mas eu fugi, aproveitando-me do torpor que o "champagne" me proporcionou.

Por ocasião das *Mallquis* (Dia de Finados) aos mortos é distribuído o *massato*, introduzindo nos tumulos (*huccas*) através de um orifício, feito na lâ-

O HOMEM QUE SE TORNOU FILHO DE SEU PRÓPRIO ESFÔRÇO



DIEGO JOSÉ VICTOR PORTALES



"Perseverança é sinônimo de felicidade". Diego José Victor Portales, "o homem de ferro" do Chile, economista de valor, é o exemplo vivo de que a perseverança é o sinônimo de felicidade. Graças à sua perseverança Portales transformou-se de um pobre caixeirinho no cérebro pensante do seu país, reerguendo-o da debacle fi-

nanceira e livrando-o do perigo externo, graças à modelar organização do exército do seu país. Espírito perseverante, Portales legou-nos uma lição que merece ser seguida. Persevere e constitua um capital ou um pecúlio, por meio de títulos de Kosmos Capitalização. Não perca mais um instante para fazer este bom negócio que lhe dará um pecúlio certo para o dia de amanhã.



KOSMOS CAPITALIZAÇÃO S.A.

Capital 2.000.000\$ - Realizado 800.000\$
Rua do Ouvidor, 87 - Rio de Janeiro

A América unida e coesa, oferece ao mundo a maior prova de solidariedade humana que a história conhece. Esta cam-



panha publicitária, é uma homenagem de Kosmos Capitalização S/A, ao povo destemido e livre do Novo Mundo.

Tupan

MOVEIS DE AÇO "MÂJÃ"

PARA INTERIORES
JARDINS
E
VARANDAS



CONFORTAVEL
ELEGANTE
E
MODERNO

METALURGICA SPOERI LTD.

R. DO CATETE, 48.

TEL. 25-776

RIO DE JANEIRO